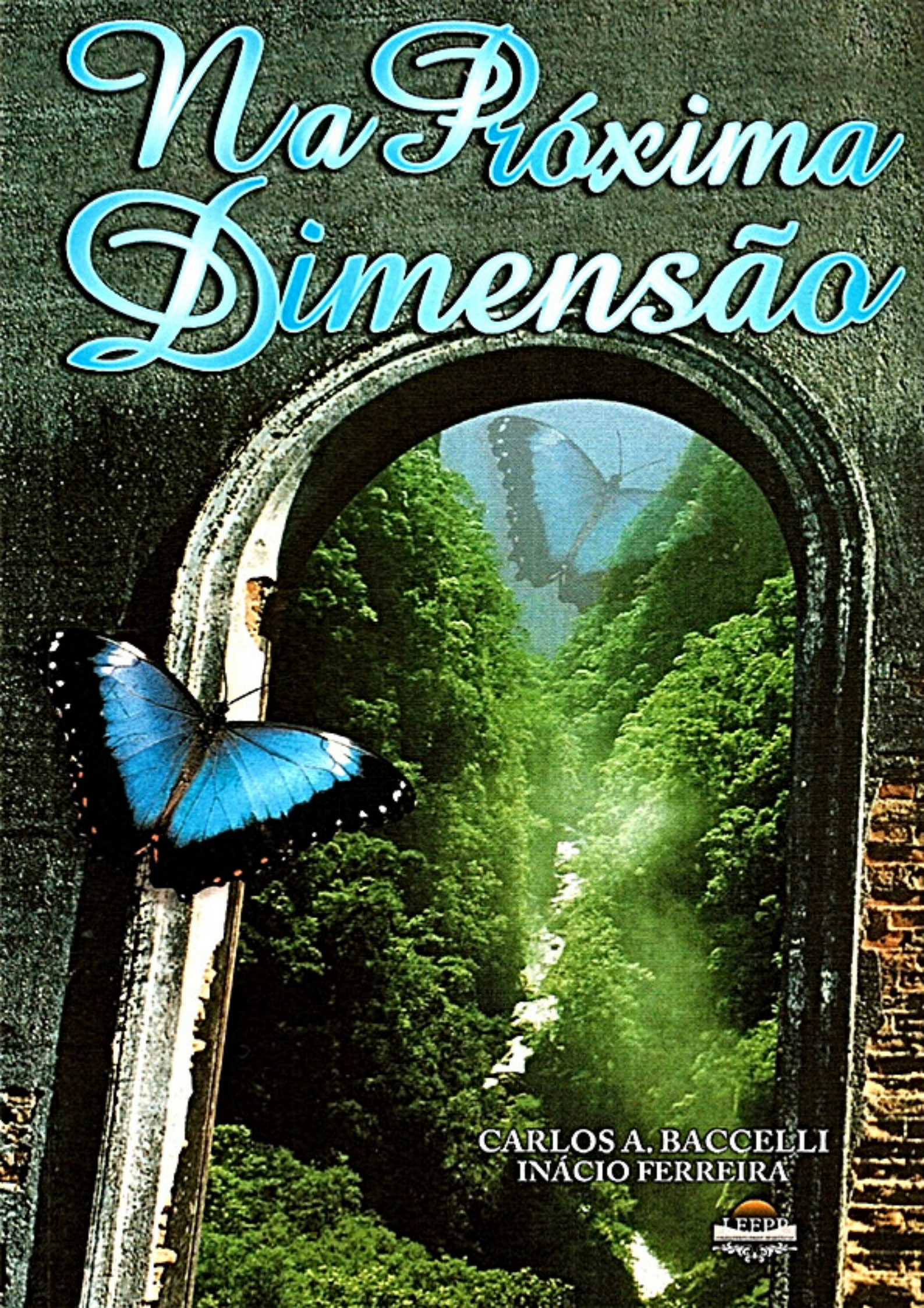
Na Próxima Dimensão



CARLOS A. BACCELLI
INÁCIO FERREIRA

LEEPP

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do ***ebook espírita*** com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***ebook espírita*** disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

NA PRÓXIMA DIMENSÃO
CARLOS ALBERTO BACCELLI
DITADO PELO ESPÍRITO INÁCIO FERREIRA

ÍNDICE

Minha Visão

Viesse do Espaço um habitante de outro planeta e pousasse com sua nave em pleno Deserto do Saara, concluiria que o Orbe não passaria de extensa faixa de terra arenosa, sob alta temperatura, inviabilizando nele o desenvolvimento de qualquer forma de vida, por mais rudimentar...
Se, alterando o curso do vôo, pousasse, por exemplo, sobre as águas do Pacifico, deduziria que o mundo por nós povoado é constituído apenas por imensa massa de natureza líquida, não oferecendo maiores opções de sobrevivência aos seus possíveis colonizadores...
E se, ainda, descendo em diminuta clareira da Floresta Amazônica, nada divisasse à sua volta, por milhares e milhares de quilômetros, senão árvores de altíssimo porte, impedindo, inclusive, a livre penetração dos raios do Sol, imaginaria que a Terra não passasse de estranho viveiro, tão-somente propício à existência das mais variadas espécies vegetais e animais primitivos...

Na esperança de que os nossos irmãos compreendam que, deste Outro Lado, os que deixamos o corpo fisico nos sentimos na condição do referido viajante do Cosmos, os quais a nave espacial da desencarnação conduziu a determinada Região de uma das múltiplas Moradas da Casa do Pai, ensejando-nos apreciá-la segundo a óptica do nosso entendimento, é que lhes entregamos as páginas deste livro despretensioso, o qual, com certeza, acrescendo-se às experiências de tantos outros, lhes possibilitarão uma visão mais ampla da vida que, um dia, nos reunirá na “Próxima Dimensão “.

INÁCIO FERREIRA

Uberaba - MG, 20 de setembro de 2002.

Carlos Antônio Baccelli

CAPÍTULO 1

Ora, eu estava morto e, no entanto, da vidraça em que observava o movimento lá fora, a paisagem humana, em quase tudo, me lembrava o mundo que eu havia deixado... Será que eu o havia deixado mesmo? Era a pergunta que, por vezes, me visitava o pensamento. Eu não habitava nenhuma região etérea, feita, como imaginava, de matéria quintessenciada; aos meus sentidos, tudo era quase igual, inclusive eu, que pouco me modificara em minha intimidade. Nos primeiros tempos de Vida Espiritual, sentira-me, sim, mais leve e mais bem disposto, mas agora, que me integrara de vez na nova realidade, não conseguia constatar em mim tantas diferenças: eu continuava sendo o mesmo Inácio, com o mesmo sangue a correr em minhas veias... Passada a euforia da desencarnação, a Lei da Relatividade se encarregava de fazer com que a vida voltasse ao normal; de onde passara observá-las, as estrelas — sem exagero algum de minha parte — me pareciam ainda mais distantes... A rigor, eu não saberia dizer se me havia aproximado ou distanciado da Luz! De fato, para os que morrem, a morte não encerra mistério algum; a nossa única expectativa que não se frustra é a que se refere à sobrevivência. Quanto ao mais...

Para lhes dizer a verdade, eu estava tendo que me esforçar para não ser indiferente aos amigos que deixara — amigos e familiares, inclusive, às coisas que me haviam ocupado a existência inteira e que, então, me pareciam de suma importância. Logo que me sucedeu o desenlace físico, o meu espírito não lograra desapegar-se do que prosseguia concentrando-me a atenção: eu era então um náufrago que não queria largar a tábua de salvação; mesmo na condição de espírita, o Desconhecido, que se me escancarara, me infundia medo, pavor... Num rápido retrospecto, a consciência não me absolvia de todo e eu tinha receio de afastar-me, ou seja, de perder contato para sempre com tudo que eu havia sido. A condição de médico e Diretor Clínico do Sanatório Espírita de Uberaba, de certa forma, me resguardava e era o único valor ao qual eu podia recorrer, caso houvesse necessidade.

Ainda lutando para me adequar à nova realidade, quando vi que a minha biblioteca estava sendo desfeita — o recanto em que eu passava a maior parte do meu tempo ocioso —, provoquei um encontro espiritual com Chico Xavier e, por via mediúnica, solicitei àquela que fora minha esposa no mundo que não continuasse dispersando os meus livros: eu ainda necessitava deles, não para compulsá-los, mas é que, depois de perder o corpo, a sensação de perda que nos acomete é muito grande, para que nos conformemos em perder mais alguma coisa. Por que procurei Chico Xavier? É simples. Se eu tivesse recorrido a outro medianeiro para o meu recado à companheira, é possível que ela tivesse duvidado da autenticidade do fenômeno e, além do mais, para enviar a ela uma mensagem através de um outro médium eu teria que trabalhar a sintonia e não sei quanto tempo semelhante providência me consumiria... O espírito não é um mágico e, muito menos, o médium, embora muitos deles, dos médiuns, confundam mediunidade com alguma espécie de magia.

Mas, voltando à vidraça que me permitia olhar o pátio do grande hospital, cuja direção, no Mais Além, estava sob a minha responsabilidade (eu não sei quando é

que vou me livrar deste carma!), quase me convencia de que aquilo era uma edição melhorada do velho Sanatório, que eu dirigira por mais de 50 anos. Alguns dos pacientes que eu tratara na Terra estavam internados ali
— e, na minha ingenuidade espírita, eu devaneava em que a desencarnação fosse uma espécie de pá de cal sobre as nossas provas... A cura do espírito, sem dúvida, era mais complexa do que supunha. Bendita a Reencarnação, bendito o Esquecimento!... Não fosse, digamos assim, o choque psíquico que a reencarnação promove no espírito, o despertar da consciência não aconteceria e a cura definitiva dessa doença chamada imperfeição jamais se consumaria. Existem espíritos que, insanos no Mundo Material, continuam insanos no Mundo Espiritual, à espera de um novo corpo que, para nós outros, funciona como uma espécie de incubadeira...

Eu rejuvenescera, é verdade, e, principalmente, largara o hábito de fumar, mas, confesso-lhes, me incomodava ser ainda o mesmo Inácio, sem a mínima possibilidade de subir um centímetro a mais na escala indefectível dos valores espirituais — podia, sim, volitar, mas tão-somente da Dimensão em que me encontrava para baixo, e vice-versa... Se eu quisesse ascender, com certeza teria que me prevalecer de uma máquina que me conduzisse, anulando o peso do meu corpo espiritual na gravidade — na minha opinião, a mais sábia das Leis do Criador.

Às vésperas de desencarnar, eu pensava assim:
Quando eu me libertar deste fardo que me oprime, poderei, livre, como os pássaros, adejar o firmamento, e o Incomensurável, para mim, não terá o menor sentido; visitarei outros orbes, físicos e extra-físicos, e manterei contato com outros habitantes das diversas moradas da Casa do Pai...

Ledo engano! Sem dúvida, a nossa linguagem comum é a do pensamento, todavia nos espíritos que povoam Dimensões Superiores o idioma é mais erudito e não conseguimos interpretá-lo com facilidade: “falam” tão rapidamente e de forma tão sintética, que não lhes acompanhamos a velocidade do raciocínio... Não estranhem que seja assim. Num mesmo país, como, por exemplo, no Brasil, todos falam a língua pátria, no entanto aqueles que se situam nos extremos da cultura se expressam de maneira quase ininteligível para os demais. O homem de conhecimento mediano não saberá o que um adolescente das favelas do Rio de Janeiro diz com os seus termos de gíria, nem tampouco entenderá aquele que somente se expressa com palavras dicionarizadas; os chamados “grafiteiros”, com os seus modernos hieróglifos, talvez sejam precursores de uma linguagem escrita constituída de sinais...

O certo é que eu continuava sonhando com as Dimensões Superiores — tão-somente sonhando... Tudo que havia feito na Terra não fora suficiente para me facilitar o acesso às regiões onde a dor não se revela ainda tão humana. Espero que os meus leitores, mormente os espíritas, não considerem desalentadoras estas minhas palavras; existem companheiros de Doutrina que estimam sonhar com “Nosso Lar”, a colônia espiritual a que André Luiz se refere em um de seus magníficos trabalhos enviados ao mundo. Não, os espíritas não devem trocar o Céu dos católicos pela região espiritual de “Nosso Lar”, cidade que se localiza nas vizinhanças do orbe, muito distante de servir de parâmetro para as

organizações situadas noutras Dimensões, inclusive àquelas que se erguem nas faixas do Umbral.

Imerso nestas reflexões, escutei que alguém batia àporta do meu gabinete — sim, por aqui ainda temos portas e gabinetes, e, quando visitamos alguém, necessitamos fazer-nos anunciar.

— Olá, Inácio! — saudou-me o amigo Odilon Fernandes, aparecendo para uma visita.

Como é que está você?...

Além do que mereço, mas aquém do que careço — respondi, sem perder o hábito de fazer trocadilhos.

— Então, você está igual a mim — redargüiu com descontração. — A maior surpresa da morte, depois da constatação da própria imortalidade, é, sem dúvida, a de que não passamos de seres humanos, limitados por dentro e por fora...

CAPÍTULO 2

— Limitadíssimos, Odilon — acentuei, dando seqüência ao diálogo. — Confesso-lhe, com toda a sinceridade, que eu imaginava que o Plano Espiritual fosse diferente...

— Diferente, Inácio, é mais para cima... Não nos esqueçamos de que estamos nas circunvizinhanças da Terra. Você sabe que, na Natureza, não existe transição brusca; tudo obedece a um encadeamento lógico, baseado na Lei do Mérito... Como, por exemplo, adquirir asas nos ombros, se ainda mal sabemos o que fazer com as pernas?

— Mas — redargüiu o valoroso companheiro —, os espíritas haverão de se decepcionar; eu não sei a causa de, ao nos tornarmos espíritas, passarmos a achar que somos privilegiados... A Doutrina nos torna conscientes de nossas enfermidades, porém a tarefa da cura nos pertence, pois a simples condição de adepto do Espiritismo não isenta ninguém de suas provas...

— É, principalmente, do esforço de renovação... O espírita sincero é aquele que não recua diante das lutas que trava para ser melhor. Deus não cultiva preferencias... As orações dos fiéis de todas as crenças têm para Ele o mesmo valor; às vezes, quem ora aos pés de um santo de barro ora com maior fervor do que aquele que já libertou a fé de tantas formalidades...

— Como você mudou, Inácio! — brincou Odilon comigo. — Eu diria tratar-se de um espírito... Se eu não fizer esta ressalva, os nossos irmãos do mundo não acreditarão que eu esteja conversando com você, o ferrenho adversário da Igreja Católica...

— Ora, não exagere! Você sabe que eu apenas me defendia, ou melhor, procurava defender a Doutrina... Agora, no entanto, estou aqui, às voltas com a própria realidade...

— E com muito trabalho neste hospital, não é?

— Neste hospital onde, por incrível que pareça, a maioria dos pacientes é espírita... Eu preferiria lidar com um louco espírito do que com um espírita louco... Como somos, Odilon, vaidosos do nosso pequeno saber!

— Muitos médiuns internados aqui?

— O problema maior não são os médiuns que, na maioria das vezes, faliram por falta de discernimento; o problema maior são os dirigentes espíritas, aqueles que quiseram ter as rédeas do Movimento nas mãos e impunham os seus pontos de vista. Já os médiuns se assemelham aos pecadores do Evangelho, mas os dirigentes são os doutores da lei...

— Algum católico ou evangélico por aqui?

— Poucos. E são os que me dão menos trabalho... Conforme lhe disse, os espíritas é que estão mal arrumados: conversam comigo de igual para igual e, não raro, acabam invertendo de papel comigo, ou seja: tratam-me como se o doente fosse eu... Citam trechos de “O Livro dos Espíritos”, referem-se ao Espiritismo científico, fazem questão de demonstrar conhecimentos, no entanto já pude fazer entre eles curiosa constatação: quase todos foram espíritas teóricos; nunca arregaçaram as mangas numa atividade assistencial que, ao contrário, criticavam veladamente...

Conheci alguns deles, quando ainda no mundo — aparteou o devotado amigo. — Um aos quais eu me refiro chegou a combater com veemência o nosso trabalho de Sopa Fraterna na “Casa do Cinza”, em Uberaba; disse-me que o Espiritismo tinha que parar com aquilo, que nós estávamos desvirtuando tudo — o povo precisava de luz, não de pão...

— Por acaso — indaguei —, teria sido o

— Ele mesmo, Inácio — respondeu. Sempre que me via no Mercado Municipal pedindo verduras e legumes para a nossa Sopa, eu tinha que ouvir um sermão... Coitado!... Nem sei se já desencarnou.

— Ele é um dos meus pacientes aqui, Odilon, e, por sinal, é um dos que mais reivindicam...

— O R., internado neste hospital?...

- E deveria dar graças a Deus, pois, a rigor, o seu lugar seria mais embaixo... Não sei como foi que conseguiu chegar até aqui.

Ele cuidava da mãe, que morava sozinha, e não deixava que nada lhe faltasse...

De fato, eu não sei o que seria dos filhos, se não fossem as mães — comentei, emocionado. — Não fosse por elas, as regiões trevosas estariam regurgitando...

— Mas, Odilon — falei, com a intenção de mudar de assunto. E o seu trabalho com os médiuns junto à Crosta, como é que tem se desenrolado?

- Estamos indo, Inácio. Como você não desconhece, os progressos são lentos — tão lentos, que, por vezes, nos parecem inexistentes, mas vamos caminhando. A turma não quer estudar e assumir a tarefa com disciplina. Muitos começam e quase todos desistem...

- Querem colher antes de semear, não é?

- E semear antes de preparar o terreno...

- Não é mesmo fácil perseverar, ainda mais no mundo de hoje, que mete medo em qualquer candidato à reencarnação...

- Porém não existe alternativa; se você deseja escalar a montanha, não adianta ficar rodeando-a, concorda?...

E nem esperar, indefinidamente, melhor tempo para fazê-lo... Creio, Odilon, que talvez este tenha sido o nosso mérito, se é que algum mérito tivemos: embora conscientes de nossas imperfeições e mazelas, ousávamos fazer o que era preciso.

— Os médiuns, Inácio, acham que mediunidade corre por conta dos espíritos; quase nenhum quer ser parceiro ou sócio e entrar com a parte que lhe compete... Fazem uma série de alegações, quase todas sofismas, para justificar a sua falta de empenho e melhor adequação da instrumentalidade.

- O velho “fantasma” da dúvida...

- Dúvida que, conforme sabemos, persistirá em cada um, até que seja definitivamente afastada pela sua lucidez espiritual; é a dúvida que desafia o homem a caminhar... A certeza é o ponto final de jornada empreendida.

— Se o Espiritismo pudesse contar com médiuns mais conscientes... — lamentei.

— Seria uma maravilha, mas estamos confiantes para o futuro... Tudo está certo. Será, por outro lado, que se tivéssemos sobre a Terra um número maior de medianeiros convictos e responsáveis, o excesso de luz, ao invés de lhes facilitar

a visão da Verdade, não induziria os homens à cegueira? Sempre me intrigou o fato de Jesus ensinar por parábolas; por que o Mestre não falava claramente?... Quero crer que não era por falta de capacidade pedagógica ou por pobreza de vocabulário... Ele tencionava nos induzir à procura, exercitando a nossa capacidade interpretativa. A Humanidade não se redimirá coletivamente; a porta é estreita exatamente para conceder passagem a um de cada vez...

— Você, como sempre, tem razão, Odilon — concordei com a linha de raciocínio do companheiro. — É possível que Moisés, se tornasse a viver hoje sobre a Terra, viesse a reeditar a sua proibição dos homens se contactarem com os mortos; queremos mais, no entanto não estamos tão preparados assim...

— Aqui mesmo, Inácio, onde presentemente nos situamos deste Outro Lado da Vida, não estamos preparados para saber o que existe acima de nossas cabeças...

— Você tocou num assunto que tem me preocupado. É verdade, Odilon, que existem Dimensões Espirituais paralelas, ou seja: além daquelas que naturalmente se posicionam em níveis concêntricos, outras que, por exemplo, coexistem com a nossa, num Universo Espiritual Paralelo?

CAPÍTULO 3

- É verdade, Inácio — respondeu Odilon, com precisão. Neste exato momento, é possível que estejamos rodeados de entidades espirituais, habitantes de outras esferas, não aquelas às quais teremos natural acesso pelas Leis que regem os princípios da evolução; fica dificil traduzir em palavras, mas estou me referindo àqueles seres que povoam Dimensões paralelas à que presentemente habitamos. Por falta de melhor terminologia, digamos que as Esferas Espirituais diferentes como que se imbricam umas dentro das outras; coexistem sem se tocarem — aparentemente, ocupam o mesmo lugar no espaço, o que, pelas leis da Física, conhecidas, seria impossível...

— É fantástico! — exclamei, comovido. — Como o nosso mundinho lá embaixo, diante do que ficamos sabendo além da morte, se torna, em todos os sentidos, ainda mais minúsculo... E nos acreditamos os tais, detentores de conquistas que nos fazem delirar e supor que somos iguais a Deus!...

- A forma humana — continuou o estudioso amigo, no diálogo que me despertava a curiosidade —, em comparação a outras mais aperfeiçoadas, que sequer cabem na nossa imaginação, é por demais primitiva, animalesca mesmo. O espírito, em si, é energia, luz... Assim como as nossas formas de manifestação se quintessenciam, a energia espiritual se eteriza, ao ponto de identificar a criatura com o Criador. Jesus veio do futuro para o passado e o seu espírito careceu de revestir-se dos fluidos grosseiros que nos constituem o corpo espiritual; o Mestre, aproximando-se gradualmente da atmosfera terrestre, foi experimentando sucessivas transfigurações, até naturalmente materializar-se...

- Por este motivo muitos defendem a tese do “corpo fluídico”...

Inconscientemente, sim, Inácio; só que se esquecem de admitir a última fase de semelhante transfiguração — a do corpo carnal; Jesus, mesmo ele, não teria poderes para derrogar as Leis que vigem no Universo para todos os seres, O seu luminoso espírito, que efetuou a sua trajetória evolutiva em outros mundos, fora do nosso Sistema Solar, encarnou sobre a Terra uma única vez e não representou uma farsa, na tarefa que cumpriu... A sua encarnação, com certeza, deve ter lhe custado mais do que a própria crucificação. A sua intimidade com os elementos da Natureza era tamanha, que Ele transformava a água em vinho, multiplicava pães e peixes, regenerava células enfermas nos processos de cura, antevia os acontecimentos, acalmava os ventos e as tempestades e o próprio chão estremecia quando Ele se punha a orar...

— Desculpe-me a pergunta, mas como sou novato por aqui... Não disporemos, Odilon, na Dimensão em que nos situamos, veículos que nos possibilitem atravessar fronteiras? Explico-me melhor: na Terra, embora a Ciência ainda esteja engatinhando, dispomos de naves espaciais que, vencendo a gravidade, são destinadas a conduzir-nos aos demais planetas do Sistema. O homem já pisou o solo lunar e prepara-se para uma abordagem a Marte; naves-robôs têm fotografado Júpiter e Saturno... Dentro de mais alguns lustros, é possível, por exemplo, que o homem passe um final de semana num desses orbes — gracejei com o exagero. O que antes permanecia nos domínios da ficção está se tornando realidade...

- Eu sei aonde você pretende chegar, Inácio. Temos, sim, pesquisas avançadas neste sentido e alguns já se encontram realizando incursões interdimensionais, visitando a nossa Dimensão espiritual mais próxima, sem, éclaro, que se tenham que despojar do perispírito; você sabe que, através do corpo mental, podemos, em estado de desdobramento, ter acesso a outras esferas...

— Não, eu não estou me referindo a viagens astrais ultra-sofisticadas; quero saber se, em estado de lucidez, nos seria possível, à semelhança dos astronautas, visitar a próxima Dimensão e dar uma espiadela...

— Espiadela!... — exclamou Odilon, sorrindo. — Gosto de conversar e estar com você, Inácio, porque não me deixa esquecer de que ainda sou um homem, ou seja, um ser humano...

Aproveite, pois, quando estiver mais bem ambientado por aqui, talvez você venha a perder essa espontaneidade e, então, quando se comunicar com os nossos amigos na Terra, muitos não serão capazes de identificá-lo.

— Não mude de assunto — insisti. — É ou não é possível tomarmos uma espécie de espaçonave e observarmos a vida nas vizinhanças do nosso presente habitat espiritual?...

— É claro que sim — afirmou sem rodeios —, mas, com tanto a conhecer por aqui mesmo... O perímetro que abrangemos é mais de vinte vezes o perímetro planetário; se o homem, passados milhões de anos, ainda não colonizou a Terra toda, quantos milênios gastaremos para explorar as possibilidades da Dimensão em que vivemos?

— E Jesus Cristo, onde está?

Não conseguindo conter o sorriso que se lhe fez mais espontâneo, o amigo considerou:

— Ora, Inácio, não me aperte!... Quem sou eu, para saber do paradeiro do Cristo! Estou tentando manter a consciência de mim mesmo e, creia, isto já é muito. Outra coisa que você, ainda neófito por estas bandas, precisa saber: muitas personalidades famosas que inscreveram o nome na História, quando atravessam o túmulo, tomam destino ignorado ou, elas mesmas, perdem gradativamente a consciência do que foram... Você já imaginou se, por exemplo, Hitler ou Sócrates não tirassem da cabeça a lembrança do que representaram e representam para a Humanidade? O espírito “perde” a memória do que foi e “guarda” a recordação do que fez... É necessário que seja assim, pois, caso contrário, não nos renovamos. Essas personagens passam a ser um símbolo para a Humanidade e, depois, em favor de si mesmas, desaparecem.

- Mas eu ainda não esqueci que sou o Inácio Ferreira e nem você, que é o Odilon Fernandes! — redargüi.

— No nosso caso é diferente, pois, por ora, o que fomos é o único ponto de referência que possuimos... No entanto, se não reencarnarmos antes, reencarnaremos — graças a Deus! — sem aquela fixação na personagem que animamos e que interfere na nossa nova identidade. Para muitos espíritos, isto se constitui em um carma: querer esquecer o que foram, sem o lograrem, no entanto.

— Retomando o tema anterior — disse, enfático —, que me parece mais interessante, seria possível, no futuro, nos candidatarmos a uma viagem interdimensional?... A diferença deste mundo em que nos encontramos com a

nossa Terra é quase nada; sinceramente, eu esperava que a morte, pelo menos, me ensejasse maiores surpresas...

— Você, certamente, Inácio, não está considerando a experiência que tivemos, não faz muito, quando descemos às regiões trevosas abaixo da Crosta...

— Como é que eu poderia me esquecer?... — disse, arregalando os olhos, ao me lembrar dos episódios que, resumidamente, lhes dei a conhecer na obra “Do Outro Lado do Espelho”.

- Só que é fácil de conceber o que se passa no “Inferno”, mas não o que acontece no “Céu”... Se me fosse dado, Odilon, eu confesso a você que gostaria de espiar com estes olhos que a terra não comeu, o que existe além das nossas fronteiras...

- Quem sabe, ainda possamos, pelo menos, ir até ao limiar da próxima Dimensão...

- Eu teria vontade de descrevê-la para os nossos irmãos encarnados...

- Não acreditarão em você; rotularão a sua obra de anti-doutrinária e inventarão uma nova Santa Inquisição, só para assarem o médium na fogueira...

CAPÍTULO 4

— É curioso — acrescentei — como nós, quando encarnados, nos opomos à dinâmica da Revelação! —A pretexto de fidelidade doutrinária, oferecemos resistência às obras que pretendem dar seqüência àquelas já consagradas...

— Na maioria das vezes, Inácio, tal acontece porque as obras às quais você se refere não foram escritas ou intermediadas por nós. É dificil que o homem encarnado não oponha resistência a verdade que não seja anunciada por ele...

Pausando por instantes, Odilon ponderou com sabedoria:

— Por outro lado, os excessos de imaginação carecem de ser evitados; se os médiuns e os espíritos não encontrassem resistência da parte dos que se erigem em patrulheiros ideológicos da Terceira Revelação, os absurdos doutrinários ou antidoutrinários que produziriam seriam muito maiores... Como vemos, tudo está certo, e a obra, quando traz a chancela da Verdade, acaba se impondo. A semente de boa qualidade germina entre espinhos e produz os frutos a que está destinada.

- Mais uma vez, você tem razão — comentei com o amigo de excelente bom-senso e cuja experiência nos assuntos relacionados com a mediunidade eu estava longe de possuir. — De qualquer forma, no entanto, me será lícito tentar, não é? Ou, também, devo me sujeitar a alguma espécie de censura deste Outro Lado da Vida?

— Não existe, de nossa parte, restrição alguma, Inácio, mas você conhece bem o nosso meio, lá na Terra...

— E como conheço!... Nos últimos tempos, por não suportar a convivência com certos companheiros de ideal, terminei, equivocadamente, me insulando; mil vezes preferível combater os padres do que os espíritas! ... Nas camadas simples dos adeptos do Espiritismo, entre os servidores por assim dizer, nos deparamos com a fraternidade legítima, mas nas cúpulas diretivas!

Qualquer que ocupe um cargo de direção, vira a cabeça e passa a se acreditar um espírito encarnado investido de elevada missão...

Odilon sorriu e, quando íamos dar seqüência ao assunto que, de certa forma, ainda me incomodava mesmo depois da morte, alguém se nos fez anunciar. A jovem atendente que trabalhava comigo, avisara-me que Paulino Garcia e Manoel Roberto haviam chegado e permaneciam à espera.

- Por favor, peça aos dois que entrem...

Odilon, sempre gentil, levantou-se da poltrona e cumprimentou os amigos efusivamente.

— Olá, Paulino! Como vai passando, meu filho? E você, Manoel? Há quanto tempo não nos vemos?...

— É verdade, Dr. Odilon, tenho andado um tanto ocupado ultimamente — respondeu o antigo Enfermeiro Chefe do Sanatório Espírita de Uberaba.

— Ocupado e preocupado, não é, Manoel? —aparteei com naturalidade.

— O senhor sabe como são os assuntos de família — explicou-se o amigo recém-chegado —: a gente desencarna, mas não consegue se desligar... A consciência continua me cobrando um melhor desempenho e tenho muito que fazer para tentar reunir os valores familiares que se dispersaram. Eu também sou

um daqueles que não cumpriram bem com os deveres de casa...
- Não exagere, Manoel! — retruquei, com o propósito de aliviar o amigo, cujo semblante se cobrira de tristeza. — Você fez o que pôde. Eu, você, o Paulino, o Odilon — todos fizemos o que pudemos... Como se dar o que não se tem? Se a terra não é de boa qualidade, não adianta semear. Reaja, homem! A reencarnação está aí pela frente...
— Mas é justamente isto que me preocupa:
reencarnar e repetir os mesmos erros...

— Calma, Manoel! — foi a vez de Odilon falar, confortando o coração do irmão que tanto fizera pelo ideal que nos era comum. Não se angustie... Os nossos familiares são os nossos analistas em profundidade; se não nos sentíssemos responsáveis por eles, viver não seria assim tão complexo e nos iludiríamos quanto à nossa real capacidade de amar... Aqueles com os quais pouco convivemos pouco nos conhecem e nos transferem, de nós mesmos, uma imagem que não corresponde à realidade. Não fosse pelo remorso que nos prende à retaguarda afetiva, junto aqueles que integram o nosso grupo evolutivo, a indiferença seria a característica maior dos nossos sentimentos... As vezes, Manoel, nós esquecemos que pertencemos a Deus.
— O senhor tem razão — disse-lhe com os olhos marcados. — Eu preciso ser mais forte.
Mas veja o senhor: eu nada fiz que merecesse algum destaque. Apenas sempre procurei cumprir com os meus deveres espirituais e, no entanto, os meus familiares, com uma ou outra exceção, me supõem detentor de méritos que os dispensam a eles próprios, do esforço individual...
— Querem, Odilon — interferi, indo direto ao assunto —, as credenciais dele...
— Mas isto de querer para si o mérito alheio émuito próprio do homem. Há pessoas que vivem assediando os médiuns, na crença de que eles haverão de lhe facilitar o acesso às Regiões Superiores...
— Só se for às Regiões Umbralinas — atalhei, indignado, não deixando por menos.
— Muitos espíritas, recém-egressos do Catolicismo, estão querendo santificar os médiuns, e o pior é que há muito médium gostando de ser canonizado em vida... É uma aberração! A continuar assim, vamos ter que ampliar as dimensões deste hospital... É loucura que não acaba mais. O espírita necessita, com urgência, de se conscientizar de sua indigência. Eu pensava que, por ter escrito livros, polemizado com os padres e praticado alguns atos de caridade, fosse chegarpor aqui com duas asinhas... Ledo engano! Cheguei de rastros e, a rigor, ainda não me pus de pé...

A descontração provocada por mim surtira o efeito esperado e todos começamos a rir.

— E você, Paulino, o que tem a nos dizer? — perguntou Odilon, com a intenção de deixar o pupilo à vontade.
— Com relação à família, até que não posso me queixar. O meu pai, a minha mãe e os meus irmãos estão fazendo o que eu não faria... A minha única preocupação é a de nos permitirmos envolver em excesso pelas coisas do mundo e relegarmos as atividades espirituais a plano secundário; estamos indo bem, mas ainda corremos riscos...

— Sem dúvida, perseverar nas obras da fé é um constante desafio para quem se encontra no corpo — observei.

— A gente fica tanto tempo sem fazer nada, que, quando abre os olhos e percebe a extensão do serviço, chega a experimentar um certo desânimo — comentou Odilon, que prosseguiu. — E passamos a cumular os outros de exigências, reclamando porque não encontramos cooperação à altura, porque nos sentimos sobrecarregados, porque a Doutrina nos exorta a um maior desprendimento, e ainda não sabemos conciliar interesses que, em essência, são inconciliáveis...

Efetuando breve intervalo, o diligente amigo que todos temos à conta de devotado Instrutor, arrematou:

— Não importa, porém... Hoje já estamos melhores do que ontem, quando, então, nos lamentávamos de braços cruzados, entregues à inércia; agora, pelo menos, num nível de consciência superior, nos atiramos à ”fogueira” e não temos como não nos chamuscarmos em suas labaredas... Este, de fato, é um caminho sem volta! Com menor ou maior aproveitamento, seguiremos adiante. Quem descerra os olhos para a luz não mais se contenta com as trevas, O nosso mais breve contato com o Espiritismo é suficiente para incomodar-nos pelo resto da vida!...

CAPÍTULO 5

A conversa seguia mais descontraída e todos nos sentíamos à vontade para expormos os nossos pontos de vista, sem nenhum constrangimento. Manoel Roberto se recuperara do ligeiro abatimento e, a meu convite, passamos a uma sala contígua onde poderíamos dar seqüência aquela reunião informal...

- Como é, Paulino? — indagou Odilon. — Confirmou-se a tática que os nossos adversários, ultimamente, têm procurado empregar contra nós, em nossos contatos com os irmãos encarnados?

- Sim — respondeu o simpático jovem —, infelizmente, não se trata de uma informação equivocada; pudemos checar a veracidade do fato e é mais um problema que, doravante, teremos que enfrentar...

Curioso, solicitei a Odilon maiores esclarecimentos, pois, afinal de contas, eu vivia quase isolado entre os meus pacientes, alheio ao que se passava lá fora.

— Inácio — esclareceu o confrade, ante a minha perplexidade —, inteligências interessadas em manter o homem preso ao imediatismo, no comando de vastas falanges espirituais, estão impedindo que os desencarnados se aproximem e se manifestem através dos médiuns; as comunicações nas casas espíritas têm escasseado e as que aconteciam espontaneamente fora dela, prevalecendo-se da condição inconsciente de muitos medianeiros, diminuíram sensívelmente...

— Como assim? — questionei, ávido de maiores detalhes.

— Você sabe, qualquer comunicação de além-túmulo, sem que entremos aqui no mérito de sua maior ou menor autenticidade, induz o homem a cogitar de sua própria sobrevivência e, conseqüentemente, imprimir um novo rumo aos seus passos... O intercâmbio mediúnico tem sido um manancial que sustenta a fonte da crença — mesmo entre os que se dizem cépticos, a presença dos desencarnados que, diga-se de passagem, não procuram apenas os médiuns espíritas em sua necessidade de contactar os homens, faz com que a dúvida se lhes insinue no espírito, predispondo-os a refletir na hipótese na imortalidade...

— E os inimigos da Doutrina estão agindo?... —inquiri, estupefato.

— Vejamos a que extremos chegaram — aduziu o Orientador. — Estão se organizando com o propósito de impedir os médiuns de trabalhar e as eventuais comunicações que permitem são aquelas passíveis de provocar escândalos, pelo comprometimento moral do medianeiro... As inteligências desencarnadas às quais nos referimos, estão espalhando o terror nas vias de acesso à Crosta, ameaçando com severas punições as entidades que têm o hábito de se manifestarem mediunicamente — a maioria porque, infelizmente, ainda não conseguiu se emancipar completamente dos laços que a escraviza à Terra, deixaram o corpo, mas continuam gravitando mentalmente em torno de seus antigos interesses... Achar o caminho para a Altura não é fácil, mormente para aqueles que nunca se preocuparam com a própria elevação.

— Mas, Odilon, o que você está me dizendo é um absurdo... Inacreditável!...

— A coisa, Inácio, é mais complexa do que parece à primeira vista. Em nossas reuniões mediúnicas, existem entidades que se colam psiquicamente aos médiuns e passam o tempo todo sem pronunciar uma palavra: deixam a mente do médium

entorpecida e não consumam o transe...
Nos próprios hospitais psiquiátricos, onde as manifestações sempre foram intensas, está imperando a lei do silêncio. A intenção é a de fazer crer que não existe vida depois da morte; o resto é conseqüência... Não podendo calar os médiuns, como outrora acontecia nas fogueiras inquisitoriais, estão calando ou tentando calar os espíritos. Por este motivo, temos observado que, no meio espírita, os contatos mediúnicos com entidades supostamente mais esclarecidas têm se multiplicado. Vejamos o número de livros assinados por novos autores espirituais...

— Meu Deus, como o assunto é complexo! — exclamei, atinando para a gravidade do problema.

- Espíritos que mentalmente não se submetem, porque possuidores de certa independência, furam obloqueio e, encontrando receptividade nos médiuns à disposição têm produzido obras literárias ou não que pouco acrescentam ao corpo doutrinário e, além do mais, com uma séria agravante: a intensa produção de livros de qualidade questionável sufoca, no mercado, aqueles que guardam estreito vínculo com a Codificação. Com o devido respeito que nos merecem, a maioria dos medianeiros em atividade ainda deveria estar naquela fase de adestramento de suas faculdades. Antes de empunharem a caneta para escrever, careceriam de se exercitar na psicofonia, no serviço de enfermagem espiritual junto às entidades sofredoras do nosso Plano.

- Infelizmente, no entanto, a vaidade e o personalismo, que os espíritos maquiavélicos sabem manipular, têm lhes trazido sérios prejuízos.

— Odilon — sabatinei o amigo —, que providências têm sido tomadas por nós?... Ao que estou informado pela História, a porta de comunicação com os chamados mortos já foi cerrada mais de uma vez: Moisés, com a sua proibição no Deuteronômio; quando o imperador Constantino proclamou o Cristianismo como religião oficial do Estado, ensej ando sua transformação em Catolicismo; na Idade Média, quando os sensitivos eram considerados hereges despoticamente condenados...

- Como, nos tempos modernos, não existe mais campo para cercear a liberdade de pensar e de crer, embora, neste sentido, ainda não tenham se extinguido todos os focos de resistência, as inteligências perversas que não desistem da hegemonia planetária continuam lutando e, ao que me parece, não se encontram dispostas a recuar... Temos feito o possível, Inácio, para sensibilizar e alertar os médiuns com os quais podemos contar, para que as chamas do idealismo não se transformem em cinzas de frustração. A fogueira simbólica que se acendeu entre os homens, pelas luzes da Terceira Revelação, não pode se apagar, sob pena de mergulharmos todos em trevas sem precedentes na História da Humanidade. Para fazermos mais, porém, necessitaríamos contar com maior determinismo e boa vontade da parte dos medianeiros que, lamentavelmente, vêm se desvirtuando dos propósitos superiores; estimando mais o aplauso do que o trabalho, caem numa espécie de obsessão serena que, de modo imperceptível para eles, compromete a qualidade de sua produção e desfigura os exemplos que são chamados a transmitir.

— Hostes inteiras, Dr. Inácio — comentou Paulino comigo —, têm se movimentado com ordens expressas de impedir que os desencarnados que vivem

nas imediações da Terra se comuniquem; o cerco tem aumentado e pairam severas ameaças de punições sobre aqueles que se rebelarem...

— Isto parece coisa de ficção — acrescentei; pasmo. — Eu já tinha ouvido falar de alguns espíritas que apregoam um Espiritismo sem espíritos...

— Por esta razão, não podemos esmorecer e, tanto quanto possível, precisamos insistir com os médiuns para que tomem maior consciência de suas responsabilidades...

— E com os dirigentes também, com os responsáveis pelos centros espíritas...

— Certo, Inácio, você está com a razão, mas este é um outro obstáculo que carece de ser removido, pois, quase sempre, os dirigentes espíritas não pensam no seu comprometimento com a Causa; não podemos generalizar, mas a falta de empenho e de ideal de certos dirigentes, que centralizam decisões, tornam a casa espírita improdutiva — vazia de tarefas e, conseqüentemente, vazia de espíritos operosos no bem. Existem muitos espíritas que, com o dinheiro dos outros, estão construindo centros apenas para si, com a finalidade de terem um palco exclusivo para as suas excentricidades!...

CAPÍTULO 6

O diálogo prosseguia interessante e me despertava a curiosidade, ante as abordagens efetuadas por Odilon, o companheiro que, por assim dizer, se especializara no serviço do intercâmbio com os homens, trabalhando exaustivamente pela fé espírita. Nosso irmão não poupava esforços no sentido de divulgar a crença na imortalidade e entendia que os médiuns eram chamados a cumprir relevante papel, no combate ao materialismo.

— Dr. Inácio — indagou-me Paulino —, além de médico na Terra, o senhor exercia a mediunidade?

— Na acepção da palavra, não — respondi —, mas em seu significado profundo, sim. Hoje percebo que convivia com os espíritos freqüentemente e, de maneira inconsciente, conversava com eles o tempo todo. Além do contato que me era possível manter, ostensivamente, com o Mundo Espiritual, através da faculdade mediúnica de Maria Modesto Cravo, a nossa Modesta, os doentes com os quais lidava no Sanatório eram intérpretes em potencial dos desencarnados — para mim, às vezes era difícil saber com quem estava verdadeiramente conversando, se com o obsidiado ou se com o obsessor. Em minha casa, quando me encontrava à sós, entregue às minhas reflexões, procurando inspiração para os meus escritos, embora não pudesse identificá-las, devido, digamos, ao meu couro grosso, eu registrava a benéfica presença de diversas entidades que me rodeavam...

Os espíritos sempre andaram comigo e, se assim não tivesse sido, é possível que eu não tivesse levado até ao fim a árdua tarefa que fui chamado a desempenhar; os ataques, as perseguições e as tramas urdidas contra as nossas atividades eram muito grandes. Por mais de uma vez, segundo pude constatar posteriormente, a minha morte chegou a ser cogitada pelos adversários da Doutrina... De modo que, médium, ao meu ver, não é só aquele que se encontra no exercício mais ou menos ostensivo de suas faculdades. Concorda, Odilon?

— Claro, Inácio — respondeu sem evasivas o Orientador—, aliás, em matéria de mediunidade, a sintonia natural é aquela que se deseja, sem que o médium tenha, necessariamente, de “perder” a lucidez; o transe mediúnico pode ocorrer de maneira quase imperceptível, sem necessidade de que o médium sofra alterações físicas de vulto, evidenciando o fenômeno...

Músicos, escritores, atores no ato de representar, pintores, enfim, todos aqueles que, principalmente, procuram o cultivo de sensibilidade, são médiuns em potencial, porqüanto, estejam no corpo ou fora dele, os que têm aspirações em comum se atraem; em mediunidade, também é válido o aforisma de que “semelhante atrai semelhante”...

Aparteando, Paulino questionou-me:

— Diante do exposto, o senhor não acha, Dr. Odilon, muito dificil que as inteligências que se opõem à emancipação espiritual encarnada colimem os seus objetivos, no que tange ao bloqueio das comunicações?

- Sem dúvida, Paulino — esclareceu o interpelado —, no entanto há de se fazer uma ressalva. Presentemente, a mediunidade que constrói os valores do espírito e enfatiza as lições do Evangelho é a de que o Espiritismo nos ensina o cultivo. Na

Doutrina, temos um movimento organizado e inteligente das Falanges Superiores que, em nome do Cristo, objetivam o despertar da criatura encarnada; a mediunidade não vale só por si, pois, neste sentido, desde épocas imemoriais, os homens têm se colocado em contato com os habitantes do Invisível... Através dos canais espíritas, estabelecidos por Allan Kardec, sob as diretrizes do Espírito Verdade, éque a mediunidade passou a servir à edificação espiritual da Humanidade como um todo; antes que o Espiritismo estabelecesse determinados parâmetros para o intercâmbio dos vivos com os mortos, a mediunidade não passava de mero instrumento de curiosidade que se vulgariza... E isto, Paulino, que incomoda os espíritos que não desejam se expor às Leis que regem os princípios da evolução para o mundo íntimo; na verdade, os espíritos que pelejam contra a Doutrina estão defendendo a própria posição, de vez que não querem se submeter à Reencarnação e ao Carma, como se lhes fosse possível escapar, indefinidamente, das Leis que o Criador instituiu para todas as criaturas..

- Eu ainda não havia pensado nisto... — comentou, reticente, o jovem amigo.

- O Espiritismo — continuou Odilon — representa, na atualidade, o Cristianismo puro; à medida em que um maior número adere a ele, os espíritos recalcitrantes vão se sentindo forçados a se afastar da psicosfera do Planeta e, através desse distanciamento, caem nas malhas gravitacionais de outros orbes ou de outras dimensões extra-físicas, tornando-se então realidade para eles o chamado “expurgo planetário”; sem receptividade mental, os espíritos afeitos às sombras não sustentarão a sua necessidade de escuridão, ou seja: iluminando a mente humana, o Espiritismo desfaz a sintonia que as trevas mantêm com o seu hospedeiro, que é o médium não-consciente de suas responsabilidades e deveres.

— Então — questionou Manoel Roberto, tão impressionado quanto eu com o que ouvíamos —, deveremos esperar ataques sempre mais acirrados contra as trincheiras do Movimento?...

É evidente, Manoel — esclareceu o devotado amigo —; os espíritos indiferentes aos propósitos do Senhor farão de tudo para desestabilizar o Movimento e comprometer a Doutrina...

E qual o seu alvo de eleição? Preferencialmente os médiuns, que são os espíritas de uma vida mais pública e estão sob a mira das lentes da opinião pública; além de tentar envolvê-los moralmente em delicadas situações, ocasionando escândalos para o enfraquecimento da fé, haverão de tentar manipular-lhes a vaidade e o personalismo, sabedores de que os médiuns nada mais são do que seres humanos que, por vezes, parecem se esquecer dessa sua condição.

— E por que, Dr. Odilon — tornou Paulíno a interrogar —, o Plano Espiritual não desce à Terra de vez?...

— Compreendo, Paulino, o alcance de sua colocação, mas não podemos nos esquecer de que, pelo menos duas vezes, no sentido coletivo semelhante medida já foi tomada — a primeira, quando da festa de Pentecostes, em que, de acordo com as narrativas, “todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em certas línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” e cerca de três mil pessoas se converteram de uma só vez; a segunda, quando do chamado fenômeno das “mesas girantes”, que antecederam a Codificação... Se a terra não está preparada, é inútil lançar-se-lhe a semente. Reparemos na cura efetuada por Jesus em dez leprosos, de uma só vez: apenas um deles, após ter se mostrado ao

sacerdote, voltou para agradecer — agradeceu, mas o Evangelho não diz que ele tenha se tornado adepto...

— O mesmo acontecia no Sanatório — acrescentei com conhecimento de causa.

Raríssimos daqueles que se tratavam conosco e alcançavam a graça da cura de suas obsessões, admitiam, depois, o beneficio que o Espiritismo lhes havia prestado; no caso dos dez leprosos, o reconhecimento foi de um décimo, mas dos internos do Sanatório a percentagem era quase inexpressiva: a maioria, inclusive, chegava a esconder que estivera sob tratamento num hospital espírita; as famílias mais abastadas e, conseqüentemente, mais preconceituosas, quando iam levar um doente para ser internado chegavam a nos fornecer dele uma identidade falsa... A Humanidade sempre foi hipócrita! — sentenciei com um muxoxo.

Sorrindo do meu jeito de ser, Odilon observou:

— Inácio, meu bom amigo, a Humanidade somos nós!...

— Infelizmente — concluí, convidando Odilon e Paulino para que nos acompanhassem, a mim e a Manoel Roberto, na visita inadiável que necessitávamos de fazer a um dos nossos pacientes que estava em crise.

CAPÍTULO 7

Quando, porém, estávamos de saída para um dos pavilhões do hospital, agora sob a minha responsabilidade no Mundo Espiritual, nosso irmão Lilito Chaves veio ao nosso encontro e anunciou o que, desde algum tempo, aguardávamos com expectativa: a desencarnação do médium Francisco Cândido Xavier, o nosso estimado Chico. O acontecimento nos impunha rápidas mudanças de planos e, solicitando a Manoel Roberto que cuidasse do interno que me reclamava a presença, improvisamos uma excursão à Crosta para saudar aquele que, após cumprir com êxito a sua missão, retornava à Pátria de origem.

Assim, sem maiores delongas, Odilon, Paulino e eu, juntando-nos a uma plêiade de companheiros uberabenses desencarnados, entre os quais relaciono o próprio Lilito, Antusa, Joaquim Cassiano, Rufina, Adelino de Carvalho, e tantos outros, rumamos para Uberaba no começo da noite daquele domingo, dia 30 de junho. A caminho, impressionava-nos o número de grupos espirituais, procedentes de localidades diversas, do Brasil e do Exterior, que se movimentavam com a mesma finalidade. Todos estávamos profundamente emocionados e, mais comovidos ficamos quando, estacionando nas vizinhanças do "Grupo Espírita da Prece', onde estava sendo realizado o velório, com o corpo exposto à visitação pública, observamos uma faixa de luz resplandecente, que, pairando sobre a humilde casa de trabalho do médium, a ligava às Esferas Superiores, às quais não tínhamos acesso.

Conversando conosco, Odilon observou:

— Embora, evidentemente, já desligado do corpo, nosso Chico, em espírito, ainda não se ausentou da atmosfera terrestre; os Benfeitores Espirituais que, durante 75 anos, com ele serviram à Causa do Evangelho, estarão, com certeza, à espera de ordens superiores para conduzi-lo a Região Mais Alta... De nossa parte, permaneçamos em oração, buscando reter conosco as lições deste raro momento.

Aproximando-nos quanto possível, notamos a formação de duas filas imensas, constituídas de irmãos encarnados e desencarnados, que reverenciavam o companheiro recém-liberto do jugo opressor da matéria: eram espíritos, no corpo e fora dele, extremamente gratos a tudo que haviam recebido de suas mãos, a vida inteira dedicadas à Caridade, nas mais fiel vivência do "amaivos uns aos outros". Mães e pais que, por ele haviam sido consolados em suas dores; filhos e filhas que puderam reatar o diálogo com os genitores saudosos, escrevendo-lhes comoventes páginas do Outro Lado da Vida; famílias desvalidas com as quais repartira o pão; doentes que confortara agonizantes em seus leitos; religiosos de todas as crenças que, respeitosos, lhe agradeciam o esforço sobre-humano em prol da fé na imortalidade da alma...

Não registramos nas imediações, é bom que se diga, um só espírito que ousasse se aproximar com intenções infelizes. Os pensamentos de gratidão e as preces que lhe eram endereçadas, formavam um halo de luz protetor que tudo iluminava num raio de cinco quilômetros; porém essa luz amarelo-brilhante contrastava com a faixa de luz azulínea que se perdia entre as estrelas no firmamento.

A cena era grandiosa demais para ser descrita e desafiaria a inspiração do mais

exímio gênio da pintura que tentasse retratá-la. Uma música suave, cujos acordes eu desconhecia, ecoava entre nós, sem que pudéssemos identificar de onde provinha, como se invisível coral de vozes infantis, volitando no espaço, tivesse sido treinado para aquela hora.
Espíritos mais simples que passavam rente comentavam:
— “Este é um dos últimos... Não sabemos quando a Terra será beneficiada novamente por um espírito de tal envergadura”; “Este, de fato, procurava viver o que pregava” “Quem nos valerá agora?”; “Durante muitos anos, ele matou a fome da minha família... “Lembro-me de que, certa vez, desesperado, com a idéia de suicídio na cabeça, eu o procurei e a minha vida mudou”; “Os seus livros me inspiraram a ser o que fui, livrando-me de uma existência medíocre”; “Quando minha avó morreu, foi ele quem pagou seu enterro, pois, à época, éramos totalmente desprovidos de recursos”; “Fundei minha casa espírita sob a orientação de Chico Xavier, que recebeu para mim uma mensagem de incentivo e de apoio”; “Comigo, foi diferente: eu estava doente, desenganado pela Medicina, ele me receitou um remédio de Homeopatia e fiquei bom”...

Paulino, tão curioso quanto eu e Lilito, perguntou a Odilon:
— O que o senhor acha dessafaixa de luz isolada, como se fosse um caminho?
— Desconfio o que seja, mas ainda não tenho certeza, Paulino — respondeu o Orientador, que, a todo momento, identificado por um dos integrantes da multidão que aumentava progressivamente do nosso lado de ação, se esmerava em responder as perguntas que lhe eram dirigidas.
Os caravaneiros não cessavam de chegar, todos portando flâmulas e faixas com dizeres luminosos; creio sinceramente que, em nosso Plano, jamais houve uma recepção semelhante a um espírito que tivesse deixado o corpo, após finda a sua tarefa no mundo; com exceção do Cristo e de um ou outro luminar da Espiritualidade, ninguém houvera feito jus ao aparato espiritual que se organizara em torno do desenlace de Chico Xavier.

Com dificuldade, logrando adentrar o recinto do “Grupo Espírita da Prece”, reparamos que uma comissão de nobres espíritos, dispostos em semicírculo, todos trajando vestes luminescentes, permanecia, quanto nós mesmos, em expectativa. Odilon sussurrou-me ao ouvido:

— Inácio, estas são as entidades que trabalharam com ele na chamada “Coleção de André Luiz”; são os Mentores das obras que o nosso André reportou para o mundo, no desdobramento do Pentateuco Kardeciano:
Clarêncio, Aniceto, Calderaro, Áulus e tantos outros... E aqueles que estão imediatamente atrás? — indaguei.

— São alguns representantes da família do médium e amigos fiéis de longa data.
— E onde estão Emmanuel, nosso Dr. Bezerra de Menezes e Eurípedes Barsanulfo?
Porventura, ainda não chegaram?...

— Devem estar — respondi — cuidando da organização...
Ao lado do seu corpo inerte, nosso Chico, segundo a visão que tive, me parecia uma criança ressonando, tranqüila, no colo de um anjo transfigurado em mulher, fazendo-me recordar, de imediato, a imagem de “Pietà”, a famosa escultura de Michelangelo.

— Quem é ela? — perguntei.
— Trata-se de D. Cidália, a sua segunda mãe...
— E D. Maria João de Deus?...
— Ao que estou informado — esclareceu Odilon —, encontra-se reencarnada no seio da própria família.
- E seu pai, o Sr. João Cândido?
— Está em processo de reencarnação, seguindo os passos da primeira esposa.
Adiantando-se, nosso Lilito indagou:
— Odilon, na sua opinião, por que o Chico está parecendo uma criança?
— Ele necessita se refazer, pois o seu desgaste, como não ignoramos, foi muito grande, mormente nos últimos anos da vida física; nosso Chico carece de se desligar completamente...
— Perderá, no entanto, a consciência de si?
- É evidente que não. O seu verdadeiro despertar acontecerá gradativamente, à medida em que se recupere da luta sem tréguas que travou... Aliás, a Espiritualidade Superior, nos últimos três anos, vinha trabalhando para que a sua transição ocorresse sem traumas, tanto para a imensa família espírita, que o venera, quanto para ele próprio.

CAPÍTULO 8

Inúmeras caravanas e representações continuavam chegando, formando extensas filas, que se postavam paralelas às filas organizadas pelos nossos irmãos encarnados, a comparecerem ao velório para render a Chico Xavier merecidas homenagens. Dezenas e dezenas de jovens, coordenados por Augusto César e Jair Presente, dentre outros, formavam grupos especiais que vinham recebê-lo no limiar da Nova Vida, gratos por ter sido ele o seu instrumento de consolo aos familiares na Terra, quando se viram compelidos à desencarnação...

A tarefa de Chico Xavier — explicou Odilon, emocionado — não tem fronteiras; raras vezes, a Espiritualidade conseguiu tamanho êxito no campo do intercâmbio mediúnico... No entanto a força que o sustentava nas dificuldades vinha de Cima, pois, caso contrário, teria sucumbido às pressões daqueles que, encarnados e desencarnados, se opõem ao Evangelho. Chico, por assim dizer, ocultou-se espiritualmente em um corpo franzino e deu início ao seu trabalho, sem que praticamente ninguém lhe desse crédito; quando as trevas o perceberam, cite já havia atravessado a faixa dos vinte de idade e em franco labor, tendo pronto o "Parnaso de Além-Túmulo", a obra inicial de sua proficua e excelente atividade psicográfica...

— Dr. Odilon — adiantou-se Paulino —, perdoe-me talvez a inoportunidade da pergunta: o senhor crê que Chico Xavier seja a reencarnação de Allan Kardec?

— Não somente creio, Paulino, como tenho elementos para afirmar que ele o é — respondeu o Mentor, corajosamente. — Os que se dedicarem a estudar o assunto, compulsando, principalmente, a correspondência particular de um e de outro perceberão tratar-se do mesmo espírito. É uma questão que, infelizmente, ainda há de suscitar muita polêmica entre os espíritas que mourejam na carne, mas, para determinado segmento espiritual, no qual eu me incluo, isto é ponto pacifico. São notáveis as "coincidências" ou os pontos de contato entre as duas personalidades, inclusive na semelhança física...

— Alegam alguns, porém, que o Codificador era dono de uma personalidade austera, ativa, quando a de nosso Chico Xavier é de característica branda, passiva...

— Os que assim se referem não tiveram, evidentemente, oportunidade de privar com o primeiro nem com o segundo — ambos eram austeros e brandos, quando a brandura ou a austeridade se faziam necessárias. É claro que a tarefa que Chico Xavíer desdobrou, no começo do século passado, se deu em condições um tanto diversas da que cumpriu com a identidade de Allan Kardec; o meio não deixa de exercer certa influência sobre a individualidade, constrangendo-a a adaptar-se às novas condições — uma rosa no Brasil será uma rosa, por exemplo, no Japão, no entanto as diferenças climáticas são passíveis de alterar-lhe as características, tanto no que se refere à coloração quanto ao perfume... O espírito é sempre o mesmo, de uma vida para outra, todavia não há, para ele, como livrar-se totalmente da carga genética que o transfigura, mas não desfigura...

Aparteando, o nosso Lilito Chaves considerou:

— Você tem razão, Odilon; às vezes, na condição de espíritas, esperávamos de Chico Xavier atitudes de maior pulso...

O companheiro sorriu e respondeu:
— Lilito, entendo o alcance de sua colocação, mas, convenhamos, se o nosso Chico tivesse sido mais direto em determinadas ocasiões ou adotado uma postura mais enérgica, mormente com aqueles que procuravam com ele uma convivência mais estreita, agora, ao invés de admirá-lo como vencedor, estaríamos a lamentá-lo; o que o fez grande foi justamente a sua capacidade de tolerar, de caminhar a segunda milha a que o Senhor nos conclama, que nós não estamos dispostos a caminhar com os amigos e, muito menos, com os nossos desafetos. Kardec, se era firme na defesa da Doutrina através de seus escritos e pronunciamentos, no trato pessoal era doce e afável, tendo com Mme. Gaby, a esposa, um relacionamento que ia além dos limites do casamento, conforme ainda se concebe em nossa sociedade — mais que marido e mulher, os dois eram qual irmãos e, sendo mais velha do que ele nove anos, ela sentia por Rivail o amor que uma mãe sente pelo filho; antes que Allan Kardec fosse chamado a encetar a obra da Codificação, o casal havia renunciado a qualquer tipo de convivência mais íntima na esfera sexual, para devotar-se aos valores do espírito, e, tanto é assim, que ambos não geraram herdeiros diretos, porqüanto a vontade do Senhor lhes reservara mais alta destinação. Os filhos de Allan Kardec são os filhos da Fé Raciocinada, que se multiplicam na Família Humana...

Neste ínterim, aproximando-se de nós a querida Antusa, médium de cura que cumprira de maneira exemplar a sua tarefa, após nos termos carinhosamente abraçado, Odilon solicitou que a respeitável irmã opinasse sobre o assunto que nos ocupava a atenção.
Sim, Chico Xavier é a reencarnação de Allan Kardec — disse convicta. Eu sempre o soube, mas, dentro da prova da mudez que me assinalava os dias, nunca pude me expressar com clareza; não polemizo com os confrades valorosos que pensam diferente, no entanto, no meu caso, possuidora, na Terra, da mediunidade de clarividência, várias vezes pude constatar a autenticidade do fato: à minha retina espiritual, Chico se transfigurava e, em seu lugar, surgia a simpática figura do Codificador; também, muitas vezes, em estado de desdobramento, nos instantes em que me era possível deixar o corpo e visitá-lo, eu o encontrava na personalidade marcante de Allan Kardec... A camuflagem espiritual era quase perfeita. É inegável que a obra de um é o complemento da outra: a mesma linha de pensamento, a mesma terminologia, a mesma luz...
- É — atrevi-me a considerar, por minha vez —, com a invasão da França, quando da Segunda Guerra, e as mudanças sociais a que o país, posteriormente, se submeteu, a árvore simbólica do Cristianismo Restaurado consolidou seu transplante no Brasil; seria natural que o pomicultor a tivesse acompanhado... Digo-lhes que, nos meus tempos de Sanatório, até os obsessores sabiam que Chico era a reencarnação de Allan Kardec; inclusive, um grande amigo nosso, aliás, o único amigo padre que tive na vida, Sebastião Carmelita, sabia ser este mesmo, por revelação mediúnica que o Chico lhe fizera, o Bispo inquisidor que ordenara a incineração dos livros de Allan Kardec, em praça pública, na cidade de Barcelona. Certa feita, visitando-nos no hospital psiquiátrico sob a nossa direção, Chico confrontou-se com o espírito Tomás de Torquemada, episódio que tive oportunidade de narrar, acanhadamente, em meu livro “Sob as Cinzas do Tempo”...

Lembrando-me de outros testemunhos, após pequena pausa, acrescentei:
— A Modesta, que incorporava o espírito Gabriel Delanne e, por vezes, nos ensejava ouvir a palavra de Léon Denis, não escondia a convicção de que o Codificador estava reencarnado e convivendo conosco em Uberaba; Gabriel Delanne, por intermédio de sua faculdade falante, disse-nos com clareza, logo após a mudança de Chico de Pedro Leopoldo para Uberaba, que Allan Kardec se transferira de domicílio e que, por este motivo, eles estavam se transferindo também... É evidente que, quando obtínhamos um comunicado desta natureza, os espíritos nos solicitavam o máximo de sigilo e, por este motivo, não tornávamos pública a revelação; além do mais, não tínhamos provas cabais para oferecer aos Tomés do Espiritismo, os que, negando-se a enxergar com os olhos da razão, querem ver com os olhos físicos o que depois pedem para tocar com as mãos...

CAPÍTULO 9

Estávamos todos profundamente emocionados. A multidão, dos Dois Lados da Vida, não parava de crescer e, assim como no Plano Físico, os policiais cuidavam da organização, na Dimensão Espiritual em que nos situávamos, Entidades diversas haviam sido encarregadas de disciplinar a intensa movimentação, sem que nenhum de nós se sentisse encorajado a reclamar qualquer privilégio com o propósito de uma maior aproximação. Quase todos nos conservávamos em atitude de profundo silêncio e de reverência.

Os grupos de espíritos que haviam, ao longo de seus 75 anos de labor, trabalhado com o médium, com exceção, evidentemente, daqueles que já haviam reencarnado, se faziam representar pelos seus maiores expoentes no campo da Poesia e da Literatura. Próximas a Cidália, em cujos braços Chico Xavier descansava, à espera de que o cortejo fúnebre partisse conduzindo os seus restos mortais, notei a presença de algumas entidades femininas que eu não soube identificar.

— Quem são? — perguntei a Odilon, que era um dos poucos dentre nós com plena liberdade de movimentar-se.

- Aquelas quatro primeiras, são as nossas irmãs Meimei, Maria Dolores, Scheilla e Auta de Souza; as demais são corações maternos agradecidos que, em uma ou outra oportunidade, se expressaram pela mediunidade psicográfica do nosso Chico.

- Quem estará na coordenação do evento? — insisti, ansioso por maiores esclarecimentos.

— O Dr. Bezerra de Menezes e Emmanuel, assessorados diretamente por José Xavier — respondeu.

- José Xavier?...

- Sim, o irmão do médium, que está conduzindo um grupo de espíritos amigos de Pedro Leopoldo e região; quando Chico se transferiu para a cidade de Uberaba, em 1959, os seus vínculos afetivos com a sua terra natal não se desfizeram; os espíritas que constituíram o Centro Espírita “Luiz Gonzaga” sempre se sentiram membros de uma única família.

- E aquele casal mais próximo que, de quando a quando, dialoga com Cidália?

— José Hermínio e D. Carmem Perácio; foram eles que iniciaram Chíco Xavier no conhecimento da Doutrina Espírita, doando-lhe exemplares de “O Livro dos Espíritos” e de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”...

Pude perceber, com clareza, que os filamentos perispirituais que uniam o espírito recém-desencarnado ao corpo enrijecido, se enfraqueciam gradualmente; sem dúvida, o médium, assim que se lhe cerraram os olhos físicos, desprendeu-se da forma material, no entanto, devido à necessidade de permanecer durante 48 horas exposto à visitação pública, conforme era seu desejo, exigia que o corpo, de certa forma, continuasse a receber suplementos de princípio vital, evitando-se os constrangimentos da cadaverização. Embora aconchegado aos braços daquela que havia sido na Terra a sua segunda mãe e grande benfeitora, o espírito Chico guardava relativa consciência de tudo...

As expectativas de quase todos, porém, se concentravam sobre aquela faixa de

luz azulínea, a qual, àmedida que se abeirava a hora do sepultamento, se intensificava; tínhamos a impressão de que aquele caminho iluminado era a passagem para uma Dimensão Desconhecida, para a qual, com certeza, Chico Xavier haveria de ser conduzido.

Dentro de poucos instantes, o silêncio se fez naturalmente maior e um venerável senhor, ladeado por Irmão José e Herculano Pires, este um dos vultos mais importantes da Doutrina nos últimos tempos, assomou discreta tribuna e começou a falar.

- Quem é? perguntei à meia-voz..

— Léon Denis — respondeu-me Odilon com um sussurro.

— "Meus irmãos — disse o inesquecível discípulo de Allan Kardec —, eis que aqui nos encontramos reunidos, para receber de volta ao nosso convívio, aquele que, uma vez mais, cumpriu exemplarmente a missão que lhe foi confiada pelo Senhor de nossas vidas. Elevemos ao Infinito os nossos pensamentos de gratidão e de reconhecimento, porqüanto sabemos das dificuldades que o espírito que moureja na carne enfrenta para desbravar caminhos à Verdade; o nosso amigo e mestre que, após longa e desgastante peleja, agora retorna àPátria Espiritual, se constituiu num verdadeiro exemplo, não somente para os nossos irmãos encarnados, mas igualmente para os que necessitamos renascer no orbe e, por vezes, nos sentimos desencorajados... De maneira direta ou indireta, cooperamos com ele, para que a Obra que ele próprio encetou, na segunda metade do século dezenove, se desdobrasse na revivescência do Evangelho; a semente espalhada por suas mãos, germinou prodigiosamente, e não apenas no campo da bibliografia espírita, que se enriqueceu sobremodo... Desde o 8 de julho de 1927 e, mais especificamente, o ano de 1932, com a publicação de "Parnaso de Além-Túmulo", pela Federação Espírita Brasileira, o Movimento Espírita cresceu em progressão geométrica e os grupos doutrinários e assistenciais, que falam da pujança da Terceira Revelação, se multiplicaram em toda parte... Agora, porém, é conosco — enfatizou o grande orador. — Agora somos nós que, no alvorecer do Terceiro Milênio da Era Cristã não mais devemos hesitar em tomar corpo no planeta que, espiritualmente, deverá se elevar conosco. Não tenhamos qualquer receio. Sigamos as pegadas do mestre lionês que soube ocultar a própria grandeza, aceitando a bênção de um novo renascimento quase de imediato àquele que já lhe havia sido, na França, de lutas acerbas para lançar os fundamentos do Espiritismo. Nós, os que, então, não tivemos a coragem de acompanhá-lo na dificil empreitada, devemos sucedê-lo no esforço e na boa vontade, que sempre lhe caracterizaram o apostolado. O mundo não pode mais esperar e, dentro do natural dinamismo da Doutrina, carecemos de cooperar para que a luz da imortalidade que se acendeu entre os homens, não se eclipse nas sombras do materialismo. Com o amor de Jesus no coração, a exemplo do nosso inesquecível Prof. Rivail, triunfaremos. É chegado o instante de nos candidatarmos ao serviço da construção da fé no mundo, cada qual de nós atuando em determinada área do Conhecimento; renunciemos à posição cômoda que desfrutamos, à maneira do general que apenas participa da refrega pelas lentes de um binóculo, sem jamais ousar descer ao campo de batalha...

Promovendo ligeira pausa, o eloqüente tribuno prosseguiu.

- Muitos de nós, os que nos equivocamos nos caminhos do mundo, prevalecemo-

nos das faculdades mediúnicas do nosso irmão para, anonimamente por vezes, não nos omitirmos de todo na grande Obra, todavia não mais podemos sonegar as nossas mãos no cultivo de abençoada sementeira da crença e no ideal. Simbolicamente, com o desenlace do Mestre, que viemos saudar em seu regresso triunfal, o esquema traçado pela Espiritualidade Superior e que se colocou em prática, ao longo de mais de sete décadas, agora se desmonta; as tendas espirituais que foram armadas ao seu derredor, se levantam e, para que não nos transformemos em nômades no Além, devemos começar a planejar o nosso retorno à vida fisica, dando seqüência à tarefa que nos era cômodo desempenhar deste Outro Lado da Vida... Eis o alvitre que, um nome Daquele que nos ama desde o princípio, fui encarregado de lhes transmitir, aproveitando o ensejo de estarmos todos reunidos nesta oportunidade. Um ciclo se encerra, mas outro deve começar... Esqueçamos caprichos de ordem pessoal e, embora atrelados à Lei do Carma, que nos reclama o espírito para inevitável resgate, assumamos o compromisso de servir, a exemplo de Allan Kardec, ou Chico Xavier, o iluminado espírito que em duas existências consecutivas, consolidou para a Humanidade os princípios da Fé Raciocinada".

CAPÍTULO 10

Passados alguns instantes da alocução proferida por Léon Denis, perfumada aragem começou a soprar, balsamizando o ambiente. De onde será que provinha aquele suave perfume que, aos poucos, se intensificava, impregnando-nos o corpo espiritual? Tínhamos a impressão de que, caindo de Esferas Resplandecentes, aquele orvalho celeste, constituído de diminutos flocos luminosos, antecedia o momento em que o espírito Chico Xavier seria conduzido à ignota região da Vida Sem Fim.

Quando o fenômeno a que tento me referir se fez mais evidente, algumas explosões começaram a ocorrer na extensafaixa de luz azulínea que, agora, ia mudando de tonalidade, como se um arco-íris se estivesse materializando diante dos nossos olhos. Gradativamente, cinco entidades foram se fazendo visíveis para nós, tangibilizando-se no pequeno espaço que me parecia reproduzir produzir a abençoada estrebaria em Belém... Os cinco espíritos, que não posso lhes dizer que tenham assumido forma propriamente humana, foram sendo identificados por nós: eram Bezerra de Menezes, Emmanuel, Eurípedes Barsanulfo, Veneranda e Celina, a excelsa mensageira de Maria de Nazaré.

Diante da estupenda visão, todos sentimos ímpetos de nos ajoelharmos; muitos, efetivamente, se ajoelharam, com os olhos banhados de lágrimas. Bezerra de Menezes, Emmanuel e Eurípedes Barsanulfo estavam, por assim dizer, mais humanizados, no entanto Veneranda e, especialmente, Celina nos pareciam dois anjos alados, falenas divinas que se tivessem metamorfoseado apenas para que pudéssemos vê-las... Eu tinha a impressão de estar participando de um sonho que transcendesse a mais fértil imaginação.

Adiantando-se aos demais companheiros, Veneranda, que o tempo todo pairava no ar, começou a orar com sentimento que a palavra não consegue traduzir:

— Senhor da Vida— exorou, sensibilizando-nos profundamente —, aqui estamos para receber, de volta ao nosso convívio, um dos Vossos servidores mais fiéis que, após quase um século de lutas acerbas pela causa do Vosso Evangelho na Terra, regressa ao Grande Lar, com a consciência do dever cumprido. Que as Vossas bênçãos envolvam o espírito naturalmente exaurido, restituindo-lhe as energias que se consumiram de todo por amor do Vosso Nome entre os homens, nossos irmãos! Que do seu extraordinário esforço não se perca, Mestre, uma única gota de suor, das que se misturaram às lágrimas anônimas vertidas por ele no testemunho da Fé. Que o trabalho de sua proficua existência no corpo físico continue a ser prodigiosa sementeira para as gerações do porvir, apontando o Caminho para quantos anseiam por seguir os Vossos passos...

Senhor, os que tão-somente agora, depois de séculos e século de sombras, nos convencemos da Vossa magnanimidade, vos agradecemos por não terdes consentido que o nosso irmão sucumbisse diante das provas e, em nada, se afastasse da trajetória que lhe traçaste no mundo — sabemos que, nos momentos mais dificeis, sem que nós mesmos pudéssemos perceber, a Vossa mão o sustentava para que não tombasse sob o peso da cruz que lhe pusestes aos ombros... Nós vos louvamos por terdes realizado nele a obra consagrada do Vosso amor, que, um dia, redimirá a Humanidade inteira. E que, agora, ainda

unidos ao espírito companheiro que soube transformar-se em exemplo de renúncia e de sacrificio, de desprendimento e de abnegação, possamos dar seqüência à tarefa que iniciastes há dois mil anos, da edificação do Reino de Deus sobre a face da Terra!... Que a claridade sublime das Altas Esferas não nos faça ignorar os vales de sombras dos quais procedemos e nos quais acendestes, para sempre, a Vossa Luz... Que não nos seja lícito o descanso, enquanto o orbe planetário, onde tantas vezes expiamos as nossas faltas, se transfigure em estrela de real grandeza, a fulgir na glória dos mundos redimidos. Abençoai, Senhor, os nossos propósitos que são os Vossos e que, hoje e sempre, possamos exaltar-Vos o Nome através de nossas vidas!...

Terminando de orar, Veneranda e Celína se aproximaram de Cidália, que continuava a aconchegar em seu materno coração o espírito que foi nosso Chico, o qual, de quando a quando, estampava cândido sorriso, como se fosse uma criança participando de um sonho bom do qual jamais ousasse acordar.

O silêncio reinante era de tal ordem, que, aos nossos ouvidos, a voz inarticulada da Natureza nos parecia uma sinfonia; de minha parte, confesso-lhes que eu nunca tinha ouvido a música dos astros e nem podia imaginar que o próprio silêncio tivesse voz.

A faixa de luz azulínea que se transformara num arco-íris ainda se mostrava mais viva, e todos permanecíamos na expectativa do que não sabíamos pudesse acontecer.

Direcionando os sentidos, quis ver, naquela hora, como os preparativos para o féretro estavam desenvolvendo-se no Plano Físico e, justamente, quando começou a ser entoada a canção “Nossa Senhora” e os nossos irmãos começaram a movimentar-se, dando início ao cortejo, uma Luz indescritível, descendo por aquele leque iluminado que ligava a Terra ao Infinito — a faixa de luz que ali se instalara logo após ter sido armado o velório no “Grupo Espírita da Prece” —, uma Luz que, para mim, era muito superior à luz do próprio Sol e que me acionava a memória para a lembrança da visão que Paulo teve do Cristo, às portas de Damasco, repetiu com indefinível ternura:

— “Vinde a mim, todos os que andais em sofrimento e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

Aquela Extraordinária Visão, que sequer povoava os meus sonhos mais remotos de espírito devedor, estendeu dois braços humanos reluzentes e, quando notei que o Chico em espírito se transferia dos braços de Cidália para aqueles Braços que o atraíam, digo-lhes que, desde quando fui beneficiado com o laurel da razão, não tenho recordação de jamais ter chorado tanto...

Aquela Luz, que se humanizava parcialmente para que pudéssemos vê-la, estreitou Chico Xavier ao peito e depositou-lhe um ósculo santo na fronte e, em seguida, partiu, levando-o consigo, despedindo-se com inesquecível sorriso dos que continuavam presos ao abismo, sentenciados pelo tribunal da consciência culpada.

Foi Odilon que, depois de muito tempo, conseguiu falar, comentando conosco:

— Eu sempre que lia as páginas do Velho Testamento, ficava intrigado e colocava em questão a narrativa de que o profeta Elias fora conduzido ao céu por “um carro

de fogo”... Agora sei que não se tratava de força de expressão ou algo semelhante.

Os nossos Lilito Chaves e Paulino Garcia estavam de rostos voltados para o chão e tivemos que levantálos, tentando fazer com que parassem de chorar convulsivamente.

Um grande vazio se fez após e, gradativamente, a faixa de luz foi se recolhendo de baixo para cima, à medida em que o cortejo celestial se retirava.

Quando veríamos Chico Xavier novamente? — era a pergunta que nos fazíamos, através dos olhares que permutávamos. Para onde ele teria sido conduzido?

No entanto, se ignorávamos as respostas às indagações que formulávamos, não pairava entre nós qualquer dúvida de que o espírito glorificado se fizera buscar pelo próprio Cristo.

E, tão desolados quanto os nossos irmãos encarnados haviam ficado, começamos a tentar esboçar algum diálogo.

CAPÍTULO 11

Dos muitos amigos e companheiros de ideal presentes à recepção que o Mundo Espiritual organizou para Chico Xavier, este espírito cuja grandeza e valor nem nós, os desenfaixados do corpo denso, saberíamos avaliar, nos deparamos com Sebastião Carmelita, a quem já nos referimos, que se fazia acompanhar de Yvonne Pereira, a inesquecível medianeira de “Memórias de um Suicida”; Cairbar Schutel, o Apóstolo de Matão; e Batuíra, o grande baluarte na Doutrina em São Paulo.

Que os nossos irmãos que, porventura, estejam correndo os olhos por estas linhas, me perdoem a omissão involuntária de muitos nomes, pois impossível seria fornecer-lhes uma relação mais completa daqueles expoentes do Espiritismo que vieram saudar a Chico no limiar da Vida Nova.

Entrando a conversar com os referidos confrades, Carmelita deu início ao diálogo, dirigindo-me a palavra:

- Meu caro Inácio, estou deveras impressionado... Eu não podia imaginar a importância da tarefa confiada ao nosso Chico. Tendo tido a oportunidade de privar com ele em algumas ocasiões, eu o admirava pela generosidade de coração e pela autenticidade de suas faculdades mediúnicas, mas... o seu espírito transcendia a tudo isto; confesso-lhe que não atinei com a sua elevação espiritual...

- Os grandes espíritos, Carmelita — aparteou Odilon —, sabem como se camuflar na carne; se, sem se expor tanto, ele suportou ferrenhas perseguições, pensemos no que seria, caso as trevas tivessem “acordado” antes... Não nos esqueçamos de que, nos últimos três anos, os espíritos que se opõem ao Evangelho tentaram comprometê-lo de todas as formas, mas, então, ele já estava a cavaleiro da trama em que procuraram enredá-lo.

— Você tem razão, Odilon — disse Yvonne Pereira.

— Se, em meu diminuto trabalho na condição de médium, me submeti a terríveis assédios e, várias vezes, cheguei a considerar a possibilidade de me afastar, meditemos no que o Chico terá enfrentado para não esmorecer e, é bom que se diga, de desencarnados e encarnados, de não-espíritas e, principalmente, de espíritas. Infelizmente, sempre fomos os mais exigentes... com os outros e por demais condescendentes conosco. O personalismo talvez seja a maior característica de nossa imperfeição; supomos sermos o que efetivamente não somos e nos conferimos, na Doutrina, uma importância que não temos...

— Yvonne — falou o venerável Batuíra —, combati, em mim, essa tendência personalista a vida inteira... Não é fácil para o espírita administrar as próprias mazelas. Estamos imersos nas sombras por muito tempo e, de repente, a luz: ficamos desnorteados, sem saber o que fazer de nós mesmos e nos tornamos presas indefesas dos espíritos que permaneçam à espreita; não fosse a proteção da Misericórdia Divina, cairíamos freqüentemente... De minha parte, afirmo-lhes que procuro me esquecer no trabalho; envolvia-me com os meus doentes, escrevia os meus artigos, orava diariamente, enfim, procurava dar ocupação às mãos e à mente, pois, caso contrário... As vezes, com o propósito de me defender, chegava a ser ríspido com quem me elogiava:

aquelas palavras melífluas soavam aos meus ouvidos como uma cantilena satânica... Felizmente, pude agüentar-me de pé e não me precipitei no abismo de maiores desilusões; não fiz o que deveria ter feito, mas, pelo menos, não cruzei os braços na ociosidade...

— Compreendo o que o nosso Batuíra quer dizer — asseverou Cairbar. Eu também travei lutas sem tréguas... Em muitas ocasiões, os espíritos obsessores me perturbavam tanto, que quase chegava a enlouquecer; eu os ouvia claramente com as propostas escusas que me dirigiam... Não me poupavam nem quando estava em franca atividade doutrinária. Só experimentava certo distanciamento deles quando estava cuidando dos doentes que me buscavam o concurso fraternal ou, então, na condição de enfermo de alma, eu tomava a iniciativa de procurá-los...

— O que o nosso Chico não terá agüentado, não é mesmo?... — indaguei, refletindo nos problemas que igualmente faceara à frente do Sanatório. Por muito menos que ele, os padres planejavam fazer churrasco de mim; mentiras e calúnias eram todos os dias; diziam que eu estava enriquecendo à custa dos dementes e que, a noite, ia para o hospital promover orgias com os meus pacientes... Eu, pelo menos, ainda os mandava a todos para o Inferno e chegava mesmo a acreditar na existência dele, porque, afinal de contas, tinha que existir um lugar chamado Inferno para receber tanta gente sem escrúpulos... Agora, coitado, o nosso Chico nem desabafar podia!...

— Coitado de mim, Dr. Inácio, assim como do senhor e do nosso Paulino! (perdoem-me incluí-los comigo nesta lista), que, embora fora do corpo, continuamos a nos arrastar como se nele ainda estivéssemos —falou Lilito Chaves, já um tanto refeito da emoção de instantes atrás. — Viu como o Chico subiu e quem veio buscá-lo?... Eu pensei que tivera feito muita coisa, mas a verdade é que nada fiz. Se não fosse o conhecimento da Doutrina, teria feito menos ainda, mas...

— A fórmula — tomou novamente Yvonne a palavra — está em sabermos conciliar o cultivo de nós mesmos, que nos requisita momentos de introspecção, e o trabalho em beneficio dos outros... Uma centração e uma descentração, como nos ensinava Teilhard de Chardin. Não podemos nos isolar e não podemos deixar de nos recolher à nossa própria intimidade; carecemos de imitar o movimento das ondas do mar, que se retraem e, de novo, se lançam à praia, como se estivessem num eterno movimento de expansão.

- Resumindo — interveio Carmelita com liberdade é pegar na charrua e, incansavelmente, lavrar e semear... Em se tratando de caridade, é preferível fazer sem pensar; quem se procura muito em si mesmo acaba se perdendo... Vejamos o exemplo de Chico, que nunca se afastou do convívio com o povo; creio que se ele tivesse, mediunicamente, trabalhado mais recluso, talvez as suas obras tivessem ganhado em profundidade, mas, com certeza, teriam perdido em luz espiritual.

Os livros psicografados por ele tão impregnados estão de luz, que bastará a qualquer um tê-los nas mãos para que comece a se iluminar; de cada página emana uma resplendência divina que esclarece e emociona...

— Ao contrário das obras tão humanizadas de muitos outros medianeiros — asseverou Lilito, pesaroso.

— Mas cada qual faz o que pode — retrucou Odilon.
— Não podemos exigir que todos os médiuns se nívelem a Chico Xavier; seria um contra-senso... Em um pomar, cada árvore frutífera é fadada a produzir de acordo com a sua capacidade: entre frutos da mesma espécie, iremos encontrar diferenças de qualidade... Cabe, a quem vai à feira, escolher o que adquire para lhe atender a fome. Não podemos, Lilito, exigir que os nossos irmãos médiuns se trajem, do ponto de vista moral, de acordo com o figurino que talhamos para eles; não raro, sem perceber, estabelecemos comparações e chegamos a ser cruéis com aqueles medianeiros que não são candidatos a missionários mas, sim, à quitação dos próprios débitos.

A conversa seguia interessante, mas as imediações do velório começavam a se esvaziar; quase todas as luzes que se haviam naturalmente acendido já se haviam apagado e, no ar, permanecia apenas doce fragrância que nos inebriava... Estávamos preparando-nos para retornar às nossas atividades, quando Batuíra, num largo sorriso, saudou o companheiro que se aproximava:
- José Gonçalves Pereira!... Como vai você, meu irmão? Onde é que estava, que eu não pude encontrá-lo antes?...

CAPÍTULO 12

- Eu estou bem! E o senhor, como está? — retrucou o fundador da “Casa Transitória”, benemérita instituição existente na capital de São Paulo.

- Você não perde o hábito de me tratar de senhor, não é mesmo? — retrucou Batuíra. Olhe que eu estou mais rejuvenescido do que você...

Sorrimos descontraidamente e Gonçalves explicou que, na companhia dos irmãos Weaker Batista e Clóvis Tavares, também estava participando da recepção que o Mundo Espiritual oferecia ao médium Chico Xavier.

— Ele e o senhor, desculpe-me — acrescentou —, ele e você nos auxiliaram muito com as orientações de que necessitávamos na “Transitória”; o Chico sempre foi um grande amigo e benfeitor... Desde Pedro Leopoldo, tivemos a alegria de acompanhar a sua trajetória mediúnica de verdadeiro missionário do Cristo.

- De fato, agora podemos falar a respeito — disse Batuíra, cujos traços biográficos não me eram de todo desconhecidos na luta que sustentara por amor ao Ideal.

Entrementes, se aproximaram para participar do diálogo o Weaker e o Clóvis, que, até então, se haviam mantido a certa distância, atendendo a três espíritos de sofrida aparência que os interpelara.

- Weaker, estamos nos referindo à grandeza de espírito do nosso Chico... Você que conviveu mais de perto com ele durante tantos anos, poderá se expressar com maior conhecimento de causa, não é? — falou Gonçalves ao companheiro que eu igualmente conhecera àfrente das atividades do “Grupo Espírita da Prece

Franzindo o cenho, Weaker comentou com certa tristeza no semblante:

- Infelizmente, qual aconteceu a muitos dos que puderam conviver com ele, eu também não consegui atinar com o seu real valor, senão quando deixei o corpo, onde os equívocos se nos fazem tão freqüentes; não estou querendo me justificar, mas, embora tenha aproveitado muito na convivência diária com Chico, a verdade é que eu poderia ter assimilado mais, caso o meu espírito, em determinadas situações, não se tivesse mostrado tão rebelde...

- Ora, Weaker — aparteou Clóvis Tavares, que, na cidade de Campos, Rio de Janeiro, fundara, sob a inspiração do médium, a “Escola Jesus Cristo” —, não se recrimine... A verdade é que a luz intensa costuma deslumbrar os nossos olhos acostumados à sombra. Como é do seu conhecimento, estive com o Chico diversas vezes e, durante longos anos, nos correspondemos. Estive em Pedro Leopoldo, Uberaba, e ele esteve conosco em Campos, inclusive descansando por uns dias em nossa casa de praia em Atafona; pois bem, igualmente confesso que, por maior fosse a minha admiração e o meu respeito a ele, eu não sabia que estava lidando com um espírito de tal envergadura...

— Permitam-me a intromissão — falei, tomando a defesa do amigo que sempre me tratara com tanta gentileza, nas poucas vezes em que visitara Chico Xavier na “Comunhão Espírita-Cristã” —; eu também me penitencio, Weaker, pois, para mim, Chico não passava de um grande médium, nada mais do que isto... No entanto, se algum de nós, ainda na carne, tivesse identificado a sua estatura espiritual ou tido a convicção plena de que se tratava do próprio Codificador reencarnado, é possível que extrapolássemos em nosso relacionamento com ele,

criando-lhe sérios embaraços; bastem já os obstáculos que, involuntariamente, lhe causamos com as nossas descabidas exigências ou pontos de vista personalistas...
Concordando comigo, a irmã Yvonne Pereira observou:
— Para os próprios apóstolos, o Cristo só foi compreendido em sua grandeza divina após o episódio de sua ressurreição; até então, Judas o traíra e Simão Pedro o negara... Se não se tivesse confirmado a vitória do Mestre contra a morte, constatada por Maria de Magdala, é possível que os onze tivessem recuado da tarefa de levar adiante a Boa Nova...

— Bem lembrado, Yvonne — enfatizou Carmelita. E não olvidemos que, para incentivá-los, o Senhor permaneceu durante quarenta dias concedendo-lhes aparições e proporcionando advertências de viva voz, tendo-se, inclusive, mostrado redivivo, na Galiléia, a quinhentos discípulos de uma só vez... O Grande Paulo de Tarso não se teria convertido ao Cristianismo, se o Senhor não lhe tivesse aparecido de forma insofismável, às portas de Damasco, orientando-o em seus passos iniciais.

— Meus irmãos — confortou-nos Odilon —, a misericórdia de Deus e o nosso querido Chico saberão relevar as nossas deficiências; o importante é que continuemos cumprindo com os deveres que nos são comuns, dignificando o esforço daqueles que nos inspiram a ser melhores do que somos. A existência física e os exemplos do nosso irmão recém-desencarnado, nos servirão de material de reflexão para muito tempo; o trabalho que se nos desdobra à frente é gigantesco e não podemos perder tempo com lamentações...
— Estou de acordo, meu amigo — interveio Batuíra —; se algo fizemos sobre a Terra, muito ainda nos compete realizar e, conforme asseverou Léon Denis, na exortação que nos dirigiu ainda há pouco, o futuro nos aguarda e não nos furtaremos à bênção de um novo recomeço. Se não somos o que gostaríamos de ser, pensemos nos milhões de companheiros que, nos Dois Planos da Vida, ignoram completamente as mais rudimentares lições com que a Doutrina já nos favorece. Estamos a queixar-nos da luz diminuta que nos clareia o caminho, a esquecermos, porém, que ela é do tamanho exato das luzes do nosso próprio entendimento. Se aspiramos a seguir Chico Xavier em sua ascensão aos Páramos Superiores, tratemos de fazer mais e melhor...
- Ora, Batuíra! — pontificou Gonçalves ao estimado Mentor. — Este, sem dúvida, não é o seu caso...
- Por que não? — replicou o lúcido seareiro.
Acaso terei abdicado da minha condição humana? E você, Cairbar, que nada diz? Em que estará a pensar?...
- Estou pensando que quase todos nós estivemos próximos do que almejamos, no entanto faltou-nos coragem e maior desprendimento para o passo decisivo... Não nos doamos por inteiro ao Senhor; algo, que não sei definir, ainda nos prendia ao "eu"... Com certeza, não soubemos responder com ações à célebre indagação do Mestre endereçada aos seus discípulos de todos os tempos: "Que fazeis de especial?"
Meditando por momentos, acentuou:
- Pessoalmente, o que mais me valeu deste Outro Lado foi ter-me dedicado aos mais pobres; nada, coisa alguma se compara ao nosso envolvimento pessoal na

prática do bem...
Escrevi muito, publiquei diversos livros, proferi conferências, fundei instituições, enfim, tenho consciência de que cooperei, numa época difícil, com a expansão da Doutrina, mas, em nível de consciência, só me sinto tranqüilo quando me ponho a pensar nas lágrimas que enxuguei, nas dores que amenizei e no amor que distribui com os meus semelhantes... Pugnar pela Fé Espírita no mundo é algo que, de certa forma, ainda nos envaidece, porque nos coloca no palanque da evidência e, infelizmente, neste sentido muitos se equivocam, abdicando do trabalho que devem realizar no âmago de si mesmos; a ocupação com a difusão dos nossos princípios, não nos dispensa do esforço intransferível da própria renovação... A pergunta de Jesus aos companheiros deve também nos soar aos ouvi-dos com o seguinte significado: “Que fazeis de especial em vós para vos tornardes especiais para os outros?” Então, de minha parte, posso dizer-lhes que nada fiz de especial...

CAPÍTULO 13

A praça em que nos havíamos reunido já se encontrava praticamente vazia; diversos grupos, procedentes de várias regiões da Espiritualidade, haviam partido e, agora, os curiosos e desocupados de além-túmulo se aproximavam, como que para vasculhar os espólios do concorrido velório... Contrastando com a luz do corpo espiritual de eminentes entidades, esses outros nossos irmãos se mostravam opacos em seu novo veículo de expressão, dando-me a impressão de que, embora desencarnados, ainda não tinham logrado completa emancipação; muitos caminhavam sem qualquer desenvoltura, qual se fossem doentes com dificuldade para mudar o passo...

Observei que semelhantes espíritos que, aos poucos, emergiam das sombras, eram em grande número e, com raras exceções, se revelavam de facies sofrida; os que constituíam exceção possuíam uma expressão malévola na qual lhes transparecia o grau de ensandecimento... Com a minha experiência em lidar com pacientes psiquiátricos por mais de meio século, não tive dificuldade para separar uns e outros, ou seja, os que unicamente sofriam e os que sofriam e faziam sofrer.

—Antes de nos juntarmos a vocês — explicou Gonçalves —, eu, Weaker e Clóvis estávamos conversando com alguns irmãos desencarnados que, impressionados com o que viram aqui, estão dispostos a mudar; eles estavam nos perguntando o que devem fazer para reencarnar...

— Não podemos — falou Clóvis com espontaneidade — deixar perder a “safra” que se nos oferece aos propósitos de colher para Jesus... Eu imaginava que não passava de lenda o que os Evangelhos ditos apócrifos nos relatam, referindo-se aos espíritos que habitam o interior da Terra e que, com o episódio da Ressurreição, se libertaram das regiões abissais, atraidos que foram pela Luz que brilhou na superficie. Contam as tradições que espíritos acorrentados às profundezas, por séculos, conseguiram se emancipar e, em massa, se converteram ao Cristianismo, porqüanto Jesus Cristo não se dirigia apenas à comunidade dos encarnados: Ele pregava para os que se encontravam no corpo quanto para os que se encontravam fora dele; caminhou entre os vivos e os mortos, dialogando o tempo todo com homens e com espíritos, e a sua crucificação se deu por um conluio entre os que tramaram a sua morte dos Dois Lados da Vida...

Identificando-nos na condição de adeptos do Espiritismo e amigos de Chico Xavier, começamos a ser abordados por aquelas entidades infelizes que, aos meus olhos, se assemelhavam a sobreviventes onde houvesse sido travada intensa batalha. A grande maioria exibia as vestes em farrapos e, além da obscuridade espiritual à qual já me referi, deixavam exalar de si quase insuportável odor...

— Por favor, auxiliem-nos! — disse-nos um deles, adiantando-se aos demais. Estamos convencidos de que, realmente, o mal não compensa... O que vimos acontecer hoje, aqui...

Estamos dispostos a enfrentar um novo renascimento. Que luz foi aquela que brilhou no céu com tanto esplendor? Queremos, igualmente, amar para sermos amados. Se vocês são discípulos de Chico Xavier, auxiliem-nos, por caridade.

Não queremos mais permanecer nesta situação, mas não sabemos o que fazer...
Um espírito feminino, cujos olhos encovados no rosto macerado nos permitia entrever o tamanho do seu padecimento, atirou-se-nos aos pés, suplicando de mãos erguidas:
— Por piedade, estou arrependida; desde que deixei o corpo, a minha vida tem sido vagar nos caminhos do Além... Confesso-lhes que me transformei num vampiro e ando à busca de prazer. Incentivada por outros, pelos quais me deixei influenciar, rebelei-me contra Deus; no mundo, abandonada por meus pais, fui, desde jovem, uma mercadora de ilusões... De há muito quero mudar e, agora, creio que chegou o momento; estou profundamente comovida com a manifestação pública que observei no velório desse homem santo... Libertem-me de mim mesma!

Um outro, de barba crescida e unhas por aparar, qual mendigo de rua que ansiasse pelo beneficio de um simples banho, rogou-nos, envergonhado:
— Perdi excessivo tempo e perdi-me daqueles que eu mais amava; não sei mais de nenhum dos que eu amei na Terra... A ociosidade me viciou o espírito e dementei-me; tenho a impressão de que estou despertando de profunda letargia que de mim se apossara... Eu também quero e necessito mudar, pois, caso contrário, os meus sofrimentos se eternizarão... Socorram-me! Sei que não mereço, mas socorram-me!... Não me deixem mais entregue à própria desdita. Estou disposto a tudo e aceitarei qualquer corpo que se me ofereça no mundo...
Parecia-me, sem qualquer exagero, que os túmulos tivessem sido abertos e aquelas entidades do mundo subterrâneo, emergindo das trevas, estivessem empreendendo fuga dos que os mantinham encarcerados nas cavernas do remorso.
Olhando-me, significativamente, Odilon comentou:
— Quantas bênçãos a vida e a suposta morte de um verdadeiro homem de bem pode espalhar! Quantos não estarão sendo motivados à renovação íntima, ante o episódio da desencarnação do nosso Chico! ... Ele que, no corpo, descerrou caminhos para tanta gente, ao deixar a vestimenta fisica, prossegue orientando com os seus exemplos os que se desnortearam além da morte. Faz-me recordar o que disse Jesus, no capítulo 12, versículo 24, das anotações de João: “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto”.

— O trabalho dos nossos irmãos espíritas, ao que percebo — falei por minha vez —, doravante há de redobrar; é bom que eles estejam preparados e arregacem as mangas... Um número maior de encarnados e desencarnados haverá de acorrer às nossas casas de fé, na expectativa de orientação e esclarecimento. Estaremos em condições de recebê-los?...

Indo ao âmago da questão, Gonçalves considerou:

— Se os nossos companheiros de ideal que ainda labutam na carne, agirem com menos personalismo e um pouco mais de boa vontade em servir, não teremos dificuldade; o nosso problema mais sério são as nossas discussões intestinas...

— Tudo vaidade, Gonçalves — interferi, não resistindo —‘ vaidade e hipocrisia de dirigentes e médiuns... Não perdemos a mania de querer aparecer às custas da Doutrina; até na prática da caridade falta-nos idealismo... Desculpe-me, se não

aprendi a amenizar, mas as lembranças que trago do nosso Movimento, ainda estão bem vivas dentro de mim; os espíritas, com raras exceções, acham que são os tais: colocam a mão no bolso e olham os outros por cima da cabeça, como se o conhecimento espírita, por si só, lhes concedesse supremacia... Como estão enganados, meu Deus! Quantos conheci que se envaideciam por serem amigos de Chico Xavier, acreditando que a amizade dele pudesse garantir-lhes a entrada em “Nosso Lar”... Algumas vezes em que estive pessoalmente a visitá-lo, com o meu incorrigível senso de crítica, notava quanto aqueles que o rodeavam lhe disputavam a atenção, ignorando, total ou parcialmente, o sacrificio a que ele se submetia no cumprimento do dever, com o intuito de nos ensinar a fazer o mesmo.
- Você não deixa de ter razão — redargüiu-me o confrade. —Q homem crê que, para se iluminar, bastar-lhe-á se aproximar da luz ou que, para não sentir sede, lhe é suficiente a proximidade da fonte... Confesso-lhe, Inácio, que quando perto do nosso Chico eu experimentava imensa vontade de ser igual a ele, porém, quando me distanciava, tomando o caminho de volta para casa, aquele meu impulso, aos poucos, ia desaparecendo e, então, eu ficava triste com a constatação da própria realidade: como as de Ícaro, as minhas asas eram de cera!...

CAPÍTULO 14

Providenciando para que aquelas e outras entidades fossem socorridas, íamos nos retirando, quando, em estado deplorável, uma senhora em espírito se aproximou de nós, suplicando:

— Pelo amor de Deus, eu não agüento mais! Estou cansada de sofrer... Há mais de oitenta anos deixei o corpo e, desde então, não tenho tido paz. Valham-me por caridade!... Estou mergulhada nas trevas de profundo remorso. Vocês não sabem o que eu passo nas mãos de verdugos cruéis! Hoje, finalmente, consegui escapar... Enceguecidos por estranha luz, que brilhou de repente no abismo em que me mantinham presa, pude fugir... Compadeçam-se de mim — eu não mereço, mas tenham piedade!... Vocês, com certeza, devem pertencer às falanges angelicais que, de quando em quando, descem às regiões das sombras para abrir as portas do cárcere aos que vivem acorrentados à própria consciência culpada...

— Não, minha irmã — disse Odilon, compadecido —, não somos anjos; somos simplesmente criaturas humanas fora do corpo... A luz que a trouxe até nós não nos pertence, no entanto estamos aqui para auxiliá-la... Mas, como a senhora pôde não perder a noção de tempo, em meio a tanta dor e desvalimento?...

- Ah!, meu filho — respondeu —, para quem erra como eu errei, os dias são longos e lentos... Tudo mais se me apagou da memória, menos a ação infeliz que pratiquei. Tenho contado as horas e os dias, na esperança de esquecer o que fiz... Inútil, porém; aquelas cenas se repetem e me enlouquecem. Por vezes, tenho a impressão de que elas saltam para fora de mim e se materializam aos meus olhos... Como pude ser capaz de tamanha atrocidade e ser absolvida em confissão? Deve ter sido por causa das doações que eu fazia à Igreja, que me prometeram o Céu, que jamais encontrei... Há quase um século que eu não respiro um ar tão puro quanto o desta noite e não sei o que é contemplar o firmamento estrelado...

Aquela senhora desfigurada emocionava-me profundamente. Que crime, afinal de contas, ela havia cometido para estar naquela situação, uma das piores com as quais eu já havia me deparado na condição de médico habituado a lidar com dementes de todos os matizes? Bastou que mentalmente eu a interpelasse, para que, de maneira espontânea, ela começasse a falar:

- Fui proprietária de muitas terras por estas bandas e tive descendentes de escravos por serviçais em minha casa; não pensem que a escravidão tenha sido extinta com a promulgação da Lei Áurea... Os negros não tinham para onde ir com os seus filhos e se sujeitavam a viver miseravelmente. Ninguém se importava com eles e a justiça dos homens nunca cuidou dos interesses dos fracos e dos oprimidos; o que se passava nas fazendas era ignorado na cidade, principalmente no meu caso, que sempre fui uma mulher muito rica... Desde que o meu marido morreu picado por uma víbora, o meu espírito se transtornou e, sem herdeiros, procurava descontar a minha desventura naqueles que continuavam a me servir em regime de escravidão; a peso de ouro, eu me fazia obedecer cegamente por um capataz, pronto a me obedecer às ordens. O seu ódio pelos negros era acrescido pelo fato de ter sido filho bastardo, pois um deles lhe havia violentado a

mãe, que engravidou... O padre, sempre beneficiado pelos meus favores à paróquia, fazia vistas grossas e não me denunciava; certa vez, inclusive, eu o surpreendi no meio do cafezal forçando uma adolescente a render-se aos seus instintos. Ele silenciava a meu respeito e eu a respeito dele e, assim, nos entendíamos...

Arregalando os olhos dentro da noite, como se estivesse a ver fantasmas, a infeliz irmã continuou a narrativa:

- Um dia, além dos castigos que habitualmente infligia aos meus empregados, deixando-os acorrentados no manguezal, comendo lavagem junto com os porcos, uma jovem que cooperava nos serviços de limpeza da casa grande, onde eu residia, deixou quebrar-se um vaso de porcelana com que o meu marido me presenteara quando noiváramos. Tomada por um acesso de fúria, chamei o capataz e ordenei que ela fosse amarrada ao tronco, completamente nua e, a quem não a possuísse, ameaçava deixar apodrecer no manguezal até ser devorada viva pelos cachaços... Não satisfeita, após vêla quase morta, entreguei eu mesma um machado ao homem que me obedecia cegamente e disse-lhe que decepasse a mão direita daquela serviçal que tinha idade para ser minha filha... O resto não lhes será difícil imaginar; esvaindo-se em sangue, a jovem agonizou no tronco e sucumbiu depois de algumas horas. A minha loucura, no entanto, não parou por aí, pois sequer consenti que o seu corpo fosse enterrado: durante vários dias, os urubus e os vermes dele se alimentaram...

De repente, interrompendo a terrível descrição, a qual custava-nos crer, a senhora começou a gritar, levando as mãos à cabeça:

- Socorro! Socorro! Eles querem me pegar!... Não deixem que se aproximam; são porcos e pretendem me arrastar para o chiqueiro... Socorro! Socorro!... Há quase um século, me submetem às mais absurdas humilhações... Fora! Não se atrevam!..

Virando-se para mim, Odilon observou:

— Inácio, este é mais um caso para você; providencie para que a nossa irmã seja conduzida ao hospital... Não podemos deixá-la à mercê da própria infelicidade... Por mais hediondo o crime, a Justiça Divina se repleta de misericórdia para com o criminoso que, em essência, tanto quanto nós mesmos, se trata apenas de um filho equivocado do Pai que educa, corrigindo, e não que condena, desamparando.

Porém, mal o devotado amigo terminara de falar, assistimos a uma cena impressionante: três espíritos, metade homens, metade porcos, emergiram do solo lamacento e, cuinchando e roncando, se aproximaram daquela mulher, com o intuito de a conduzirem de volta à vala de onde haviam saído... Agindo com presteza, Odilon, Clóvis e Gonçalves impediram que eles consumassem o seu intento, enquanto eu, amparando a senhora dementada, a confiei à guarda de Paulino Garcia, solicitando a ele que entrasse em contato com Manoel Roberto o mais rápido possível.

Os três espíritos transfigurados, que mais me pareciam enormes javalis, recuaram e, entre cuinchos, roncos e impropérios, ameaçavam:

— Ela não nos escapará; é propriedade nossa... Vocês não sabem o que ela fez? Por que defendem o algoz e não a vítima?... Deixem-na! Gente dessa laia é conosco, não com vocês... Não somos piores do que ela e, no entanto, estamos

nesta condição. Dizem que não, mas há, sim, protecionismo por parte da Lei ou, então, aqueles que a executam são corruptos...

Tomando a iniciativa de falar, Clóvis contestou com ternura, porém, com firmeza:

— Enquanto o arrependimento não chega para o infrator, ele não toma verdadeira consciência de que necessita mudar. Vocês estão na situação em que se encontram porque a consideram cômoda; caso evidenciassem o menor propósito de se renovarem, a Misericórdia Divina lhes concederia a oportunidade que a ninguém é negada... Outrora, fomos como vocês, indiferentes à própria sorte e revoltados contra a Providência: acreditávamos que Deus tinha a obrigação de nos fazer felizes, sem o menor esforço de nossa parte; sofremos muito e aprendemos que qualquer semente, para germinar, necessita de contar com o mínimo interesse do lavrador... Meus irmãos, não nos têm sido regateados os recursos indispensáveis para que sejamos bons; o problema é que não estamos dispostos ao sacrifício, à disciplina das emoções e à elevação dos pensamentos... Desacreditamos do amor de Deus e permanecemos à espera de um milagre!...

CAPÍTULO 15

Clóvis Tavares argumentava com bom-senso incontestável, porém os espíritos que, ao ouvi-lo, tinham se aquietado em sua fúria, responderam, sofismando:

— Mudar? Sermos bons?... Não fomos nós que nos fizemos assim; não somos os autores do mal que encontramos pelo caminho... Qual a razão do sofrimento e a causa da dor que nos são impostos? Fazer a evolução? Com que motivo? Apenas para atender a um mero capricho do Criador? O que nos domina é uma força superior às nossas próprias forças... Tudo nos leva a crer que Deus é parcial e fez duas classes distintas de espíritos: os bons e os maus; nós somos os maus e — pronto! — talvez tenhamos sido escolhidos por Ele para colaborarmos no sentido de que os bons se façam melhores ainda, no entanto, neste trabalho, os maus ainda mais se corrompem...

Este é o nosso estado de felicidade, é assim que nos sentimos bem... Se nos fosse possível mudar, daqui há séculos e séculos, teríamos que optar por uma dor maior, e isto tudo para quê?

Apenas para ganhar o Céu?... Não, obrigado pela sua intenção, no entanto o nosso céu de lama nos é mais acessível e não temos que obedecer. Vivemos à Lei da Natureza e não nos sentimos culpados; o Criador, sim, é que deve viver com um eterno drama de consciência...

— Meus irmãos — rebateu o companheiro —, não blasfemem contra Aquele que nos tirou do nada e nos deu a possibilidade de atingir a Perfeição, vivendo em perene comunhão com o seu Infinito Amor; tudo que existe aspira à luz do Mais Alto... A lagarta, que se arrasta no solo, sonha em criar asas e voar no firmamento; a fonte humilde, sem nenhuma noção de rumo, corre na direção do oceano; desde épocas remotas, o homem deseja conquistar o espaço e residir nas estrelas... Crescer é uma aspiração natural da Vida! Concitou-nos Jesus: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”... Ele mesmo, que já era o Caminho, a Verdade e a Vida, não hesitou em aceitar o sacrificio na cruz para expandir-se em mais íntima integração com Deus; sempre ser-nos-á possível dar um passo além nas sendas da Evolução... Não bracejem contra a correnteza do rio, pois, a rigor, não há quem não se canse de se opor à força das águas; deixem-se conduzir, amoravelmente, pelo Divino Pastor, que nos leva de volta ao aprisco... Ninguém nasce para fazer o mal, para servi-lo ou para exaltá-lo; todos somos herdeiros da genética do Criador, e as Suas qualidades vigem, em estado latente, na criatura... Não perlustremos caminhos que outros já percorreram, em vão. Vocês acabarão se arrependendo e verificarão que é inútil tentar resistir ao Amor que nos atrai e que nos quer para Si. O Bem ou o Mal são uma questão de escolha, porqüanto Aquele que nos criou nos fez livres e não escravos... Quem é que nos constrange a agir conforme não queremos? Quem é que impediu a nossa irmã de se arrepender ou os obstruiu, no propósito de serem os agentes da Justiça de Deus? Quem os colocou para morar no interior da Terra e quem, hoje, os chamou à superficie do solo? Quando não nos adequamos à Vontade que nos governa, embora não possa se adequar a nós, ela nos deixa ser o que queremos...

Notando quanto Clóvis se esforçava para esclarecer aqueles três infelizes, tomei a iniciativa de auxiliá-lo e falei sem rebuços:

— Há quanto tempo vocês estão assim? 50, 100, 200 anos?... Por mais quanto tempo pretendem ficar? Acaso, não percebem que tudo à sua volta está se renovando?... O mal não é eterno! Independente de sua vontade, ouso dizer que, um dia, cada um de vocês experimentará o desejo de ser diferente. Quem é que não aspira a saber como é a outra face de tudo? Não se enganem e nem se deixem enganar... Aproveitem que saíram à superficie e dêem uma espiada por aí; a forma que vocês adotaram é coisa primitiva... Hominizem-se! ... A fraternidade, embora ainda de maneira tímida, começa a imperar entre os homens; dentro de nós, há uma rejeição natural ao que não seja correto... A consciência, que é o eco da Voz de Deus em nós mesmos, a cada dia nos fala com timbre mais nítido. Agora ou depois, vocês se arrependerão — um primeiro, outro em seguida e, assim, sucessivamente... Ninguém pratica o mal com real convicção. Tudo é apenas uma questão de interesse; quando os seus interesses mudarem, vocês mudarão... A sensação de fazer o bem é desconhecida por aquele que nunca o praticou. Eu não acredito em vocês — desculpem-me, mas estou sendo sincero. Logo, vocês se cansarão do que são e tomarão a iniciativa de mudar — isto é uma simples questão de tempo. Porém, se pode ser amanhã, porque não fazerem com que seja hoje?... Onde estão os seus entes queridos, aqueles que verdadeiramente os estimavam?

Haverá entre vocês, na comunidade em que vivem, real afeição? Perdoem-me de novo, mas eu não acredito; se o egoísmo é forte à superficie da Terra, que se dirá em suas reentrâncias obscuras!... Eu sei o que existe abaixo de mim, mas desconheço o que existe acima, e é o que quero saber. O universo que vocês escolheram para viver é estreitíssimo; o que temos acima de nossa cabeça é incomensurável!...

Sem consentir que eu ou Clóvis Tavares prosseguíssemos na argumentação, um dos homens-javalis disse aos outros dois:

— Vamos embora, depressa!... Estes homens são perigosos e tentam nos enganar; não estão apelando aos nossos sentimentos, mas, sim, à razão... Não os ouçamos por mais tempo.

Parecem-me exímios na arte de ludibriar; o Chefe já nos advertiu a respeito deles... Que azar, o nosso de encontrá-los! Tentemos esquecer o veneno que nos inocularam no cérebro...

Vamos, fujamos! Voltemos para o nosso habitat; lá, eles não poderão conosco... Deixemos a infeliz em poder deles; já nos aproveitamos dela o suficiente e, depois, temos mais gente conosco...

Sem nos darem tempo para mais nada, o homem-javali que liderava o pequeno grupo mergulhou no solo lamacento e, como se estivesse a fuçá-lo, foi abrindo caminho para os outros dois, que o seguiram. Porém, para nossa surpresa, o último deles a se atirar na lama, quando os dois primeiros já haviam desaparecido, retrocedeu e caminhou na nossa direção.

— Eu aceito a proposta de vocês — falou, quase desabando aos nossos pés —; recolham-me, por caridade! ... Eu não agüento mais. De há muito, venho sentindo náuseas... Quero arrancar esta máscara da face e não consigo; estou com saudades de minha mãe... Eu não sou um animal, eu sou um ser humano; vocês

têm razão: eu não posso continuar vivendo assim... Lá, onde a gente se esconde, eles nos obrigam a jurar fidelidade ao Chefe. Quem se rebela é supliciado, e eles praticamente o deixam descerebrado... Muitos querem se libertar, mas são dominados. Por favor, não me deixem voltar; tratem de mim, dêem-me remédios... Devolvam a minha forma humana!...

Assim dizendo, o espírito que retrocedera cambaleando e se aproximara de nós, desfaleceu e não mais deu acordo de si.

O líder do grupo, que se havia chafurdado na lama, colocou a imensa cabeça de javali para fora e, atinando com o acontecido, antes de novo mergulho, vociferou:

— Eu estava desconfiado de você, bandido! Você nos traiu... Cuide para não cair nas nossas garras... Frouxo! Você não passa de um frouxo!...

— Inácio — disse-me Odilon —, este também é com você; providencie para que o nosso irmão seja removido...

Sem conseguir controlar o velho hábito de gracejar com coisas sérias, respondi:

— Pelo jeito, eu vou ter que ampliar as dimensões do hospital!...

CAPÍTULO 16

A minha tentativa de descontrair não funcionara. A verdade é que estávamos todos consternados com a situação daqueles nossos irmãos, que, em determinado trecho do caminho, se haviam equivocado e, agora, demandariam grandes lutas para se recuperarem. Por outro lado, no entanto, não adiantava tristeza; eles, com certeza, haveriam de se refazer; com o tempo, curariam as suas lesões mentais e, um dia, seriam felizes... Era o que estava acontecendo conosco, que nos encontrávamos sob intenso tratamento nas lidas espirituais a que fôramos chamados. Apesar do meu jeito extrovertido, em meu íntimo pensava:

— Todos esses nossos irmãos são filhos de Deus, que cuida do pequenino grão de areia perdido no deserto quanto do mais belo e portentoso astro a gravitar no cosmos... O mal é apenas uma experiência transitória; o objetivo da dor é o de nos disciplinar; em verdade, não existe punição: o que existe é educação... O aprendizado é lento e gradativo, mas fatal; embora persistamos nas trevas, todos estamos destinados à luz... A cada passo, nos sentimos atraidos por uma força que nos faz convergir para Deus... Não somos mais que crianças que se distraíram de seus deveres...

O tempo urgia e necessitávamos de nos despedir; aos poucos, os diversos grupos socorristas foram se retirando e os amigos que havíamos encontrado necessitavam partir.

Abraçamo-nos fraternalmente e seguimos, eu, Paulino Garcia e Odilon. Colaboradores anônimos se encarregaram de conduzir as diversas entidades espirituais que, digamos, com toda aquela movimentação que acompanhara o velório e o sepultamento de Chico Xavier, se haviam “convertido”; incalculável número de espíritos obsessores que, seguindo as suas vítimas encarnadas, tinham passado por ali, adentrando ou permanecendo nas vizinhanças do “Grupo Espírita da Prece”, foram tocados... E evidente que nem todos se beneficiaram diretamente: a maioria permanecia recalcitrante, mas muitos se desligaram de seus desafetos, tomando a iniciativa de abandoná-los...

Tenho-me esforçado ao máximo para descrever aos nossos companheiros de ideal o que pude testemunhar, mas sei que tudo quanto eu lhes diga será um pálido reflexo do que aconteceu naquelas inesquecíveis quarenta e oito horas em que o corpo de Chico foi velado.

De volta ao hospital, preferimos caminhar durante boa parte do percurso que efetuávamos: sentíamos necessidade de espairecer e conversar. De quando em quando, parávamos e olhávamos para trás e, ao mesmo tempo, nos púnhamos a contemplar o Infinito... O grande vazio que os nossos irmãos espíritas estavam experimentando, de certa forma também estava em nosso coração; não sabíamos para onde o espírito Chico Xavier havia sido conduzido — e eu que chegara a pensar que os mortos não sabem o que é ter saudade!... Assim como os homens se esquecem de que são espíritos, por vezes os espíritos se esquecem de que são homens. A morada dos anjos, efetivamente, estava muito distante de nós, que tão próximos estamos da Terra, que, não raro, chegamos a ouvir os ruídos e os burburinhos da vida humana.

— É, Inácio — falou-me Odilon —, os nossos confrades, especialmente aqueles que privaram com Chico Xavier hão de sentir muito a sua ausência; espíritos como ele, apenas de tempos em tempos se corporificam no Planeta... Alguns lamentarão o fato de não terem melhor aproveitado as suas lições, durante as incontáveis tertúlias doutrinárias das quais participaram: as reuniões madrugada adentro, os encontros, os diálogos informais, as visitas à periferia da cidade, as informações mediúnicas, o seu sorriso espontâneo...

— E nós que achávamos que ele, ao desencarnar, ficaria à nossa disposição, não é?... — considerei. — Muitos, de alguns anos para cá, viviam na expectativa do seu retorno e, para reencontrá-lo agora, pelo menos no que me diz respeito, vamos ter que subir...

— No que me diz respeito também, Inácio —redargüiu Odilon, humildemente. — E, no intuito de subir, não podemos mais dizer que ignoramos o caminho... A Terra, de fato, é a abençoada oficina em que forjamos as asas que nos possibilitam desferir vôos mais altos. É uma pena que poucos compreendam isto. Muitos de nossos companheiros de ideal executam as suas atividades, sejam elas mediúnicas ou não, sem real proveito para si. Abraçam o Espiritismo, mas não se permitem abraçar pelo Evangelho... Os estágios de assimilação do aprendizado são diversos e variados; não nos basta a simples condição de adeptos da Doutrina, para que nos justifiquemos no Mais Além, quando formos avaliados em nossas ações pelo tribunal da consciência...

Enquanto Odilon falava e caminhávamos, de súbito tive uma idéia que expus ao devotado amigo:

— Já que estamos com tempo, que tal uma rápida visita a Pedro Leopoldo, a terra natal de nosso Chico?... Eu nunca estive por lá e creio que o Paulino também não.

— Não — respondeu de pronto o simpático jovem, aprovando a minha sugestão —, eu não conheço Pedro Leopoldo e, de há muito, anelo em meu coração excursionar por aquelas bandas de Minas Gerais... Seria interessante e oportuno.

Concordando conosco, Odilon recomendou que utilizássemos a faculdade de volitar e, em poucos minutos, chegávamos à referida cidade, onde fomos recebidos por um senhor de nome Zeca Machado, antigo companheiro das lides espíritas de Chico Xavier.

Como em Uberaba, os moradores de Pedro Leopoldo estavam consternados pela partida do filho ilustre, que de lá saíra em 1959. Ciceroneando-nos, Zeca, a pedido de Odilon, levou-nos para conhecer os pontos pitorescos da passagem do inesquecível médium pela Terra.

- Quando Chico — explicou-nos — transferiu residência para Uberaba, é evidente que ele nos fez muita falta, no entanto a recomendação que os Espíritos Superiores lhe fizeram neste sentido não poderia ser ignorada; as coisas estavam ficando muito complicadas para ele e a família que, em função do seu trabalho, havia perdido toda a privacidade... À época, Pedro Leopoldo era uma cidade pouco povoada, mas muita gente, de alguma forma, queria tirar partido da presença de Chico; vocês sabem o que representa a chamada tentação do dinheiro... Ele não teve alternativa e ainda bem que encontrou, no Triângulo Mineiro, as condições ideais para dar seqüência ao seu trabalho. No início, eu mesmo não compreendi a sua decisão, mas, depois, vi que ele havia acertado. Do

ponto de vista doutrinário, foi bom para nós — o Movimento cresceu, passamos a nos sentir mais responsáveis; outros médiuns, que viviam à sombra de Chico, foram convocados à lida... E, depois, ele nunca nos abandonou: periodicamente, aqui estava, visitando a família e os amigos — não perdemos contato... Quando nos era possível visitá-lo em Uberaba, éramos sempre recebidos com grande alegria. A cidade de Uberaba, mais ligada a São Paulo do que a Belo Horizonte, ensejou que a tarefa do Chico se difundisse por todo o Brasil. Enfim, foram vários os aspectos positivos de sua transferência para lá. Hoje, com a graça divina, o movimento espírita de Pedro Leopoldo é dos mais promissores; os grupos trabalham ativamente e têm priorizado o estudo da Doutrina — o estudo e, conseqüentemente, a sua vivência...

Respirando fundo, como se estivesse a lembrar-se de saudosos tempos idos, Zeca continuou:

- É difícil acreditar, mesmo para nós, que éramos próximos, que um espírito da envergadura de Chico tenha vivido por aqui... A história de sua infância é comovente; desde criança, ele era diferente... Agora éque percebo que, em tudo que fazia, os espíritos estavam com ele. Digo-lhes, sem exagero, que, se Chico tivesse continuado no seio da Igreja, hoje ele seria considerado um santo. A sua vida, em muitos lances, me lembra a vida de Francisco de Assis, que renunciou a tudo para servir a Jesus...

CAPÍTULO 17

— Chico sempre se preocupou em esconder a própria grandeza: não fazia e não permitia que alguém fizesse a sua propaganda; durante os passes que ele transmitia nos doentes, do seu corpo e, particularmente, de suas mãos exalava cheiro de éter ou de perfume... Impressionantes os fenômenos que aconteciam à sua volta; eu mesmo, por diversas vezes, testemunhei a explosão de luzes à sua volta. De madrugada, tarde da noite, quando saíamos do “Luiz Gonzaga” ele, antes de ir para casa, fazia questão de visitar alguns amigos acamados e, quando não tinha nada para lhes levar, talava uma singela flor do campo com que proporcionava alegria a cada um deles... A sua facilidade para psicografar era impressionante; num simples pedaço de papel, onde houvesse necessidade, apoiando-o na perna ele grafava as mais lindas páginas de além-túmulo. Trovas e sonetos lhe brotavam das mãos com a mesma espontaneidade que as estrelas aparecem no firmamento. Aos seus olhos, tínhamos a impressão de que éramos transparentes —ele nos enxergava por dentro, o corpo e a alma, e, não raro, nos respondia a determinada pergunta antes que tivéssemos tempo de formulá-la; ele nos adivinhava os pensamentos, mas guardava silêncio para as nossas imperfeições...

As descrições de Zeca Machado me comoviam e comecei a sentir inexprimível desejo de ter compartilhado daquele tempo de tanta espiritualidade e beleza!

— Vamos ao “Luiz Gonzaga” — convidou-nos o devotado amigo.

O referido centro, antiga casa de trabalho de Chico Xavier na cidade, fica localizado na rua principal, próximo à igreja matriz.

— Este é o prédio novo — explicou-nos —; o velho já não existe mais, no entanto ainda o conservamos intacto deste Outro Lado da Vida...

— Isto é possível? — indaguei, curioso.

— É evidente, Inácio — atalhou Odilon —; tudo possui o seu duplo...

— Mas esse duplo não existe em função do que existe materialmente?... Quando os objetos se desarranjam, do ponto de vista material, o que lhes constitui a réplica espiritual igualmente não se desagrega?

— Nem sempre, principalmente quando determinados objetos e construções se acham fortemente imantados ao pensamento plasmador — respondeu Odilon, que continuou: — A estrebaria em que Jesus nasceu, há cerca de dois mil anos, não desapareceu do céu de Belém; ela se conserva intacta, pois, todos os dias, no mundo inteiro, os cristãos estão constantemente a criá-la e a recriá-la... No entanto, Inácio, este é um assunto para os nossos fisicos e não para nós, que estamos apenas à procura de melhoria íntima.

- Concordo — respondeu Zeca, convidando-nos a adentrar a sede original do “Luiz Gonzaga”, que funcionava num pequeno cômodo da casa em que Chico residia com a família.

O recinto era diminuto porém muito bem cuidado; das paredes que o constituíam irradiava-se suave luz e podia-se respirar uma atmosfera de paz.

— Muitos espíritos costumam vir aqui fazer as suas orações, meditar — falou-nos o anfitrião.

— Estou impressionado — disse Paulino —; este cômodo é bem menor do que o meu quarto...
— Do seu ex-quarto!... — corrigiu o mestre ao pupilo.
- Desculpem-me; às vezes, eu ainda me esqueço...
— Ora, Paulino — interferiu Zeca, sorridente — não se preocupe; afinal de contas, como você está vendo, até para o que é material a vida continua...
— Como, neste pequeno espaço, a Espiritualidade logrou fazer tantos prodígios em favor da Humanidade?...
— O problema do homem é espaço demais e aproveitamento de menos — filosofei, igualmente maravilhado com a singeleza do ambiente.
— No começo da tarefa de Chico, no ano de 1927 em diante, ele praticamente orava sozinho aqui; sozinho, em termos — consertou Zeca —, porque os espíritos estavam com ele: os poetas, os literatos, os grandes luminares da Vida Maior e os sofredores vinham visitálo...
— Os sofredores se manifestavam mediunicamente no “Luiz Gonzaga”? — interroguei ao gentil confrade.
— Raramente; as sessões mediúnicas de desobsessão eram realizadas no Grupo “Meimei” — sessões, aliás, inesquecíveis... Os espíritos que nos habituamos a rotular de sofredores nos transmitiam preciosas lições; um companheiro nosso, Arnaldo Rocha, que ainda está no corpo, compilou uma obra interessante a respeito, intitulada “Instruções Psicofônicas”; o livro, pouco conhecido da nova geração, é extraordinário pelo seu conteúdo e pelos depoimentos dos que deixaram o corpo desavisadamente...
— É verdade, Zeca, que Chico ia até com certa freqüência à casa de nossas irmãs que faziam comércio de si mesmas? — indaguei, com dificuldade para tocar no assunto e encontrar as palavras menos contundentes.
— Ele sempre foi muito amado por aquelas que residiam no bairro boémio da cidade.
Quando Chico chegava, elas mandavam os “fregueses” embora, explicando que, naquela noite, não haveria festa; ele orava com elas, lia-lhes e explicava o Evangelho e, na medida do possível, sempre levava algum alimento... Certa vez, quando Chico teve uma grande ferida no pé e parte da perna, foi uma dessas nossas irmãs que ia fazer curativo nele todos os dias: lavava-lhe o pé doente numa bacia com água e arruda e, depois, o enfaixava...
- Igual à pecadora que ungiu os pés do Senhor, ante os protestos de Judas — lembrei.
- Exatamente, Inácio. Poucos sabem disto, mas eu vou lhes dizer: em seus últimos anos de vida, de tanto pensar nas chagas de Jesus Cristo e desejá-las para si, como aconteceu a Francisco de Assis, dois pequenos estigmas lhe apareceram no peito dos pés, lembrando os cravos que perfuraram os pés do Senhor...
— Muitos não acreditarão...
— Como muitos não acreditam que Jesus sequer tenha existido, Inácio — retrucou Odilon.
Não devemos fazer da crença ou da descrença alheia uma preocupação excessiva.
— Vamos ao açude — chamou-nos Zeca Machado.

O riacho que margeia a cidade empresta à paisagem natural encantamento.
— Foi aqui, exatamente aqui — disse o amigo erguendo a destra —, que Emmanuel, pela primeira vez, se mostrou a Chico Xavier!... O antigo senador Públio Lêntulus lhe apareceu à visão dentro dos reflexos de uma cruz luminosa...

- Você já esteve com Emmanuel pessoalmente? — questionei, à maneira de criança curiosa pelos mínimos detalhes.

Zeca sorriu e respondeu-me bem-humorado:

— Esse pessoalmente me soou algo estranho aos ouvidos... Será que ainda podemos nos considerar pessoas?... Não, Inácio, não estive com o nosso Grande Benfeitor, a não ser quando pude vê-lo, certa vez, em uma sessão de materialização em que o próprio Chico funcionava como médium... Foi inesquecível. Vestindo uma túnica, à semelhança dos senadores romanos, e com um manto a lhe cair dos ombros largos e fortes, portava uma espécie de archote na mão direita e, no peito, trazia a constelação do Cruzeiro do Sul. Ele não tocava o chão da sala em que se materializou; dava-me a impressão de levitar, tal a transcendência da aparição que muitos puderam constatar...

— Será que agora, com a desencarnação de Chico Xavier, Emmanuel continuará se comunicando, através de outros médiuns? — perguntou Paulino.

- Quanto à isto — esclareceu Odilon —, sejamos claros: ao que estamos informados, não!...

A tarefa de Emmanuel, neste sentido, está presentemente encerrada.

CAPÍTULO 18

— Nem Chico desencarnou e diversas especulações começaram, não é, Odilon? — indagou Zeca, interessado em ouvir a palavra do Benfeitor. — Quem será o seu sucessor; como há de ficar o trabalho espírita sem ele; quando o Chico irá se comunicar...

— De modo geral — opinei —, a comunidade espírita estuda pouco e, portanto, ainda não alcançou a maturidade desejada; com facilidade, deixa-se influenciar pelas notícias da imprensa sensacionalista, ávida por vender revistas e jornais...

— Mas a tarefa não há de ser interrompida?... — questionou Paulino.

— É claro que não — respondeu Odilon —; a obra, na qual nos encontramos engajados, pertence ao Cristo... Por muita falta que Chico nos irá fazer e com todo o respeito que nos merece e sempre nos merecerá, ele não é insubstituível — aliás, nenhum trabalhador da Seara é insubstituível. É certo que não teremos outro Chico Xavier, mas, doravante, cada médium será chamado a maiores responsabilidades...

— Ele costumava nos dizer que foi preciso que saísse de Pedro Leopoldo, para que novos médiuns aparecessem — aparteou Zeca.

- É porque — considerou Odilon —, com uma ou outra exceção, os médiuns abdicavam de ser o que eram, com o propósito de ser o Chico... Ora, isto é um contra-senso. Ele deve ser imitado por nós outros em seus exemplos de renúncia, de solidariedade, de disciplina, mas não no seu modo de ser na condição de médium; cada espírito com as suas características e com o estilo que lhe é próprio... Por exemplo, Chico, atuando mediunicamente, se consagrou como psicógrafo; outro poderá se projetar no exercício da faculdade psicofônica ou no campo da cura. As possibilidades de servir e de cooperar com Jesus na construção do Mundo Melhor são infinitas.

Muitos medianeiros, porque passam a ser cópias daqueles que lhes provocam admiração, acabam se anulando... Chico não é insubstituível, mas não terá sucessor!... Deste Outro Lado, diversos companheiros de ideal estão a especular: quem dará seqüência a obra de Emmanuel?

Quem fará o trabalho de André Luiz? Que cronista tomará o lugar de Humberto de Campos?...

— Compreendo, Odilon, o que você está querendo dizer — falei de experiência própria.

— Infelizmente, porque acreditava que fosse eterno no cargo, não preparei ninguém para me substituir na direção do Sanatório; este é o erro que, hoje, eu mais lamento... Tornei-me um velho excessivamente ciumento das minhas coisas; reconheço que me faltou a grandeza do desapego...

Eu olhava os médicos novos que apareciam para trabalhar no hospital e, de certa maneira, procurava cerceálos; em meu íntimo pensava: “Está querendo sentar-se na minha cadeira, não é?

Aqui quem manda sou eu... Só passando por cima do meu cadáver...” E passaram!...

Os amigos sorriram e eu continuei:

- Creio que todo aquele que tenha sido, temporariamente, chamado a dirigir uma instituição espírita deve pensar na transitoriedade do cargo que ocupa; por culpa minha também, o Sanatório Espírita de Uberaba vem enfrentando crises sucessivas; eu não dei espaço e não preparei os jovens valores... Neste sentido, inclusive, já estive, diversas vezes, com o Adroaldo Modesto Gil, pedindo-lhe desculpas; ele me perdoou, mas eu ainda não estou bem com a consciência... O Adroaldo era um médico idealista e espírita convicto.

— Inácio, o problema é que você via nele uma espécie de anjo anunciador de sua morte, ou melhor, de sua desencarnação — acertou Odilon em cheio, numa das raras vezes em que eu o percebi indo direto ao âmago da questão.

— Exatamente, sou obrigado a concordar com você — redargüi sem a intenção de fugir à verdade —; infelizmente, ainda não conseguimos deixar de ser o que somos... Se eu o tivesse apoiado em suas iniciativas de reformar estruturalmente o Sanatório, o hospital não se encontraria na situação precária em que se encontra: um navio à deriva com muitos náufragos e poucos interessados em salvá-lo do naufrágio...

- Inácio, os seus méritos foram e são inegáveis — confortou-me o Benfeitor —; em parte, você também tinha medo de que alguém viesse a desvirtuar a obra...

— E eu mesmo abri as portas para que tal acontecesse; eu deveria ter saído de cena um pouco mais cedo e, agora, aos meus ouvidos, ecoaria tão-somente o ruido das palmas de aprovação... É loucura a idéia de que somos imprescindíveis — necessários sim, imprescindíveis não.

— Voltemos, no entanto, ao assunto que presentemente nos preocupa. O que você acha, Inácio: o nosso Chico se comunicará logo com os nossos irmãos encarnados?

— De minha parte, não acredito; choverão comunicações atribuidas a ele, mas, com certeza, não serão de sua autoria... Médiuns e espíritos insensatos enxameiam em todos os lugares.

Talvez, mais tarde, ele possa dar o ar de sua graça, através de um comunicado mediúnico, mas, por enquanto... Da forma com que foi conduzido às Alturas, tenho a impressão de que o Chico não descerá tão facilmente. Porém sei que já existem médiuns intencionados em se promover às suas custas... E o pior é que muita gente irá engolir...

— O tema, evidentemente, demanda outras abordagens — ponderou Odilon. De fato, eu também não creio que o nosso Chico entre diretamente em contato com os médiuns, pelo menos não tão cedo, mas o seu pensamento, que continua a se irradiar, será captado diferentemente por diversos medianeiros...

— Como assim? — indagou Paulino.

— Quando o espírito não vai ao médium, o medium vai ao espírito...

— Por favor, Odilon, explique-se melhor — solicitei.

— O problema é delicado, mas existe. Na ânsia de obter contato com determinada entidade, o médium provoca a sintonia, apropriando-se do seu pensamento, à semelhança do homem que, utilizando determinada combinação de espelhos, se apropria da energia solar...

— Mas aí não é o espírito...

— Não é e não deixa de ser.

— A identificação torna-se impossível...

— Sem dúvida, é dificultada. Em mediunidade, Inácio, também precisamos levar em consideração o problema da sintonia direta e indireta. Na sintonia direta, temos o fenômeno genuíno; na indireta, a participação do médium sobrepõe-se à do espírito que está sendo trazido à baila...

— Quer dizer que o espírito não vem; ele é trazido?...

- Sim e não — respondeu o Instrutor.

— Eu não estou entendendo; clareie um pouco mais...

— Tentarei, O espírito que deixa o corpo, como o nosso Chico por exemplo, por mais que, do ponto de vista dimensional, se afaste da comunidade terrestre, continua se sentindo responsável por ela, pois, afinal de contas, ele fez por onde ser permanentemente evocado... A morte não interrompe o compromisso. Assim, mesmo quando não possa comparecer ele mesmo — não possa ou não convenha — junto a determinado medianeiro, o seu pensamento se irradia e é interpretado pelo sensitivo que, na maioria das vezes, julga estar em contato direto com a fonte...

Tomemos um exemplo: o fruto que se apanha e que se come no pomar tem um sabor diferente daquele que é colhido e transportado a longas distâncias, até que se tenha à mesa: a sua espécie não se altera, mas a qualidade é outra...

— Mas — insisti — por que não simplificar? Por que o próprio Chico não vem e... pronto?...

- Geraria, como há de gerar, uma polêmica infindável, sem nos referirmos, é claro, à ciumeira, induzindo os espíritas a quase se atracarem uns com os outros...

CAPÍTULO 19

A resposta de Odilon me fizera antever o que estava prestes a acontecer no Movimento Espírita, com a desencarnação de Chico Xavier, mais particularmente envolvendo médiuns destituídos do necessário bom-senso.
Complementando o que dissera, o confrade explicou:
Não nos preocupemos, no entanto; com o tempo, tudo há de passar e as coisas tornarão à normalidade... Os acontecimentos exteriores que se prenunciam para toda a Humanidade compelirão o homem a se interiorizar cada vez mais. Somente Jesus possui a água que sacia toda sede... Os que realmente se interessarem em aplicar o Evangelho à própria vida, continuarão trabalhando em silêncio. Não é o contato com tal ou qual espírito que nos torna melhores; a lição é de todos, mas a sua assimilação diz respeito a cada um... Chico cumpriu com o dever que lhe competia e, na verdade, na esfera de nossas obrigações cotidianas, temos o necessário para nos redimir e santificar ou, então, nos precipitarmos no abismo da leviandade e da culpa. Muitos que passaram anônimos sobre a Terra foram tão grandes, nas ações de cada dia, quanto, por exemplo, Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, Bezerra de Menezes...

No entanto — asseverou Zeca Machado —, a confusão pode se generalizar entre os baldos de discernimento; se muitos usavam o nome de Chico quando ele estava no corpo...

— Sem dúvida — prosseguiu Odilon —, espíritos encarnados e desencarnados, interessados em perturbar o Movimento, haverão de se apropriar do seu nome, como, aliás, se apropriam, inclusive, do nome de Jesus... E a imprensa sensacionalista estará a postos para divulgar, manipulando a vaidade dos médiuns que acreditam que a intimidade com os Espíritos Superiores possa, só por si, acrescentar-lhes alguma luz. Se assim fosse, os caminhos da evolução não se nos fariam tão dificeis e complexos; bastar-nos-ia conviver com os iluminados para nos iluminarmos... Porém não é assim que acontece. Quando o Sol se esconde no horizonte, as sombras da noite amortalham a Terra e, quem não foi previdente, fica tateando às escuras.
A nossa rápida visita a Pedro Leopoldo não podia se alongar. Deveres inadiáveis me esperavam no hospital e havíamos já teorizado bastante. Não é fácil descer do Monte da Transfiguração com Jesus, tornando ao vale das obrigações imediatas, junto dos homens, nossos irmãos. Se pudéssemos viver para sempre no mundo das idéias... Eu, que tinha projetos que abrangiam o Universo, deixara um paciente em crise à minha espera.
Odilon, Paulino e eu despedimo-nos do anfitrião, que nos recebera naquela que fora a cidade natal de nosso Chico Xavier e partimos, empreendendo, em completo silêncio, a viagem de volta.
Assim que cheguei ao hospital, Manoel Roberto me inteirou da situação de Nélio, que, embora na sua condição de espírita e de médium, deixara o corpo em estado lastimável.
- Dr. Inácio, ele não está bem e só pede para vê-lo; tentei dialogar, acalmá-lo, mas pouco consegui: nada o demove da idéia de cometer o suicídio...
- Como se isto lhe fosse possível uma segunda vez - comentei, penalizado.

Nélio, que vivera em uma das capitais da região norte do País, havia sido um médium promissor; conhecera a Doutrina aos 18 de idade e começara a trabalhar, entusiasmado.
Desenvolvendo as suas faculdades mediúnicas, acentuadamente no campo da cura, era requisitado em seus préstimos por muita gente, no entanto os espíritos com os quais se comprometera em existências anteriores não lhe deram trégua. Para feri-lo mais profundamente, assim que o seu nome ganhou projeção, começaram a assediá-lo, com o evidente propósito de o ridicularizar. Moço, simpático e dotado de inegável carisma, expôs-se a situações afetivas que o fizeram descer ladeira abaixo... O seu magnetismo, antes concentrado em benefício dos enfermos, passou a ser utilizado por ele para colimar desejos escusos, manipulando sentimentos e exacerbando paixões ao derredor; o seu poder mental, certamente avalizado pelas entidades infelizes que lhe tramaram a queda, era impressionante. Nélio pensava em obter algo ou alguém, e o objeto de suas ambições terminava por se lhe render ao envolvimento; raras mulheres haviam resistido às suas investidas... A força que ele deveria ter canalizado exclusivamente para o Bem arrastou-o para o Mal e possuiu-o. Sinceramente, eu nunca me deparara com um caso semelhante.
Não era um quadro obsessivo comum, pois, de há muito, os espíritos que lograram dominá-lo tinham-se afastado, deixando-o entregue às conseqüências de si mesmo... Nélio perdera o controle do pensamento e passara a ser vítima contumaz da própria invigilância. Tal desventura, como era de se esperar, o induziu a completo desequilíbrio e daí ao suicídio. Numa tarde, em sua residência, complicando ainda mais a sua situação, ele enforcou-se...
— Vamos vê-lo — disse eu ao devotado companheiro que, na Vida Maior, vinha se dedicando agora ao estudo da Psiquiatria, aliado ao conhecimento espírita. Manoel Roberto não haveria de ser enfermeiro para sempre, quanto eu, que, no futuro, almejo vivenciar experiências fora do âmbito da Medicina. Têm-se equivocada impressão na Terra que, além da morte, estaremos condenados a ser o que sempre fomos; ainda bem que a Reencarnação, com a bênção do esquecimento, nos possibilita realizar outras conquistas, pois, caso contrário, a sobrevivência nos haveria de ser por demais tediosa... Vocês já imaginaram o médico psiquiatra ser “condenado” a ser médico pela eternidade? Penso que Freud um dia gostaria de ser, por exemplo, um poeta como Walt Whitman, e vice-versa. Por que não? As tradições do Mundo Espiritual dão conta de que Eurípedes Barsanulfo, à sua existência imediata como o célebre Johann-Kaspar Lavater, teria reencarnado, às margens do Borá, em Sacramento, na condição de humilde lenhador, aclimando-se para a elevada missão que cumprira em sua derradeira romagem entre os homens.
Deixemos, porém, de tantas divagações que, em mim, talvez prenunciem o aparecimento do escritor que eu nunca fui e que, não obstante, sempre quis ser.
Nélio, transtornado, estava isolado em um quarto, dentro dos muitos quartos individuais existentes no hospital sob a minha responsabilidade; à volta do pescoço, uma corda lhe pendia por imposição do remorso que a plasmava...
- Dr. Inácio — disse ao me ver —, como o senhor demorou a vir!... Eu não agüento mais, doutor, esta situação! Ah, se eu pudesse morrer de novo e... para sempre!... Meu Deus, como tudo isto foi acontecer comigo!

— Eu já lhe expliquei, Nélio — falei, comovido com a situação daquele irmão que, em outras circunstâncias, poderia ter sido o filho que eu nunca tive —, que não adianta ficar revivendo o passado; procure esquecer e tranqüilizar-se... Não recrie, mentalmente, a situação do seu enforcamento; tudo passou, está passando e, com a Proteção Divina, há de passar completamente... Se você não se acalmar, como poderá sair daqui e em que condições se dará o seu renascimento...

Nem bem eu terminara de aludir a um possível processo reencarnatório para ele, que, em verdade, ainda estava, como está, distante, o médium rebateu:

— Não, Doutor, pelo amor de Deus; não faça isto comigo... Eu não quero voltar!

Reencarnar, para fracassar outra vez?... Estude um meio de me zerar a existência. Quero, sim, esquecer tudo, mas não para começar de novo; eu sei que não vou resistir à vaidade... Envenenaram-me o espírito e estou com a mente fora de controle; eu não sou eu...

CAPÍTULO 20

Inquieto, a caminhar no aposento, de um lado para o outro, Nélio era o retrato do desespero.

- Socorro, Doutor! — continuava dizendo. — Arranque-me esta máscara da face, a máscara que eu mesmo plasmei... Quando eu descobri que podia obter as coisas com a força do pensamento, comecei a pensar; se via determinada jovem na rua que eu nunca tinha visto antes, desejava que ela fosse minha e, dentro de pouco tempo, tudo acontecia...

— É que os espíritos obsessores, meu filho — procurava explicar —, igualmente trabalhavam para que o seu desejo se concretizasse; eles descobriram o seu ponto fraco e investiram nele... O mal, quando se acrescenta ao mal, gera atitudes de conseqüências imprevisíveis — somente a força do bem para anulá-lo; o mal assemelha-se, em sua origem, a uma bola de neve que, se não for detida, provocará estragos de grandes proporções... Assim como o rio caudaloso tem a sua origem num filete d'água, a obsessão se enraíza através de ingênuos pensamentos de invigilância; a doença que se manifesta no cérebro, em verdade, é doença da mente...

— E agora, Doutor, o que farei? Não existe mais esperança para mim... Adoeci e não tenho cura. Anestesie-me, hipnotize-me, faça, por favor, qualquer coisa; submeta-me ao eletrochoque...

Eu me transformei num monstro; eu não me interessei, não, só por mulheres: eu queria o prazer de qualquer jeito (desculpem-me os leitores não relatar os pormenores da confissão do infeliz companheiro)...

— O erro é sempre o erro, Nélio, e, em qualquer situação, precisamos de arcar com as suas conseqüências. De que lhe valeria fugir à consciência de seus atos? Se eu o induzisse a dormir, por mais que dormisse, ao despertar, a conseqüência de suas atitudes estaria à sua espera; tão-somente adiaríamos a solução do problema... O seu caso, apesar de grave, não é sem solução, pois, pelo menos, você não mais se encontra sob qualquer tipo de indução hipnótica...

— Ah! ... — gritava o rapaz. — E aqueles aos quais eu enganei?... Eu abusei de muita gente, o senhor não sabe... Eu sou um monstro; eis o que sou — um monstro horripilante... Destruam-me! Eu não vou mais me controlar por muito tempo! Se vocês não me destruírem, fugirei daqui e serei um eterno aliado das trevas... Eu sou um monstro, um monstro lascivo...

E ali, diante dos meus olhos atônitos, Nélio começava a se transfigurar: o seu corpo se agigantava, os olhos injetavam-se de sangue, a língua saltava para fora da boca e o seu órgão sexual se desproporcionava. Desculpem-me, uma vez mais, os leitores, se os incomodo com as descrições que faço do estado de alguns dos meus pacientes; na condição de psiquiatra, digo-lhes que, em maioria, os casos de demência estão ligados ao campo da afetividade que, por sua vez, não se desvincula da problemática sexual, O meu intuito é o de apenas ser fiel à verdade e não o de escandalizar a quem quer que sej a. Neste sentido, aproveito para esclarecer que as narrativas inseridas nos livros "Sob as Cinzas do Tempo" e "Do Outro Lado do Espelho" foram, tanto quanto possível, suavizadas por mim... Talvez os nossos irmãos encarnados não façam idéia do que seja um hospital

psiquiátrico ou uma penitenciária à noite... As mãos, que ele tantas vezes utilizara para curar, igualmente cresciam e se transformavam em seus instrumentos preferidos de sedução.
— Nélio!... — eu lhe ordenava com veemência.
Volte ao normal; você é um ser humano, não um animal... Retroceda, retroceda... Você não está mais no corpo de carne; a sua realidade agora é outra... Descondicione-se!... Todos somos criaturas de Deus; não duvide, meu filho, do poder de nosso Pai... Deus, que o criou, não teria poderes para transformá-lo?...

O esforço mental com que eu me opunha àquela forma bizarra era extremamente desgastante; o problema é que a mente de Nélio fazia o que queria de seu corpo espiritual, que já apresentava diversos hematomas e deformações. A continuar assim, o rapaz realmente renasceria em terrível condição — uma massa disforme no berço à guisa de criança...
Digo-lhes que a minha luta com Nélio prossegue ainda hoje, e os únicos instrumentos à minha disposição para auxiliá-lo são a palavra e o amor. Não possuímos, deste Outro Lado da Vida, pelo menos nas regiões em que nos demoramos, as aparelhagens miraculosas que os nossos irmãos encarnados imaginam; não existe máquina capaz de modificar o teor dos nossos pensamentos... Dispomos, sim, de modernos instrumentos que nos permitem acesso ao perispírito e, com eles, podemos atuar por fora, em intervenções semelhantes às da cirurgia comum, mas estamos longe de devassar, com segurança, os escaninhos da mente; para nós, médicos desencarnados, o cérebro continua sendo uma grande incógnita ou um outro universo muito mais amplo e indevassável.
Cessados os instantes de crise, o jovem médium se acalmava e indefinível torpor lhe permitia descansar alguns minutos; logo, porém, acordado pelos próprios pesadelos, Nélio começava a gritar e a chamar, com insistência, por mim. Sem dúvida, que fui me afeiçoando a ele. Só de pensar que eu poderia perfeitamente estar no lugar dele, eu me apavorava e me deixava conduzir pela compaixão. Todos os dias, pela manhã, a minha primeira obrigação era a de vê-lo — eu e Manoel Roberto, que sempre me acompanhava. Por cerca de 30, 40 minutos, conversávamos — apenas conversávamos; quando ele mais me ouvia, e me ouve, é quando eu começava a contar-lhe a minha própria história.

— Doutor, aponte-me uma solução — ele me fala em seus momentos de calma —; eu não posso reencarnar assim... Perto do que fiz aos outros, o suicídio não énada; eu não me importo com esta corda ao redor do meu pescoço: eu me importo é com o outro Nélio que vive dentro de mim... Como é isto possível? Sinto que, em meu interior, mora outro alguém... E eu só queria ser caridoso, um bom médium de cura; as pessoas me diziam que, quando eu as tocava, elas experimentavam indefiníveis sensações... Se a culpa for das minhas mãos, concordo em ficar sem elas; se for do meu rosto, eu quero me desfigurar...
— Nélio, vamos esperar um pouco mais — dizia eu, confiante. Retome o hábito de orar; assim que você aprender a melhor se conter, deixarei que saia daqui e realize algum serviço no hospital — cuidar da limpeza do pátio, do jardim... A paz mora nas coisas mais simples da Vida!
Não tenha medo da reencarnação. O que é uma existência no corpo perecível? O tempo não erra, embora nos dê a impressão de se arrastar, passa

com velocidade impressionante. Você errou, todos erramos... Não se desespere. A sua questão básica é a humildade; coloque-se, voluntariamente, no banco dos réus e aguarde a sentença, que nunca é de punição, mas de educação...

- Mas o senhor acha que eu me recupero?...

— Se você não pudesse se recuperar, significaria que Deus houvera falhado!...

— O senhor é o único que me fala com sinceridade... Os outros, os que se aproximavam, estavam sempre querendo alguma coisa de mim.

— Ninguém erra sozinho, Nélio; no entanto nem esta verdade deve servir de justificativa para os erros que cometemos... Se não concordamos com ela, vontade alguma é capaz de nos constranger. A semente não se desenvolve na gleba que não lhe oferece receptividade... Deixemos, porém, de procurar culpados. Somos chamados a nos fortalecer para fortalecer os outros e não para desfrutarmos de uma situação de privilégio perante a debilidade alheia.

— Doutor, o modo com que me diz as coisas que eu já sei faz com que elas me soem diferente...

CAPÍTULO 21

O caso de Nélio talvez induza muitos companheiros espíritas a refletirem assim: ora, se ele se prevaleceu da mediunidade para objetivos tão escusos e, ainda por cima, cometeu o suicídio, como é que pode estar merecendo tanto amparo e atenção da Espiritualidade Superior? Em primeiro lugar, devo esclarecer que eu não faço parte da Espiritualidade Superior e nem o hospital que fui chamado a dirigir se localiza nas Altas Esferas; em segundo lugar, digo-lhes que o chamado "vale dos suicidas", aos poucos, vai se saneando por aqui... Vocês, os encarnados, com todas as limitações que lhes são impostas pela vida na matéria, porventura, consentiriam que o "vale dos leprosos" fosse uma realidade no mundo de hoje? Já não existe uma certa mobilização em nível internacional para se combater a fome e cuidar das vítimas do HIV? Apesar dos pesares, a solidariedade vem conquistando adeptos e os direitos humanos são defendidos pelos vanguardeiros do progresso moral da Humanidade... As entidades sofredoras — não importa o equívoco que tenham cometido —, desde que se arrependam e se predisponham a repará-lo, recebem, além da morte, a necessária e imprescindível assistência. Aliás, não é outra coisa que nos manda a Caridade!

Outrora, mesmo deste Outro Lado, havia escassez de trabalhadores conscientes e, por este motivo, não bastávamos para atender à grande demanda de espíritos necessitados; o aparecimento do Espiritismo nos tem ensejado enormes benefícios; tanto a encarnados quanto a desencarnados, que, mais bem organizados e lúcidos, temos fundado instituições nas proximidades da dor. Assim como os nossos irmãos de ideal vêem erguendo núcleos de assistência na periferia, diversos grupos socorristas têm sido inaugurados por nós outros nas regiões inóspitas da Vida Espiritual; tão-somente os espíritos recalcitrantes e que deliberam não ser atendidos permanecem vagando nos caminhos do Além, e muitos, realmente, o fazem por tempo indefinido...

No antigamente considerado "vale dos suicidas", foram construídas enfermarias e hospitais, escolas e oficinas de trabalho, pois aos nossos irmãos que cometeram o gesto tresloucado e ilusório do auto-extermínio é suficiente, como corrigenda, o fato de saberem o que os espera numa nova existência no corpo. Nós, os homens, não somos chamados a ser os agentes da Lei do Carma! Sem que careça ser, por ninguém, incentivado a isto, cada qual colherá o que planta. Se a Misericórdia não funcionasse de comum acordo com a Justiça Divina, não teríamos medicamentos para a dor e a inteligência humana não se exercitaria no sentido de tornar a vida menos sujeita às vicissitudes.

As regiões espirituais mais próximas ao Orbe têm sido, gradativamente, colonizadas... Por aqui a escassez de servidores de boa vontade é também uma realidade; muitos dos que deixam o corpo, a imensa maioria para ser mais preciso, giram na órbita dos próprios interesses e não se importam com os outros... A tarefa a que o Espiritismo nos conclama estende-se aos Dois Lados da Vida. Espíritos existem que, quando não pensam da cabeça para cima, prendem-se ao que lhes acontece dos pés para baixo. Vejamos se consigo ser mais claro no que pretendo explicar: entre os desenfaixados do corpo fisico, raros os que

renunciam aos próprios anseios de ascensão e os que se desapegam dos compromissos pessoais que os reclamam na Terra...
As favelas do mundo, nas quais tantos seres humanos se expõem à influência negativa do meio e enfrentam a prova da indiferença social, não são da Vontade de Deus: a fome, a guerra, as epidemias, as desigualdades, a ignorância e as suas conseqüências originam-se do descaso do homem; os desencarnados que perambulam sem rumo além da morte constituem-se em desafios para nós, os que, em nome do Cristo, necessitamos ampará-los... Que mãe ou pai fora do corpo deixaria o filho querido à mercê das trevas? Os chamados infernos purgatoriais existentes nas proximidades da Crosta e que se prolongam no interior do planeta desaparecerão, não apenas pela transformação moral daqueles que os povoam, mas também pela solidariedade dos que se dispõem ao sacrificio de descer para ajudar. Se o Cristo não tivesse tomado a iniciativa de peregrinar, Ele mesmo, entre os vales ensombrados do mundo, trazendo consigo a luz das Esferas Resplandecentes de onde provinha, é possível que até hoje estivéssemos mergulhados na noite profunda de indefiníveis tormentos...

O trabalho com Nélio continua; as crises se repetem, mas, a cada instante de lucidez, conversamos e, nos últimos dias, ele está mais calmo... Realmente, não é fácil vencer obstáculos no mundo, pois tudo parece conspirar contra quem deseja ser correto — a própria sobrevivência de quem procura ser honesto não é fácil; ganhar opão com dignidade é permanente desafio numa sociedade que, infelizmente, se caracteriza pela inversão de valores... Os justos, quando não são perseguidos, são esquecidos, relegados a plano de menor importância. Mas, digo-lhes, vale a pena ser coerente e perseverar naquilo que se crê; deste Outro Lado, o que conta é o real valor: os espíritos arbitrários, levianos e irresponsáveis não se encontram depois da morte e, atraidos pelos que se lhes assemelham, aprisionam-se a determinadas situações das quais não se liberam tão cedo...

Em um dos diálogos que mantive com Nélio, ele me perguntou por Chico Xavier:

— Dr. Inácio, que notícias o senhor me dá do nosso Chico? Estive com ele, em Uberaba, certa vez... Ao cumprimentá-lo, lembro-me que me falou: — “Nélio, meu filho, vigilância, vigilância... Você tem um caminho promissor à sua frente, mas vejo muitas pedras de tropeço.
Vigilância e humildade, meu filho!...” Fiquei surpreso, pois como é que ele podia estar me chamando pelo nome, se nunca nos tínhamos visto? Em poucas e discretas palavras, respondeu a todas as minhas perguntas... Infelizmente, eu andava com a cabeça nas nuvens e, assim que me afastei da presença de sua luz, as sombras se aproximaram. Como é que ele está? Quando fui vê-lo, há cerca de vinte anos, todos comentavam que a sua desencarnação estava prestes a ocorrer...
— Então — respondi —, depois disto, ele ainda viveu muito... Chico Xavier desencarnou dias atrás...
- Como? Ele já está conosco?
— Conosco, meu filho, no Plano Espiritual, mas não sabemos exatamente onde...
- O senhor esteve com ele?

— Não; com um grupo de amigos, os acompanhei à sua chegada entre nós, mas uma Luz o arrebatou...

Nélio, emocionando-se, começou a chorar.

— Como sou infeliz, meu Deus!... Chico Xavíer era o meu ponto de referência, mas fiz tudo ao contrário... Eu não queria estar na situação dele — quem sou eu? —, no entanto, se lhe tivesse seguido os exemplos... Conte-me mais, Doutor, por favor; ouvir falar de Chico sempre me fez um bem enorme...

— Ele venceu, meu filho! ... Superou as derradeiras provas dos espíritos que não lhe respeitaram sequer a velhice debilitada e... deixou o corpo mansamente, na solidão do seu quarto humilde; simplesmente fechou os olhos e desligou-se...

— Ah, como é difícil ser fiel!... Coitado de mim, que permiti que o desespero e a descrença me envolvessem; no corpo, eu ainda podia caminhar, porém agora rastejo... Doutor Inácio, com raras exceções, nós não estamos preparados para ser médiuns... Como administrar uma coisa santa, vivendo no pecado? Por que o talento, antes que estejamos espiritualmente aptos a recebê-lo? A mediunidade complicou a minha vida...

— Nélio, com tudo quanto lhe aconteceu, não fosse a mediunidade, você sequer teria maior consciência da própria existência... Podemos acusar os olhos, porque não sabemos direcioná-los para o bem? Se fossemos condenar as mãos, pretextando que não sabemos utilizálas de maneira conveniente, teríamos um mundo de manetas...

CAPÍTULO 22

Para não exauri-los, pouparei aos nossos pacientes leitores as descrições das crises que, em Nélio, se sucedem a cada dia, O seu corpo espiritual encontra-se deformado e não sei se conseguiremos reverter o quadro, antes que tentemos localizá-lo em um novo corpo no mundo; as alucinações e as sensações de asfixia se alternam e temos feito de tudo para lhe amenizar o sofrimento — sinceramente, o prognóstico não é dos melhores... Com certeza, o desditoso medianeiro renascerá com problemas na coluna cervical e passará a vida em cima de uma cama.

Veremos, mais tarde, se algum casal benemérito se disporá a recebê-lo nessas condições, pois, caso contrário, ele será uma criança que correrá o risco de ser enjeitado até pelos pais, logo depois de nascer. Fala-se em amor, mas ninguém se dispõe a amar incondicionalmente; ora-se com freqüência, no entanto ora-se para pedir o que se deseja e não para aceitar ou agradecer o que se tem...

Passados alguns dias em que estivéramos juntos, Odilon veio me visitar.

— Como vai indo, Inácio? — saudou-me, descontraído, na conversa que se desdobrou. — Parece-me notá-lo um tanto triste...

— Eu sou assim mesmo, Odilon — respondi —; também sou suscetível a periódicas crises de depressão... Afinal, ao que me consta, ainda sou gente, não é?

Odilon sorriu e alentou-me:

— Gente, você continua sendo, mas não de carne e osso... Não desanime. A Vida pertence ao Senhor...

— É que trabalhar neste hospital é diferente de trabalhar no liceu que você dirige; ambos lidamos com médiuns, só que eu com dementes e você com candidatos...

- Ora, Inácio, não exagere. Alegre-se, homem!...

— Estou penalizado com a situação de Nélio, que você conhece...

— Sim, fiz parte do grupo que foi socorrê-lo e, ao que estou informado, sob os seus cuidados, ele vem alcançando sensíveis melhoras...

— O problema, no entanto, Odilon, não se resume a ele; temos aqui centenas e centenas de irmãos e irmãs em situação lastimável... O que podemos fazer é tão pouco!... Os recursos terapêuticos de que disponho me parecem menores do que aqueles de que eu dispunha na Terra...

Lá, ainda podíamos doutrinar os espíritos obsessores; agora, que o estrago está feito, eles desapareceram: o nosso confronto é com o próprio doente que perdeu a vontade de colaborar...

Por vezes, tenho vontade até de me aliar a eles e delirar pela eternidade...

— Ânimo e coragem, meu velho!... Em meio aos espinhos, há muitas rosas! ... Eu também me preocupo com os jovens candidatos a médiuns no mundo; temos procurado orientá-los, fortalecê-los intimamente, mas não desconheço o teor das lutas que enfrentarão... Vejo tantos saírem entusiasmados do Liceu; ainda há pouco, às vésperas de reencarnar, um deles me disse:

— Farei tudo para que os homens se convençam de sua transcendência; serei uma ponte pela qual os espíritos atravessem a barreira das dimensões e se

mostrem aos cépticos... O Mundo Espiritual carece de ser maior realidade na Terra!... Os médiuns estão doando pouco de si; pretendo, sem perder tempo, oferecer o máximo para que a idéia da imortalidade se propague —este será o golpe de morte no materialismo! Sem que o homem se conscientize do seu porvir espiritual, a reencarnação não deixará de ser para ele uma espécie de círculo vicioso...

— E o que você lhe respondeu? — indaguei do companheiro.

— Encorajei-o, evidentemente; quem sabe, Inácio, seja ele a lograr o que não logramos?...

Quem é que dava alguma coisa por Chico Xavier, quando ele não passava de um rapazote?

— É verdade... Quando começaram a falar nele, nos primeiros anos da década de 30, ressaltando as suas faculdades e virtudes, eu duvidei de que se tratasse de um missionário...

— Os predestinados são seres anônimos — esclareceu Odilon, com propriedade. — A Misericórdia Divina não nos deixa órfãos... Aqui, no Hospital, ou lá, no Liceu, podemos estar lidando com alguém que, no futuro, será um novo Chico Xavier...

— Aqui, no Hospital, eu acho dificil — comentei. Ainda bem que você não disse impossível... Os médiuns que hoje se perturbam serão os medianeiros não-perturbados de amanhã; equilíbrio e discernimento são conquistas gradativas... Aliás, Inácio, eu vim visitálo e, ao mesmo tempo, formular a você um convite. Amanhã, no Liceu, teremos a presença de elevado Mensageiro, que nos dirigirá a palavra. Seria interessante que você e Manoel Roberto comparecessem. Estaremos a esperá-los.

— Sem dúvida que lá estaremos e, desde já, agradeço a você a oportunidade.

— O Mensageiro, ao qual me refiro, se materializará em nosso meio, para nos dirigir a palavra diretamente.

— Trata-se de algum conhecido? — perguntei.

— Nem nosso e nem dos nossos irmãos encarnados; portanto o nome com que ele se nos identifique, pouca importância terá...

— De que Plano ele procede? Daquele que nos éimediato?

— Não, um pouco mais acima... Evidentemente que ele tomará forma humana, porém de há muito que já se emancipou de tais injunções.

— Compareceremos com o maior interesse. Alguma recomendação especial?

— Não, nenhuma; apenas que você e Manoel Roberto estejam tranqüilos...

Despedimo-nos e, no outro dia, eu e o devotado irmão de tantas lidas lá estávamos, no Liceu da Mediunidade, dirigido por Odilon Fernandes. No prédio de excelente bom gosto arquitetônico, o Diretor nos esperava à porta, acompanhado do dileto Paulino Garcia, um dos seus mais ativos pupilos. A construção central se faz rodear por outras menores, no mesmo estilo, e todas se localizam dentro de um jardim constituído de diversas espécies de flores, muitas desconhecidas dos nossos irmãos na Terra. Uma delas me chamou particular atenção: uma flor diminuta, muito parecida com um trevo, que, durante o dia, capta as emanações solares e, durante a noite, brilha como se fosse uma estrela, dispensando qualquer outro tipo de iluminação externa no Liceu... Sem dúvida, aquele ambiente aconchegante favoreceria o contato com os mensageiros das Dimensões

Superiores: o perfume que naturalmente se desprendia das flores, a brisa mansa que soprava à semelhança de flautas que tocassem em surdina, a paz que impera em tudo...

Odilon, sempre pontual e organizado, conduziu-nos a um amplo salão na intimidade do prédio, onde aproximadamente duas dezenas de estagiários se encontravam no mais absoluto silêncio.

O Mensageiro que se manifestará — esclareceu —dispensa o concurso das energias ectoplásmicas mais sutis que lhe possamos ceder; ele se tangibilizará aos nossos olhos apenas o suficiente para que possamos vêlo e ouvi-lo... É evidente que a sua materialização quintessenciada seria dispensável: poderíamos tão-somente escutá-lo em sua preleção; no entanto, utilizando os próprios recursos espirituais, ele nos obsequiará, digamos, com a sua presença mais completa.

Não havia tempo e nem necessidade de maiores explicações. Apontando-nos duas cadeiras vagas ao seu lado, Odilon convidou-nos a maior introspecção.

Não se passaram mais do que cinco minutos, segundo pude cronometrar, tomando como referência a nossa antiga medida de tempo no mundo, e quase invisível ponto luminoso começou, vagarosamente, a se adensar, em meio a tênue neblina. Dificil encontrar as palavras corretas para descrever a sublimidade do fenômeno e, sobretudo, tentar transmitir tais imagens ao cérebro do médium de que me valho neste instante, pois em seus arquivos mnemônicos, aos quais recorro, não existe nenhuma possibilidade imaginativa a respeito... Os efeitos especiais dos filmes de ficção científica lembram, palidamente, o que estava acontecendo diante dos meus olhos maravilhados...

CAPÍTULO 23

O ponto luminoso ao qual me reportei tomou forma humana, porém dava para enxergar através do seu corpo e pude constatar a leveza daquela materialização ou, melhor me expressando, daquela transfiguração que se tangibilizou.

Evidentemente que, pelo menos quanto a mim e a Manoel Roberto, bem como aos estagiários do Liceu, segundo creio, não conseguiríamos "ouvir" o Mensageiro, caso o seu pensamento não se articulasse em palavras aos nossos ouvidos; ainda talvez estivéssemos excessivamente condicionados à forma de comunicação que nos era habitual na situação de encarnados...

O Mensageiro flutuava no amplo salão e, depois de fitar-nos bondosamente esboçando terno sorriso, próprio dos Espíritos Elevados, começou a falar:

— "Meus irmãos, a paz do Cristo seja conosco.

"Irmanados no ideal de servir aos propósitos divinos, não vos deixeis abater pelos percalços naturais da senda... Não existe outro caminho para os Cimos, senão aquele que o Mestre vos delineou; quem se nega a seguir adiante, sustendo aos ombros a cruz do próprio testemunho, não terá alternativa que não seja a de se demorar nos vales da desilusão e da dor.

"Muito lentamente o homem vem despertando para a Verdade e não deveis esperar por uma adesão coletiva aos princípios libertadores que tendes abraçado na Doutrina que revive os postulados cristãos para toda a Humanidade; passados dois mil anos de seu divino sacrificio entre os homens, o Senhor permanece na expectativa de que a semente plantada por suas mãos germine nos corações...

"Não desanimeis. A escada para o Alto é constituída de infinitos degraus; porém, a cada passo, podereis sentir a presença Daquele que vos prometeu fazer companhia até a consumação dos séculos... Outrora, as trevas que pairavam sobre os vossos espíritos eram mais densas; hoje, todavia, não ignorais o rumo em que se vos faz mister perseverar!

"Discípulos fiéis ao Amor e à Verdade têm-se corporificado no Planeta, abrindo significativas clareiras na primitiva floresta dos anseios meramente humanos; não há mais um só povo e uma só raça que possa pretextar desconhecimento das lições básicas do Evangelho...

"Se vos amardes uns aos outros, nada haverá de se vos constituir em obstáculo na caminhada e a incerteza não vos fará vacilar no cumprimento do dever. Depois de Deus, é o Amor a suprema força do Universo! Quem ama, serve e compreende, perdoa e renuncia, rejubilando-se pela oportunidade de se superar através do amor que dedica aos seus semelhantes... Quem ama, não teme as adversidades e não recua diante dos desafios... Quem ama, mesmo que ainda se situe nos primeiros degraus da evolução, lutando para desembaraçar-se do que o prende à retaguarda, antecipa em si mesmo a alegria da vitória... A criatura que ama integra-se com o Criador e, em sintonia com Ele, embora não seja mais que um singelo grão de areia na imensidão do deserto, consegue refletir-Lhe a grandeza Divina na Glória da Criação... O único segredo da Vida é o Amor!... O egoísmo, que é o amor exagerado a si, faz sofrer e desencanta; o altruísmo, que é o amor quando se projeta na direção do outro, é o alicerce da Perfeição. Aquele

que, para se importar consigo esquece os seus semelhantes, padece de profunda amnésia e, até que verdadeiramente se encontre, peregrina por longo tempo nas sinuosas estradas do sofrimento...

"Estudai a Verdade, meus irmãos, mas, sobretudo, examinai o vosso amor; não priorizeis o saber, em detrimento do sentimento..."

Neste trecho de sua inesquecível e sublime preleção, então, sobre o Mensageiro e mesmo sobre nós outros, começaram a cair delicadas partículas de luz, à semelhança de flocos de neve resplandecente, que, ao tocar-nos, se desfaziam. Tínhamos a impressão de que o ambiente se eterizara a tal ponto, que todos, sem exceção, nos sentíamos como que transportados para a Dimensão de onde provinha o ignoto Benfeitor.

Com suave inflexão de voz, ele prosseguiu:

- Não vos concentreis excessivamente sobre a forma que passa, nem supervalorizeis os fenômenos pertinentes à matéria... Na Terra e nas regiões espirituais que lhe são imediatas, tudo é transitório. Para o espírito que ama, não existem fronteiras no Cosmos: o Amor é o idioma universal e a senha de luz que descerra todas as portas...

Dedicai-vos, sim, ao intercâmbio com os homens, dando ênfase à crença na Imortalidade, mas, sobretudo, concitai-os à prática da Caridade; as religiões que apenas enfatizem a necessidade de crer e que não conclamem os seus seguidores a serem bons e tolerantes, estão longe de aprender e de pregar o real sentido das palavras do Cristo... O religioso sincero é aquele que, em seu relacionamento com Deus, jamais excluiu o próximo, seja ele quem for. O fanatismo religioso é uma manifestação primitiva da fé... O que redime o homem são os seus atos, e não a sua aparência piedosa. Com a Fé Raciocinada, tendes nas mãos a abençoada charrua com que vos compete lavrar a gleba das almas, tornando-as férteis para a obra do Semeador Excelso; trabalhai, incansavelmente, e não desconsidereis que a construção do Reino de Deus sobre a face da Terra depende de sua edificação no íntimo de cada um de vós...

"Deixai de ser crianças em vossas reações; crescei, e a vossa vida há de crescer convosco! Diante da Eternidade, um milênio não é mais que um dia e um século não é mais que um segundo!... Tudo passa e tão-somente a experiência permanece; à medida em que a luz se expande, as trevas se encolhem... Em contato com os raios do Sol, a noite se transfigura dia. Não existe maldade; o que existe é ignorância das Leis Divinas. O espírito frágil há de se fortalecer, um dia. Mais cedo ou mais tarde, todos haveremos de chegar ao termo da jornada que empreendemos de volta para Deus!... Convencei-vos de que o desânimo é simples perda de tempo e o erro é lição que pede para ser recapitulada. Esquecei-vos e sereis tão felizes quanto podeis ser, em vosso atual estágio evolutivo. Que o Evangelho vos seja motivo de alegria, e não de tristeza. A Criação é o sorriso de Deus, constantemente estampado na Face do Universo! ... A tristeza da Crucificação foi superada pela alegria da Ressurreição!... A função da Morte grosseira é a de engrandecer a Vida e sublimá-la em todas as suas manifestações. No entanto, conforme sabeis, morrer só por si não basta: é necessário que, do homem-velho, renasça o homem-novo!... Estendei as mãos uns aos outros e, sobretudo, tende paciência. Laborai sem perda de tempo, porém

não vos precipiteis no afã de subir, como se pudésseis pular etapas na experiência evolutiva a que vos submeteis...”

E, ao despedir-se, o Mensageiro acrescentou:

— Embora com os pés fincados na Terra, quem ama, pode abarcar o Universo! Sem sair do lugar, quem ama, realiza Deus onde está!... Uni-vos, amai-vos e servi sempre — eis o lema para quem almeje um melhor aproveitamento do tempo, em qualquer situação em que se encontre, nas múltiplas dimensões em que a Vida se manifesta.

“Que o Senhor vos inspire e fortaleça, hoje e para todo o sempre!...”

Estávamos compreensívelmente sensibilizados e, terminada a alocução, ninguém, durante vários minutos, ousou quebrar o silêncio que se seguiu.

A diáfana visão foi se desfazendo e tive a impressão de ver o Mensageiro que se retirava atravessar uma passagem que me permitiu entrever a Dimensão — perto ou longe, não sei, que lhe era o habitat; tive a impressão de que aquele véu eterizado se abrira e uma imensidão de luz o absorveu... Foi uma pena que os meus olhos não estivessem acostumados a tanta claridade, pois, quem sabe, ter-me-ia sido possível espiar a paisagem, que sempre tanto me intrigou e tanto me intriga, nas regiões espirituais superiores... Para onde ele se encaminhou, tudo era luz sem forma, num turbilhão de Amor!...

CAPÍTULO 24

Quando a reunião terminou, Odilon tomou a palavra e dirigiu-se os pupilos que ainda permaneciam extasiados com a visita do Mensageiro.

— Não nos esqueçamos — disse — que o Mentor que esteve conosco nesta noite nos exortou à vivência do Amor; notemos que, especificamente, não abordou ele nenhum assunto concernente à mediunidade: o enfoque de sua palavra baseou-se na necessidade de amarmos os semelhantes... Não olvidemos a sábia advertência, porqüanto muitos medianeiros, preocupados com o exercício de suas faculdades, relegam o aprimoramento de seus sentimentos a plano secundário...

E, fazendo breve pausa, acentuou:

— Vocês sabem que, dias atrás, o nosso Chico Xavier, que elegemos como médium-modelo no Liceu, deixou o corpo; sem dúvida, no campo da mediunidade, ele cumpriu com todos os deveres pertinentes, superando, inclusive, a expectativa daqueles que, de Mais Alto, lhe endossaram o sublime tentame; todavia, no campo de suas ações, intermediando os próprios sentimentos evangelizados, ele obteve o reconhecimento público, conquistando significativa vitória para os nossos princípios... O livro age em cada um, isoladamente, mas os bons exemplos repercutem na coletividade; mediante a desencarnação de Chico, os nossos irmãos encarnados vêm registrando expressivo recorde de vendas de suas obras; é que o autor ou o co-autor, quando desfruta de credibilidade, atrai o leitor... Em mediunidade, a parte que compete ao médium, notadamente no que tange à coerência, é de grande significado: o médium, por assim dizer, é a fotografia que o espírito emoldura; é sobre ele, e não sobre o espírito, que as atenções se concentram... Vocês são estagiários nesta casa e pretendem abraçar a tarefa mediúnica; as suas percepções psíquicas despontaram e se mostram interessados em utilizá-las de forma conveniente, cooperando com a causa do Espiritismo no mundo. Extremamente elevado o propósito em que se pautam, no entanto, se vocês reencarnarem com a única preocupação de serem exímios instrumentos, não lograrão servir ao ideal como desejam... Para as intenções do Cristo, junto à Humanidade, é preferível ser bom a ser médium. A vaidade e o personalismo, o orgulho e a ambição têm anulado as possibilidades mediúnicas de muitos companheiros promissores... Outro lembrete importante: na condição de médiuns, procurem não se isolar, não se afastar das atividades assistenciais, não se acreditarem auto-suficientes... O medianeiro que envereda pelo campo da filosofia, indiferente à necessidade que margeia o caminho, se, acaso, produz para o intelecto, não produz para o coração... Divino Intermediário de Deus, o Cristo não se distanciava da legião dos sofredores que sempre andavam em sua companhia.

Na estrita condição de instrumento mediúnico, épossível que o nosso Chico Xavier pudesse, digamos, ter produzido um número maior de obras e, do ponto de vista doutrinário, até mais significativas, no entanto ele teve que se desdobrar para servir aos desencarnados, com os quais assumira compromisso, e aos encarnados, a que o dever o conclamava; foi, ao mesmo, um homem vivendo entre os espíritos e um espírito vivendo entre os homens... Os nossos irmãos

cépticos são mais sensíveis aos fenômenos que lhes tocam o coração do que propriamente àqueles que lhes tocam a visão e que serão, naturalmente, dissecados por eles: contra os fatos do mundo moral, não existem argumentos da inteligência.
Tomando fôlego, Odilon prosseguiu:
— Infelizmente — perdoem se eu estou me alongando após termos ouvido a palavra do Mensageiro, à qual, a rigor, nada teria a acrescentar —, muitos irmãos candidatos ao serviço mediúnico na Terra partem daqui imbuídos dos mais elevados propósitos, porém, em contato com os interesses de ordem imediata, passam a colocar os seus dons a serviço de si mesmos: fazem discreto profissionalismo religioso, revivendo a velha tendência adquirida em práticas religiosas das quais imaginam que se desvincularam... E não é só de dinheiro que estamos falando — sejamos claros —, mas também de prestígio social, de tráfico de influências, de manipulação de pessoas... Por vezes, em seu arroubo juvenil, eu os noto entusiasmados ante a possibilidade de escrever sob a ação dos desencarnados, de ver o espírito dos mortos, de escutá-los, de curar com o magnetismo que lhes é peculiar, de falar eloqüentemente, inspirados pelo Alto... Realmente, o entusiasmo e a alegria são ingredientes indispensáveis ao exercício da mediunidade com Jesus, todavia o mais importante deles é o discernimento. Desenvolvam a autocrítica; não reencarnem sem antes terem gravado nos discos da memória, de forma a que não se apague, a extensão dos débitos contraídos em pregressas existências; fujam ao incenso da lisonja e jamais acreditem que vocês sejam tão bons quanto irão ouvir repetidas vezes... Olhemos para nós: o que somos agora?
Sinceramente, não vejo em nenhum de nós outros os traços que identificam o verdadeiro missionário; se algum, dentre vocês, está pensando em retomar o corpo com outra intenção que não seja a de servir nas últimas fileiras dos verdadeiros servidores do Evangelho, é melhor que repense e adie o seu propósito de renascer... Melhor seria, então, menos desastroso para o espírito, que reencarnasse no cumprimento de obrigações no atendimento exclusivo do próprio carma: que fosse cuidar dos seus interesses particulares na Terra, antes de se disporem a doar um pouco mais de si àcoletividade...

Confesso-lhes que, poucas vezes, eu vira Odilon ser tão incisivo e direto. Os jovens estagiários do Liceu, sem exceção de nenhum, o ouviam de fronte pendida para o solo.
— Desculpem-me, mas, amanhã, com a permissão do nosso Inácio Ferreira, efetuaremos uma visita ao hospital dirigido por ele. Lá, vocês se depararão com a situação daqueles que, de certa forma, fracassaram em seus propósitos na mediunidade. Creio que vocês não pensam que seja meu intuito intimidá-los; dotados de livre-arbítrio, a decisão evidentemente não me pertence...
Prestes, no entanto, a concluir os seus estudos no Liceu, sob a nossa responsabilidade direta, sinto-me no dever de alertá-los. Que o nosso Chico Xavier, em sua humildade, perseverança e disciplina, lhes sirva de exemplo. É possível vencer? Sim, porém, a nossa vitória no mundo só se torna em realidade quando vencemos a nós mesmos. Raros os que, como o nosso grande irmão, fazem opção pela porta estreita... A deficiência moral que a quase todos nos assinala no campo da afetividade — vocês sabem ao que estou querendo me

referir — não nos será tão prejudicial ao exercício da mediunidade quanto aquelas outras mazelas que se nos exacerbam do orgulho. O Mestre preferia a convivência dos pecadores à dos doutores da lei; a mulher que escolheu para ser a intérprete das notícias de sua imortalidade gloriosa junto aos Apóstolos ainda trazia em si as marcas do passado comprometedor; para Ele, não interessava o que Saulo havia feito, mas, sim, o que, na condição de Paulo, poderia fazer... Aqui, no Liceu, vocês estão vendo o lado claro da mediunidade; amanhã, no Hospital dos Médiuns, vocês terão oportunidade de ver o seu lado escuro — e não duvidem de que, entre um lado e outro, a distância é tão-somente de um passo; com enorme facilidade, o médium se esquece de sua origem simples e começa a dar-se uma importância que não tem — a dar-se e a reclamá-la dos outros para si!...

Ao encerrar as suas considerações, Odilon perguntou-me:

- Você deseja, Inácio, fazer alguma emenda?... Esboçando discreto sorriso, respondi:

— Não, eu estou aqui tentando amarrar a carapuça, mas ela não quer se me ajustar à cabeça de jeito nenhum... Eu acho que troquei a minha com a de Manoel Roberto...

Os estagiários sorriram, tímidos, e deixamos acertada para o dia seguinte a visita ao hospital.

— Manoel — pedi ao companheiro, ao regressarmos —, poderia determinar a limpeza da casa, principalmente dos sanitários, distribuindo vassouras, rodos e baldes a todos?... O nosso hospital, comparado ao Liceu, é uma espelunca! Também, com tanto médium maluco... E eu, que vivia reclamando da pouca higiene que imperava no Sanatório!...

CAPÍTULO 25

No outro dia, logo de manhã, Odilon, fazendo-se acompanhar dos seus tutelados, uma turma de vinte candidatos a médiuns no mundo, foi recebido por mim e por Manoel Roberto.

Vocês me desculpem — expliquei-me —, mas aqui não é o Liceu; temos doentes praticamente em todos os níveis de desorientação, homens e mulheres, jovens e velhos, espíritas e... padres, mas, por incrível que pareça, os espírítas é que me dão mais trabalho. O Hospital foi fundado e organizado por Eurípedes Barsanulfo, responsável por diversos núcleos semelhantes, alguns maiores, outros menores, em várias regiões. Contamos com a colaboração de dezenas de estagiários que se especializaram ou estão se especializando em Psiquiatria; um contingente enorme de enfermeiros e enfermeiras colabora conosco — todos sob a supervisão de Manoel Roberto. O número de internos é flutuante, cerca de dois mil, aproximadamente, mas temos vagas para mais — disse, com o propósito de aterrorizar aqueles novatos.

— Todos os dias entram, todos os dias saem pacientes...

— Entram e saem de onde e para onde? — perguntou Paulino Garcia, inteligentemente.

— Entram provenientes das trevas e saem para institutos de reeducação, como o Liceu, por exemplo, fortalecendo-se para uma nova experiência reencarnatória; em suma, saem para regressar às trevas do mundo...

— Por que? — insistiu o jovem monitor de Odilon — a religião está sempre presente no desequilíbrio desses nossos irmãos? Espíritas, católicos, evangélicos...

— É uma boa pergunta, Paulino, pois raramente temos um ateu por aqui; quase todos tiveram práticas religiosas na Terra... Os cépticos e os materialistas devem estar em outra parte; aqui estão os que se comprometeram mais diretamente com Deus; os que foram vítimas de seus delírios de grandeza espiritual: os que mercadejaram com os dons do espírito, aqueles que não se beneficiaram com o poder do dinheiro, mas com a moeda da influência moral... Pela minha experiência, que não é tanta assim, digo-lhes que a perturbação oriunda do fanatismo é mais danosa do que a que se origina do materialismo... Deste Outro Lado da Vida, o materialista não tem mais nada e não é dificil convencê-lo disto, mas não é fácil argumentar com aquele que, espiritualmente, se julga superior a você; a lógica dos católicos e protestantes atém-se ao que está escrito na Bíblia, mas a dos espíritas envolve questões mais delicadas: muitos conhecem de memória todo “O Livro dos Espíritos” e não abdicam de suas interpretações pessoais da Verdade... Os espíritas não se consideram doentes — começa por aí...

— E qual é o tipo de tratamento mais eficaz para eles? — tornou Paulino, interessado.

— O melhor remédio de que dispomos aqui é o tempo... O que é que vamos fazer?

Conversamos, tentamos mostrar a realidade, organizamos atividades de laborterapia, auxiliamo-los a interpretarem as suas “visões” e as suas “vozes”;

quando possível, ensaiamos algum tipo de regressão da memória; efetuamos periódicas excursões às regiões de maior sofrimento...
Sim, porque em pior estado do que aqueles que aqui se encontram internados estão os nossos irmãos que ainda não demonstraram a mínima disposição de serem socorridos, presos às sensações da vida material que não querem deixar ou estão estacionados nas regiões fronteiriças do túmulo, ligados a grupos de espíritos rebelados...

Olhando para os vinte jovens, entre rapazes e moças, que Odilon trouxera para nos visitar, disse-lhes sem rodeios:
— Caso não cumpram com o dever, é o que os espera... Mas vamos entrar. Primeiro, quero levá-los nos pavilhões daqueles que chegaram recentemente. Não se assustem: são seres humanos...
Fazendo questão de não interferir em nada do que eu falava, Odilon se fez acompanhar da turma pelo corredor que indiquei, o qual dá para uma imensa escada que conduz ao porão.
- Aqui não temos elevadores — expliquei —; é para que tenhamos suficiente tempo de refletir, enquanto descemos ou subimos... O andar inferior é dividido em duas alas: uma com vários e amplos dormitórios, onde ficam os que conseguem conviver pacificamente, e outra constituída de quartos menores que albergam um menor número de espíritos enfermos.
Os jovens, aos quais evidentemente eu não queria assustar, não estavam habituados àquelas visões; sem dúvida, é grande a diferença entre um hospital de dementados e uma escola... Assim que começamos a percorrer o extenso corredor, fracamente iluminado (os nossos irmãos provenientes das regiões de sofrimento nas trevas, sequer suportam a presença de luz artificial mais intensa), os pupilos de Odilon arregalaram os olhos, registrando gritos e gemidos que soavam sem eco...
— Não se preocupem — disse-lhes — com o que vocês irão ver e ouvir... A mente, quando perde o controle sobre si mesma, provoca aberrações no corpo espiritual; os nossos pensamentos exteriorizam o que somos... Muitos, talvez a maioria, aqui se encontram inconscientes de sua situação.

— Foram todos médiuns?... — indagou-me uma jovem de nome Taís, com a qual eu logo simpatizei.

— Filha — respondi —, foram e ainda o são... Você sabe, ninguém perde o que adquiriu, mormente quando se trata daquilo que resulta do esforço evolutivo; os nossos irmãos, aqui internados, não souberam lidar com as próprias percepções — não souberam e não quiseram aprender... Creia que não lhes faltou oportunidade. Que lavrador lança a semente à terra e, depois, a abandona às circunstâncias? Os equívocos que cometemos no mundo, não são ocasionados pelo nosso absoluto desconhecimento das Leis, e sim pela nossa indiferença e descaso. Conforme vocês devem ter se conscientizado no Liceu, médium não é somente quem se encontra vinculado ao Espiritismo; o simples ato de orar nos coloca em comunhão com forças que transcendem as nossas emoções imediatas, ou seja, onde quer que estejamos, independente da crença religiosa que adotemos, estamos em permanente contato com seres encarnados e desencarnados... A mediunidade, através do intercâmbio com o Além, acontece de múltiplas formas diferentes e não se circunscreve ao âmbito da Doutrina.

— Mas — voltou Taís a questionar —, o número mais expressivo aqui é de médiuns espíritas?...
— Sem dúvida — concordei. — Por menor tenha sido o nosso tempo de contato com o Espiritismo, ele foi o suficiente para nos esclarecer e, conseqüentemente, criar-nos complicações em nível de consciência... “Muito se pedirá a quem muito recebeu”. É a culpa pelo que fazemos que nos torna vulneráveis às conseqüências das próprias atitudes. O “inferno exterior” do qual todos procedemos, é o reflexo do “inferno” que estabelecemos em nós. Sendo a presença de Deus na criatura, a consciência, por mecanismos que desconhecemos, mantendo-se incólume a todo e qualquer nível de desequilíbrio e de ignorância, nos cobra o retorno à harmonia...

Os quartos menores e os dormitórios maiores são destituídos de portas: tão-somente os espíritos que, por vezes, podem se tornar agressivos, como é o caso de Nélio, ficam confinados em celas especiais; porém, apesar de não serem dotados de portas, existe um sofisticado controle que, criando um campo magnético, impede que os doentes ganhem os corredores e empreendam fuga, ou mesmo se misturem com outros internos.
- Observem — enfatizei a situação destes nossos irmãos; vejam como é difícil a retomada do equilíbrio... Em que situação muitos deles serão reconduzidos ao corpo? Em que labirinto foram se meter, a fim de se desnortearem tanto?...

CAPÍTULO 26

Qual acontece em qualquer hospital psiquiátrico, mesmo estando parcialmente fora de si, os doentes, ao perceberem aquela movimentação diferente no pavilhão, aproximavam-se das grades “invisíveis” e se punham a falar palavras desconexas.

— Impressionante!... — exclamou Taís, que caminhava acompanhada de perto por Paulino.

É inacreditável! Se eu não estivesse vendo com os meus próprios olhos... Doutor, como tratar individualmente de cada caso?

— Falta-nos gente, em número e habilitação. A responsabilidade maior por eles é nossa, dos espíritas; fomos nós que, de certa forma, criamos tudo isto...

— Tudo isto, o quê, Doutor? — sabatinou-me com inteligência.

— Vejamos, Taís, se você e os nossos irmãos encarnados podem entender: os protestantes “puseram” os espíritos para dormir até o dia do Juízo Final; os católicos os entregaram, em definitivo, para Deus ou para o Diabo; os materialistas resolveram a questão com a idéia do nada; os espíritas é que chamaram para si a responsabilidade de socorrê-los e resgatá-los, situando-os em colônias espirituais que tiveram que construir... E ainda, de quando em quando, temos que escutar dos nossos irmãos encarnados que nós, os espíritos, não trabalhamos — concitamo-los ao trabalho e... cruzamos os braços. Com todas as dificuldades da vida no corpo, eu não hesitaria em trocar de lugar com qualquer um deles, pois, comparada ao trabalho que temos por aqui, a Terra é uma autêntica estação de veraneio...

Destacando-se das dezenas de pacientes reclusos naquele dormitório, sob os cuidados de abnegados enfermeiros que praticamente se internavam junto com eles, impedindo que a promiscuidade se estabelecesse, uma senhora se aproximou e, olhando fixamente para Tais, disse-lhe:

Você se parece com a minha neta Tais, a minha pequena Tais... Eu sou a vovó Esther, mãe de seu pai; eu seria capaz de reconhecê-la entre milhares de outras pessoas... Mas como você cresceu e como você demorou para me visitar!... O seu pai e a sua mãe nunca vieram; puseram-me aqui e nunca mais... Sabe, eles diziam que eu era louca; o Padre Antonio é que aconselhou a minha internação neste lugar... Ainda bem que você veio, minha filha! Quem sabe, agora eles acreditarão em mim... Eu vejo as almas do outro mundo, converso com os mortos...

Confesso-lhes que, com exceção de Odilon Fernandes, que continuava em silêncio, todos sofremos um baque. Aquilo não podia ser uma simples coincidência... Não tivesse sido amparada por Paulino e por mim, a jovem teria desfalecido, ante a surpresa que lhe fora reservada pelo destino. Procurando conter-se, Tais se aproximou um pouco mais e perguntou, trêmula:

- Vovó Esther?

— Sim, sou eu mesma — confirmou a senhora, mostrando o retrato que trazia pendente de uma corrente no pescoço. Este é o retrato de seu pai, meu único filho; eu estou aqui por obra de sua mãe, aquela megera!... Foi ela que, em conluio com o Padre Antonio, me mandou para cá; sofri tanto, tanto, ao me ver separada de vocês, que já tentei me matar diversas vezes... Tome cuidado com a

sua mãe, Tais... Ela não gosta de mim e não vai gostar de você. Louca é ela e loucura é uma coisa hereditária... Eu sei que você puxou a mim: pode ver e conversar com os mortos...

— Vovó, mas eu era muito pequena...

— Sim, você não tinha ainda completado 10 anos... Tudo se agravou, quando eu a levei para visitar um velho escravo que morava perto da fazenda; o povo dizia que era feiticeiro, mas ele era um homem bom... A sua mãe implicou comigo de vez e o meu pobre Roberto, seu pai, lhe obedecia cegamente. Certa noite, quando acordei, estava sendo levada amarrada para um hospício e estou até hoje vivendo no meio de loucos... Mas como foi, minha neta, que você me encontrou?... Eu perdi a noção do tempo...

Neste momento, intervindo, Odilon esclareceu:

- Taís, realmente trata-se de sua avó... Parte do que ela lhe diz é verdade.

— Que parte nada! Tudo é verdade; eu não estou inventando... O que vocês dizem que eu fiz é que é totalmente mentira...

— Infelizmente — continuou o Mentor, diminuindo o tom de voz —, a nossa D. Esther, depois de quase três anos internada, voltou para casa e, aí, realmente, sob forte assédio espiritual, preparou um veneno para a sua mãe, sem pensar que aquele suco misturado a poderoso corrosivo igualmente lhe seria servido... O resto, minha filha, é tragédia que se somou a tragédia. Quando atinou com o que fizera, a sua avó enlouqueceu de vez e encontraram-na enforcada numa árvore próxima à cabana do velho escravo, que acabou sendo culpado de tudo e foi morto a tiros, por ordem de seu pai.

A consternação tomou conta do pequeno grupo de jovens medianeiros. Nenhum deles ousou se pronunciar, ante o drama da companheira que fazia força para se conter. O mundo, de fato, era pequeno... Como é que, numa simples visita, aparentemente casual, avó e neta foram se encontrar? Leis indefectíveis, que não logramos identificar de imediato, agem presidindo todas as nossas ações; o acaso não existe e tudo quanto nos acontece é conseqüência do que fazemos, aliado às nossas necessidades de redenção... A Lei de Evolução é inteligente e, por vezes, dá-nos a impressão de que é o próprio Criador cuidando individualmente de cada criatura.

A meu sinal, um dos enfermeiros se aproximou e convidou Esther a se afastar.

Como se aquele esforço para recordar o passado a tivesse induzido a uma crise, a senhora se retirou pronunciando palavras desconexas:

- Eu não sei o que é verdade e o que é mentira, nem se estou viva ou se estou morta...

Estarei dormindo ou acordada? Por favor, chamem o meu filho Roberto; preciso dizer a ele para abandonar aquela mulher, antes que uma tragédia aconteça em nossa família... Eu sou médium e estou com estranhos presságios. Protejam a minha neta, pobrezinha!...

Confortando e encorajando Taís, Odilon falou-lhe em tom paternal:

- Filha, não se deixe abater... A sua avó Esther está sendo cuidada e é possível que, futuramente, você tenha condições de auxiliá-la a se reerguer. Não se esqueça de que, acima dos laços da consangüinidade, vigem os da afinidade espiritual; mais do que parentes uns dos outros por determinação genética, somos

irmãos, porque filhos do mesmo Pai, que nos ama indistintamente. O problema daquela que foi sua avó no mundo não é mais seu do que nosso; todos, em menor ou maior grau, somos responsáveis pelo que de negativo acontece aos nossos semelhantes... Enquanto você se prepara para os deveres que a aguardam na Terra, alguém cuidará dela; mais tarde, ela e os personagens do drama que protagonizaram, haverão de se reunir a você... Procure se empenhar ao máximo para que, quando tal vier a acontecer, você esteja em condições de auxiliá-los.

E, olhando para os demais componentes de sua equipe, advertiu:

— Somente o médium que ignora o que se passa nos bastidores da Vida além da morte, nos problemas que deixou pendentes e naqueles outros que o acompanham de perto na romagem terrestre é que, sem escrúpulos, se considera espírito missionário...

CAPÍTULO 27

A palavra de Odilon Fernandes, soara aos nossos ouvidos à feição de precioso medicamento contra a vaidade e o personalismo. Em outros termos, era como se ele estivesse dizendo aos pupilos que haveriam de reencarnar brevemente:
— Não se iludam; se vasculharem o passado, cada qual se deparará com uma experiência cármica semelhante à de Taís... Vocês estão indo à Terra, candidatando-se ao serviço da mediunidade no Espiritismo, com o propósito de refazerem a plantação: arrancar o joio semeado e cultivar o trigo no mesmo chão... Raros espíritos se corporificam no Planeta com tarefa delineada; conosco, os de mediana evolução, as coisas vão acontecendo como conseqüência das coisas...
Sabemos que temos necessidade de servir, o aproveitamento, no entanto, é conosco; a estrada que conduz ao abismo é a mesma que leva às alturas — tudo é uma questão de opção na caminhada, não tomando rumo equivocado...
Deixando Tais sob os cuidados de Paulino, que se retirara com ela, o grupo continuou percorrendo o pavilhão, procurando fixar na retina espiritual aqueles vivos quadros de aflição que a realidade emoldurava.
— Socorro! — gritou um de nossos internos mais revoltados. — Tirem-me daqui! ... Traidores!... Eu sou um de vocês! Fui espírita e fui médium; defendi a causa do Espiritismo... Por que me trancam nesta cela? Eu não sou louco!... Como é que vocês queriam que eu sobrevivesse?... Espírito não come e não bebe; espírito não tem filhos para criar, não tem despesas... Para vocês é fácil; eu quero ver é se agüentariam o que eu tive que agüentar... Lá embaixo, ninguém vive sem dinheiro. Vocês não me deram respaldo; deixaram que os espíritos obsessores me dominassem... Eu solucionava os problemas dos outros, mas quem é que resolvia os meus?... Tive que cobrar, sim. E daí? Inventei, menti, mas era uma mentira inocente; o povo gosta de ser enganado e eu enganava por uma boa causa...
Avançando alguns passos, um outro, que se arrastava no solo, ao perceber movimentação de visita, disse como quem estivesse amaldiçoando:
- Eis o que os espera; recuem... Renascer na condição de médium é seguir voluntariamente para a fogueira; exigências e mais exigências... Querem, sendo humanos como somos, que sejamos santos... Fui abandonado por eles, os que moram na Luz, e por estes que se julgam melhores do que nós... Não passamos de cobaias; uma coisa é ser médium agora, outra coisa é ser médium depois... Vocês irão ver; tentações de todas as espécies — sexo, dinheiro, poder... Não há quem resista; ninguém é insensível... E melhor que sejamos um mortal comum... Vejam a que estou reduzido. Eu não tenho nada; eles é que me rotulam de doente... Nas trevas, eu estaria melhor. E agora? Desta cela é possível que me ofereçam um corpo deficiente no mundo...
Não se deixem influenciar — alertei os jovens, com receio de que, em poucos minutos, o entusiasmo se lhes arrefecesse no espírito. Quantas vezes eu mesmo percorrera os corredores do Sanatório, em Uberaba, de cabeça baixa e ânimo completamente abatido... Não tivesse sido pela proteção dos nossos Maiores que, por intermédio de Modesta, me ofereciam um “contraveneno”, é provável que eu também tivesse descido ao porão. — Com raras exceções — prossegui —, os

nossos internos se julgam vítimas; ninguém admite o erro e está disposto a arcar com as conseqüências da própria invigilância... Qualquer réu, até o último instante do processo, alega inocência. É natural que seja assim. Se vocês os tivessem visto, antes de serem acolhidos pela Misericórdia Divina neste hospital!... A maioria, que agora está reivindicando, permanecia alienada. o que acontece com o louco que se deixa vagar na via pública? A não ser uma maior degradação, absolutamente nada, não é? Sem tratamento, a cura não beneficia o doente. Aqui, vocês estão vendo o lado obscuro da mediunidade, mas o nosso Odilon deve ter comentado com vocês sobre a vitória alcançada por Chico Xavier, que, dias atrás, regressou à Vida Espiritual...

— Dr. Inácio, o senhor me desculpe — pediu a palavra umjovem de nome Luciano —, mas, ao que estamos informados, o espírito Chico Xavier procede das Altas Esferas...

— Sem dúvida, mas sofreu como um ser humano, ou melhor, mais do que qualquer um de nós sofremos ou iremos sofrer... Ele não teve privilégios; os Espíritos Superiores não o isentaram das provas... Aos 5 anos de idade, já estava órfão de mãe, o que, com certeza, não acontecerá com nenhum de vocês; recebeu maus tratos na infância que o traumatizaram pelo resto da vida; passou fome; sempre foi doente; lutou sozinho para ser médium, contando, inclusive, com a oposição da família; viveu rodeado de preconceitos; atravessou o século e, já ancião, não foi poupado de escândalos... Vocês viverão numa época diferente — o Terceiro Milênio da Era Cristã! Se caírem, não será por causa de artimanha alheia... Embora o mundo ainda não seja o que desejamos, ai de quem molestar ou tocar sequer um dedo numa criança; os direitos humanos vêm sendo apregoados de maneira sistemática e, com eles, não há mais espaço para o preconceito e nem para o fanatismo... O que poderá, talvez, perdê-los será o excesso de liberdade. Vocês terão tudo para vencer... Psicografarão em modernos computadores; terão as suas vozes gravadas em fitas ultra-sofisticadas; encontrarão a Doutrina em franco desenvolvimento; o melhor conhecimento das energias espirituais lhes ensejará infinitas possibilidades no campo da cura mediúnica; as suas condições receptivas serão facilitadas pelo aprimoramento genético do cérebro... O que é que vocês querem mais? Chico Xavier não freqüentou nenhum liceu... Os centros espíritas da Terra estarão mais bem aparelhados para recebê-los. Antes, o terreno havia que ser desbravado; agora, não...

— Falando assim—observou Luciano—, o senhor nos deixa envergonhados...

— Porém, a minha intenção não é esta — respondi.

— O problema é que as conseqüências do mal aqui no Hospital dos Médiuns é tão flagrante, que, se não se enfatizar a existência do bem, ter-se-á a impressão de que ele não existe... Hoje, o testemunho que se pede ao cristão não é o da morte nos circos de martírio ou o do sacrificio nos postes inquisitoriais; o seu desafio maior na atualidade é superar interesses subalternos e demonstrar verdadeiro idealismo... Se tudo evolui, as formas de tentação também evoluíram. Ontem, a pedra-de-tropeço era a dificuldade; hoje, é a facilidade...

Silenciando por instantes, continuei, sob o olhar de aprovação de Odilon:

— O que vocês estão vendo aqui não é nada; esse pessoal vai melhorar... Os deformados recuperarão a perfeição da forma e todos serão encaminhados a

novas experiências; o sofrimento só é eterno enquanto dura... A questão real, com a qual somos chamados a lidar, não é a dor mas, sim, a perda de tempo!... O aluno que se reprova em determinada série escolar perde o contato com os colegas que revelam maior aproveitamento. O pássaro que se distancia do bando deixa de contar com a sua proteção e passa a viver entre hostilidades... Eu me referi a Chico Xavier, de quem todos vocês, naturalmente, já devem ter ouvido falar, no entanto, antes dele e depois dele um sem-número de medianeiros anônimos se destacou no fiel cumprimento do dever. Eu mesmo convivi com alguns deles, em Uberaba, e o nosso Odilon também. Companheiros extraordinários que, numa época difícil, desempenharam a sua função. Não foram, evidentemente, tão grandes quanto Chico Xavier, mas foram maiores do que eles próprios poderiam ter sido!...

CAPÍTULO 28

Terminando de percorrer o pavilhão, em que os nossos futuros medianeiros na carne puderam constatar o devotamento com que uma legião de irmãos dedicados aos serviços de enfermagem tratavam os doentes —coisa rara de se ver, diga-se de passagem, nos nosocômios da Terra —, fomos ao pavimento superior, imediato àquele que diz respeito à administração.

O assunto dominante, entre outros, era o do desenlace de Chico Xavier. Um dos tutelados de Odilon Fernandes, de nome Daniel, sentindo-se mais à vontade, comentou, enquanto subíamos:

— Eu conheci Chico; fui um dos muitos que escreveram por ele... Desencantei num acidente automobilístico. Os meus pais, apesar de serem espíritas, embora não militantes, estavam desesperados... O meu avô providenciou o contato e a experiência foi tão marcante para mim, que decidi ser médium...

- Decidiu ser médium? — perguntei, procurando deixá-lo mais à vontade.

— É, passei a me interessar... Desde criança, eu sentia a presença dos espíritos à minha volta, mas a minha cabeça estava voltada para outros interesses — o senhor sabe, namorada, essas coisas...

— Tempos bons, meu filho... Eu também os tive —endossei, sorridente. — Só que, no meu tempo e no de Odilon, era muito diferente, não é, Professor?...

— No seu, Inácio, mais do que no meu ainda —retrucou o Instrutor, que se fazia admirado e querido de toda a turma.

— Cheguei a freqüentar a mocidade espírita e, quando via Chico Xavier em ação, psicografando na televisão, por exemplo, eu entrava em êxtase; mal podia imaginar que, um dia, eu estaria fazendo o mesmo por intermédio dele... Certa noite, quando eu e dois colegas voltávamos de uma festa, perdemos o controle do veículo e...

— Chico fez escola dos Dois Lados da Vida—acrescentei. — O trabalho da Espiritualidade Superior através dele está muito longe de ser avaliado, em todas as suas conseqüências positivas... Como você, Daniel, garanto que dezenas e dezenas de espíritos se sentiram motivados a cultivar os seus dons...

— O nosso Dr. Inácio Ferreira têm razão — acentuou Odilon. — Com o advento de Chico Xavier, as matrículas no Liceu aumentaram significativamente... Antes, era dificil que alguém, principalmente sendo jovem, se interessasse por mediunidade. As nossas expectativas, para o futuro, são as melhores. Estamos abrindo novas turmas e estamos otimistas. A repercussão do trabalho dele cria, nos nossos irmãos encarnados, condições propícias, tanto do ponto de vista espiritual quanto genético, para que a mediunidade amplie o seu campo...

- Como assim? — indagou Daniel, ansioso por maiores esclarecimentos.

— A vida missionária do médium de Emmanuel foi tão irrepreensível, que quase todos experimentamos um desejo inconsciente de imitá-lo...

— É mesmo — quase todos repetiram, em uníssono.

— É natural que seja assim, pois, afinal de contas, quem é que não anseia por triunfar sobre si, alcançando independência sobre a Lei do Carma? Que pais não gostariam hoje — e vamos frisar este hoje — de ter um filho como Chico Xavier?...

- Principalmente, copiando-lhe a bondade, não é, Odilon? — questionei em tom

afirmativo.
- Temos enfatizado este aspecto, Inácio, pois a faculdade mediúnica, por mais portentosa, que não aprimora o médium e nem coopera no aprimoramento dos circunstantes não passa de árvore sem frutos...
— De figueira seca — emendei.
- O objetivo da Vida é o amor; tudo que se aprende a fazer, se aprende com a finalidade de saber amar; tudo que se pode conhecer, se conhece para colocar o amor em prática... Como nos diz Paulo, em sua carta aos Coríntios, ao fim de tudo, só o amor permanece. A mediunidade que não melhora o médium como ser humano é obsoleta...
— Quer dizer, então — fiz questão de indagar —, que é preferível ser bom a ser médium?
- Sem nenhuma sombra de dúvida — respondeu-me o Mentor, consciente de que reafirmava importantes lições aos aprendizes, os quais não lhe perdiam uma única palavra. Se Chico Xavier não fosse um medium bom, ele não seria um bom médium...
Quase sem ver, atingimos o primeiro pavimento do Hospital, onde quase mil medianeiros se encontravam, e ainda se encontram, em franca recuperação. Confesso-lhes que, na condição de médico, o mais difícil para mim continua sendo convencer essa gente a ocupar-se de alguma coisa... A ociosidade é também um mal na Vida além da morte! Poucos os que se convencem da necessidade de se reconstruírem interiormente, utilizando as mãos!... Sem plasmar o que pensa de positivo, o homem não se educa. A idéia que, de algum modo, não se materializa, não fixa valores no espírito.
Aproximando-me de um dos nossos internos, exatamente um daqueles que, de braços cruzados, permanecia na expectativa de que a graça divina o alcançasse, falei sem meias palavras:
— Como é, Adelino, quando é que você vai se resolver? Eu já lhe disse que a sua mais rápida recuperação depende de seu esforço... Faça alguma coisa, homem! ... A rigor, você poderia estar de alta, mas... Saia desse quarto, visite a biblioteca, tome a iniciativa de ler um livro...
— Ah! Doutor — respondeu-me —, eu ando muito deprimido; de fato, tenho me sentido melhor, no entanto sei que sou frágil e voltarei a cair... Não adianta. Creio que Deus nos fez de têmperas diferentes. Noto que, com extrema facilidade, albergo pensamentos negativos... Enquanto estou aqui, estou bem, mas, se eu colocar os pés para fora do Hospital...
Adelino era um grande doutrinador ou, por outra, havia sido na Terra um orador de qualidade, dotado de excelente memória e primorosa técnica expositiva; infelizmente, como tantos outros, falara tão-somente com os lábios, não se esmerando em vivenciar aquilo que pregava...
— Meu irmão — repetia, tentando encorajá-lo —, todos somos assim... Não exija santidade de você, porém, por outro lado, não se renda, de vez, às inclinações negativas. Ao vício que detecta na sua personalidade, contraponha a virtude capaz de anulá-lo; é assim que devemos proceder... Não continue tão-somente no âmbito das palavras; se você aplicar a si mesmo parte do que já sabe, as coisas começarão a mudar... Em cima dessa cama, a cismar sobre o passado, o futuro não chega. Aproveite os seus conhecimentos e converse com os companheiros;

colabore conosco... É procurando dar aos outros o que, muitas vezes, não temos sequer para consumo próprio, que a Vida providencia o que nos esteja faltando.

— Quem são estes jovens, Doutor? — questionou-me, apontando os discípulos de Odilon.

— Candidatos ao serviço mediúnico na Terra —expliquei —; estagiários do Liceu que, dentro em breve, estarão se engajando na causa do Espiritismo...

— Tomara que tenham um destino diferente do meu; no começo, eu era idealista como vocês — disse-lhes —, mas, aos poucos a vaidade foi me dominando... Nada pior para arrasar com um médium do que o elogio e o aplauso; e, infelizmente, é o que queremos o tempo todo...

— Desculpe-me, Sr. Adelino — aparteou Timóteo, um dos componentes do grupo —, eu não posso concordar com o que diz; pretendo ser médium da palavra e...

CAPÍTULO 29

— Desculpe-me você, jovem — redargüiu Adelino... Como é mesmo o seu nome?

— Timóteo, senhor; o meu nome é Timóteo — respondeu.

— Pois, sem a intenção de ofendê-lo, digo que você é um dos que têm maior possibilidade de queda...

— Eu?...

— Sim, meujovem, você mesmo; quem ainda nem começou e já está advogando em causa própria... Seja prudente. Uma coisa é a escola, outra coisa é o mundo... Eu estou me vendo em você, tempos atrás; chegava a ficar horas inteiras, diante do espelho, ensaiando. Li, inclusive, sobre teatro, com o intuito de dramatizar em minhas conferências... Quando não conseguia levar o auditório às lágrimas, eu me aborrecia; preocupei-me mais com a forma do que com o conteúdo...

Sem perceber, fui distanciando o coração da palavra.

Timóteo inclinara a cabeça e Adelino prosseguiu:

- Agora estou aqui, neste hospital, experimentando imenso vazio no espírito... Não me habituei a servir, mas, sim, a ser servido; o meu negócio era ser notado... Os espíritos que me inspiravam anonimamente foram, aos poucos, cedendo espaço àqueles que revelavam vocação para o palco. Preguei a Doutrina, mas não a impregnei. Quando alguém tentava me alertar, eu reagia com personalismo... Eu, vaidoso?... Não, as pessoas é que tinham inveja de mim, do meu estilo... Transformei-me num daqueles bonecos de ventriloquia, que só movimentam o maxilar inferior.

Depois de pequeno intervalo, Adelino arrematou:

- Você me desculpe, meu jovem, o doente aqui sou eu; é que, quando eu me deparo com o meu futuro, o meu passado me causa indignação... Desejo que voce seja um vitorioso e, se depender de seus mestres, certamente haverá de sê-lo; mas, se eu estivesse hoje em seu lugar, solicitaria providências no sentido de que a gagueira me acometesse até determinada idade... O bom orador não é aquele que chega a apresentar calos nas cordas vocais, mas, sim, nas mãos.

Perdoe-me, mas disto eu entendo bem e posso falar; a eloqüência foi uma das poucas coisas que a morte ainda não me tirou...

— Bela maneira de tratar as visitas, Adelino! —interferi em tom repreendedor.

- Não, Inácio — observou Odilon —, não se preocupe com constrangimentos; o nosso Adelino está coberto de razão e Timóteo deve refletir no que ele lhe disse; aliás, não apenas Timóteo... Viemos visitar o hospital dirigido por você para colher depoimentos semelhantes. O nosso Timóteo não ignora as suas dificuldades pessoais, não é, meu filho?...

Tímido e hesitante, o rapaz concordou:

- Eu ainda não aprendi a ouvir a verdade a meu próprio respeito...

- Em geral — explicou o Instrutor —, o que nos fere ou magoa é o que mais colabora conosco no sentido de desenvolver a humildade; é o nosso amor-próprio que nos ocasionará aborrecimentos... A humildade é uma virtude ativa no agir e

passiva no reagir. Quem não ouve o que o contraria não se liberta da ilusão que o escraviza...

— Pois é, Adelino — voltei a direcionar a palavra ao meu paciente, — você poderia nos ser muito útil com a sua experiência de vida... O erro dos outros sempre nos serve de advertência.

— Dr. Inácio, a pessoa escuta, mas quer cair... O senhor sabe que é assim. Eu não acreditava que o que acontecera aos outros pudesse acontecer comigo... Por isto é que não adianta abrir a boca; quem não rala os joelhos não aprende...

— E você aprendeu, Adelino? — perguntei, indo ao centro da questão.

— Ainda não, Doutor, ainda não. A decepção que tive comigo foi muito grande; vou precisar de um tempo mais longo para me recuperar. Nem sei por onde recomeçar...

— Eu já lhe disse: tome uma vassoura nas mãos e vai varrer o pátio... (Os nossos pacientes leitores poderão desacreditar de tudo que relatamos nesta obra, mas não acreditem que, no Mais Além, o espírito possa recuperar-se sem o concurso de pátios e vassouras.)

— Doutor! Varrer o pátio?...

— Por que não? Catar folhas de árvores, recolher o lixo...

— O que eu conheço me impede de fazer o que eu preciso...

— É um falso conhecimento, Adelino... Na realidade, a única coisa que você tem para transmitir de seu é a experiência resultante do seu fracasso; o resto, como nós dizíamos nos tempos de colégio, é decoreba pura... Você sabe a Bíblia de cor? É capaz de se lembrar, uma a uma, das perguntas e respectivas respostas de “O Livro dos Espíritos”? Ora, Adelino, quem faz uma prece com fé sabe muito mais que você!...

Evidentemente, que não tínhamos tempo de apresentar caso por caso dos nossos visitantes; cada um dos nossos internos encerra uma história diferente, que merecia e merece ser apreciada, mas os minutos à nossa disposição eram demasiadamente escassos para que o pudéssemos fazer.

Despedindo-nos de Adelino, que fizera questão de abraçar Timóteo, que se emocionara, tomei a iniciativa de levá-los à presença de um sacerdote recolhido às dependências do Hospital por obséquio de um grande amigo, o ex-Padre Sebastião Carmelita, do qual, anteriormente, já lhes falei.

O clérigo desencarnado, assim que me viu, não me poupou palavras de agradecimento:

— Não sei o que dizer, Dr. Inácio... O senhor tem sido tão bom para mim; eu estava numa situação muito difícil... Graças ao senhor e ao Carmelita é que tenho me recuperado; ainda sinto fortes crises, mas, a cada dia, estou me fortalecendo...

- Estamos apenas cumprindo com o dever, Jerônimo — respondi, pousando-Lhe a destra sobre o ombro. — Você tem sido afável às nossas recomendações e, segundo creio, Logo receberá alta.

— Reconheço que, na condição de membro da Igreja Católica, falhei muito; limitava-me a ouvir os fiéis em confissão e a rezar as minhas missas... Não consegui sentir a grandeza do Evangelho em mim mesmo — o que lamento, profundamente. Perdi excelente oportunidade de servir ao Senhor.

— Você não tinha vocação para o serviço religioso e, muito menos, para o apostolado da Caridade...

- É verdade, é verdade... Embora sendo devoto de São Vicente de Paulo, abracei o sacerdócio por decisão familiar; desde menino, a minha mãe me prometia à igreja...

— Jerônimo — ponderei —, o equívoco só não foi maior devido ao seu caráter; aqui mesmo temos inúmeros religiosos em piores condições... Você, pelo menos, não se prevaleceu da batina para mercadejar com os dons divinos...

— A minha saúde era muito debilitada; graças a Deus, fui um homem doente, pois, caso contrário...

— Em muitas circunstâncias — concordei —, a doença, de fato, é uma bênção, preservando-nos de quedas espetaculares... E, por falar em doença — disse, dirigindo-me aos pupilos de Odilon, que me olharam, assustados, algum de vocês se lembrou de pedir algum tipo de achaque físico?... Ser médium no mundo sem um problema orgânico que o fustigue é uma temeridade!

— Os jovens irão servir à causa do Espiritismo? —argüiu-me Jerônimo, humilde.

— Esses jovens simpáticos e robustos, são candidatos à iniciação mediúnica — respondi, procurando fazer sorrir o pequeno grupo. — Reencarnarão brevemente...

— Eu ouvia vozes na infância e na adolescência... Os espíritos me fizeram sofrer muito; estigmatizavam o meu corpo...

CAPÍTULO 30

Jerônimo prosseguiu na narrativa:

- Eu não entendia nada e, por este motivo, minha mãe resolveu que eu deveria ser padre; o meu pai não se opôs e, àquela época, ninguém ousava contestar a opinião dos mais velhos... Fui para o seminário, mas, confesso-lhes, sem vocação alguma; de quando em quando, as vozes e as visões se me manifestavam, até que desapareceram por completo... Creio que os Espíritos tenham desistido de mim. Tentaram me sensibilizar mediunicamente, porém tomei um caminho inteiramente diferente. Certa vez, conversei com um dos nossos orientadores e ele me disse que tudo aquilo nascia da minha cabeça, que a Igreja não permitia o contato com os mortos e que eu deveria me submeter à mais rígida disciplina... Vocês me perdoem, mas sequer gosto de me lembrar de tudo que passei. Acovardei-me, tive medo e fugi dos espíritos que me procuravam... Mesmo na condição de padre, eu poderia ter sido médium. Li sobre a vida do Santo Cura d'Ars e verifiquei que ele era um médium extraordinário: saía do seu próprio corpo e entrava em contato com os mortos nas zonas purgatoriais; os santos lhe apareciam nos momentos de êxtase; sob a orientação dos Espíritos Superiores, curava os doentes; ficava horas e horas ouvindo os fiéis em confissão e, inspirado, prescrevia a cada um a devida penitencia... Uma verdadeira romaria se formava para vê-lo, que era um homem extremamente virtuoso. Eu queria ter sido como ele, mas, infelizmente...

Os olhos de Jerônimo encheram-se de lágrimas, então eu disse, em sua defesa:

— Agora, meu filho, você se libertou; logo estará refeito e, como não lhe pesa nenhum ato desabonador, doravante você poderá escolher o seu próprio caminho... Toda experiência é válida.

Sempre fui e continuo sendo ferrenho adversário dos princípios teológicos do Catolicismo, que, para mim, espiritualmente, induziu a Humanidade a um atraso de séculos, mas sou forçado a admitir que, de certa forma, os seus votos o protegeram; quem sabe, se não tivesse entrado para o seminário, você tivesse se perdido como tantos jovens que, afastando-se da fé em Deus, passam a viver um materialismo inconsciente?...

— Admito, Dr. Inácio, no entanto, mesmo assim fico triste — explicou-se Jerônimo. — Para mim, servir a Deus, naquelas condições, foi extremamente penoso e tornei-me um sacerdote incapaz de sorrir... Estive, diversas vezes, para abandonar a batina, mas o desgosto que ocasionaria aos meus pais e o escândalo seriam muito grandes... Decidi agüentar, mas, o meu estado depressivo, que se fizera constante, debilitou-me o organismo e a tuberculose apareceu em cena; antes dos 50 de idade deixei o corpo, de espírito desencantado... Hoje, vejo que errei. Não é o rótulo religioso que faz o apóstolo. Tenho conversado com o nosso irmão Carmelita e apenas lamento não ter contado com um preceptor espiritual com a visão que ele possui da Vida.

— Meu filho — observei —, não consinta que as seqüelas da depressão que o acometeu no corpo persistam em seu espírito... Você tem um caminho amplo pela frente; convença-se de que as nossas lutas são determinadas pela própria

necessidade de aprendizado. Os seus pais não passaram de simples instrumentos... Repito, ainda bem que você não se comprometeu...
- Fui omisso, Doutor, na aplicação do Evangelho; eu poderia ter consolado a muita gente e não o fiz —não organizei na paróquia nenhuma obra social de vulto e, enfim, limitei-me a tocar o sino da igreja, rezar a missa em latim e... mais nada.

E, dirigindo-se aos jovens que lhe acompanhavam o depoimento, considerou:
— Espero que vocês sejam mais felizes... Ao que estou sabendo, o médium, tanto quanto o sacerdote, se não tem vocação para servir, não cumpre com a tarefa que lhe está reservada. Eu não podia, vocês podem... Fiz parte de uma religião que, neste sentido, me cerceava todos os movimentos; vocês, ao contrário, contarão com todo tipo de incentivo. Desculpem-me estar lhes falando assim, mas, infelizmente, ainda carrego muitas mágoas no coração. Fui uma espécie de semente plantada em terreno não-propício para se desenvolver...

— Jerônimo, ao sair daqui — ponderei —, você irá para o Liceu; o nosso Odilon, com certeza, o admitirá por lá...
— Sem dúvida — enfatizou o companheiro —; você, desde já, é nosso convidado... Não se preocupe; as nossas portas estarão abertas para recebê-lo...
— Do Liceu para a Terra, da Terra para o Hospital, do Hospital para o Liceu!...

Ante a observação de Jerônimo, que, aos poucos, ia recuperando o seu bom-humor, não pudemos deixar de sorrir.

— E, de quando em quando — acrescentei, fazendo graça —, uma pequena passagem pela região das Trevas, com o objetivo de nos depurarmos...
— Quando será que subiremos de fato, não é?... — perguntou o padre desencarnado.

— Cabe a nós, meu irmão — respondeu Odilon —, romper com o círculo vicioso da cadeia reencarnatória... Conforme se constata, o nosso problema crucial está na Terra, pois, de acordo com o nosso menor ou maior aproveitamento por lá, é que nos direcionamos depois da morte. Temos que reencarnar melhor preparados e conscientes, sobretudo conscientes de que o tempo no corpo passa depressa e não vale a pena nos entregarmos à ilusão; até aproximadamente os 40 anos de idade, o homem soma: saúde, prazeres, aquisições; depois dos 40, começa a subtrair em sentido inverso... Com a evolução tecnológica e a velocidade do pensamento, a existência humana vem se tornando vertiginosa; um século continua tendo 100 anos, mas um dia parece não ter mais o mesmo número de horas... A mente do homem está encurtando o seu tempo de permanência no corpo: a expectativa de vida tem aumentado significativamente, mas o tempo mental da criatura encarnada está diminuindo progressivamente...
- Com a palavra os fisicos, para melhor explicarem tal fenômeno de encurtamento do tempo interior — acentuei. — A continuar assim, dentro de mais alguns séculos, o homem será chamado a modificar a sua medida-padrão de tempo; à proporção em que a vida se espiritualiza na Terra, o tempo se desmaterializa, ou seja:
quanto mais o homem se absorve interiormente, mais as coisas de fora deixam de se lhe constituir em ponto de referência... Por este motivo, quando nos dirigimos aos nossos irmãos encarnados, habitualmente o fazemos sem noção de relógio e

de calendário, pois a vida além da morte é apenas uma questão de aceleração das partículas que constituem o espaço em que nos movimentamos no novo corpo que nos abriga... Cada dimensão espiritual é caracterizada por uma velocidade e, conseqüentemente, por um espaço geográfico; a diferença de velocidade faz com que duas dimensões espaciais coexistam, ou seja, se interpenetrem; isto modifica antigas concepções da Física, que, é bem provável, venha, em tempo mais curto que o esperado, colocar a questão da sobrevivência da alma numa equação matemática... Futuramente, a Religião do homem será a Ciência, que, por sua vez, se lhe constituirá na mais legítima manifestação de Fé!

Quando terminei, Odilon brincou, provocando-me:

— Para quem nada sabe da Física, você foi longe, Inácio...

— De quando em quando, eu sou vítima desses transes estranhos — respondi, aceitando a provocação.

— Eu não sei de onde é que essas idéias saem de mim; estou enlouquecendo ou virando médium!...

Os jovens sorriram. Despedimo-nos de Jerônimo e a visita ao Hospital estava encerrada.

CAPÍTULO 31

Depois de aproximadamente uma semana de sua visita ao Hospital dos Médiuns, sob a nossa coordenação, Odilon entrou em novo contato comigo. Através de um aparelho de videotelefonia, ultra-sofisticado, de imagem e som instantâneos e de grande precisão, convidou-me para o que, desde muito, eu ansiava:

— Inácio — falou-me o amigo —, você se recorda de que, tempos atrás, conversamos sobre uma possível excursão à Próxima Dimensão?...

— Como não? — respondi. — Não vá me dizer que você conseguiu a nossa inclusão em um desses programas experimentais...

— O Liceu mantém intercâmbio de aprendizado com vários grupos e, em "Nosso Lar", semelhantes viagens têm sido realizadas com relativa freqüência. Eu havia feito a solicitação ao responsável pelo Programa de Vôos Espaciais de Reconhecimento à Dimensão Imediata e, agora, após analisar-me o pedido, recebi o comunicado de que o meu nome e o seu foram confirmados...

- É inacreditável!... Para quando será? — indaguei, curioso, no diálogo que se desdobrou.

- Para daqui a quatro dias...

— Mas... sem nenhum treinamento específico?

- Não há necessidade; em um dia, seremos inteirados de tudo... Essas excursões são semelhantes às viagens espaciais que os homens realizam à órbita de outros planetas, só que, por aqui, os que se dedicam a tal empreendimento já possuem um melhor domínio da técnica; na Terra, a exploração espacial através de naves tripuladas e não-tripuladas ainda está em seus primórdios...

— Os nossos irmãos encarnados entenderão que estamos delirando...

- É possível, Inácio, porém, em seus contatos com eles, convém que você os esclareça de que, nas dimensões espirituais próximas ao orbe, a Ciência prossegue trabalhando para que as nossas limitações, diante do Universo, sejam superadas... Infelizmente, ainda não somos portadores de suficiente poder espiritual para dispensarmos determinados expedientes exteriores. Em estado de desdobramento natural, é raro que o homem encarnado sonhe que esteja excursionando a outro planeta do Sistema Solar... Quem, por exemplo, já sonhou que estivesse em Júpiter ou Saturno?

Em nosso atual estágio evolutivo, a mente nos impõe limites e a densidade do nosso corpo espiritual não nos permite vencer a Força da Gravidade. Apenas os espíritos que melhor se dominam, do ponto de vista mental, é que viajam às diferentes Dimensões Espirituais sem necessidade de veículos e roupagens apropriadas; para eles, o Tempo e o Espaço inexistem...

É uma constatação curiosa, Odilon — concordei. Quando no corpo, eu nunca sonhei que estivesse em outro orbe que não fosse a Terra; no máximo, o que eu conseguia era guardar relativa consciência de que estivera em determinada região do Mundo Espiritual, que, agora, se constitui em novo verdadeiro habitat...

— Se em maioria, Inácio, os nossos companheiros encarnados, ao se entregarem ao refazimento pelo sono, não logram se distanciar mais que alguns

centímetros ou metros da forma física que os reveste, como poderiam, depois da morte, ascender, aos páramos inconcebíveis pela sua própria capacidade de imaginação? O real, cuja existência o homem não consegue sequer imaginar, não existe para ele... E, depois, é necessário esclarecer-se que as conquistas científicas da Humanidade são, em verdade, um pálido reflexo daquelas às quais a comunidade espiritual já tem acesso.

— Mas, André Luiz, em sua obra, não faz nenhuma referência a esse Programa de Vôos Espaciais de Reconhecimento à Dimensão Imediata...

— A descrição que o nosso André efetua de "Nosso Lar", conta já bem mais de meio século; de lá para cá, a cidade se modernizou extraordinariamente... O que era a Terra há 50, 60 anos atrás? O aparelho televisivo que hoje se encontra incorporado a quase todos os lares não passava de mera ficção; e o que diríamos, então, do computador e outros incríveis inventos eletrônicos?...

— O chamado PVERDI, a sigla do Programa em que conseguimos nos inscrever, vem sendo incrementado em "Nosso Lar" há apenas três décadas; cientistas e cosmonautas desencarnados, conscientes da realidade espiritual, estão cuidando do Projeto que muito tem colaborado com a nossa comunidade, no sentido de que, mesmo na condição de mortos, melhor reverenciemos a grandeza e a sabedoria da Criação. É verdade, Inácio, que o Programa, semelhante aos vôos espaciais empreendidos por Institutos como a NASA, por exemplo, que possui plataformas de lançamento de foguetes que, do ponto de vista científico, muito deixa a desejar, igualmente está em seus primórdios, mas, futuramente, poderemos viajar à Próxima Dimensão sem tantas restrições...

— Existem outros programas semelhantes ao PVERDI, fora de "Nosso Lar"? — perguntei.

— Um ou outro apenas — esclareceu o Benfeitor.

— Não nos esqueçamos, repito, de que a imensa maioria deixa o corpo completamente incapaz de conceber a vida fora da matéria, quanto mais de admiti-la desdobrando-se em múltiplas dimensões, abaixo ou acima...

— De quantos elementos se constituirá a tripulação?

- É, no máximo; eu e você, como convidados, um estagiário de "Nosso Lar" e dois comandantes...

— São brasileiros, Odilon, os dois comandantes?...

Odilon sorriu e contraperguntou:

- Qual é agora, Inácio, a sua nacionalidade? Qual a sua cor, a sua idade ou mesmo a sua forma?...

— Desculpe-me, mas é que, por vezes, eu ainda me esqueço...

— Logo você, que sempre foi um homem de pensamento aberto para o Universo!... Mas, apenas a título de informação, digo-lhe que os dois comandantes da nave espacial em que viajaremos, foram, em sua última experiência fisica, cientistas que viveram nos Estados Unidos e na União Soviética.

— Mas — comentei — esse pessoal costuma ser materialista...

— Depois de ir ao Espaço, Inácio, e de ver que a Terra já não passa de diminuta "bola de golfe", suspensa pela gravitação, singelo "grão de areia" perdido na imensidão do Infinito, não há quem não altere as suas mais arraigadas concepções; o maior ganho desses astronautas, sem dúvida, é o de readquirir a perdida crença em Deus: praticamente todos, quando regressam de suas viagens,

tornam-se místicos e reverentes; muitos deles, inclusive, passando a requisitar acompanhamento psiquiátrico, tal o choque de realidade a que foram expostos... E o que acontece com muitos espíritos que, quando constatam a própria imortalidade, se desnorteiam e necessitam de longos períodos de readaptação...

- Aqui, no Hospital, tenho muitos deles comigo; convencê-los de que estão mortos, não é nada fácil...

- Não desejando absorver mais o precioso tempo de Odilon, indaguei:

— Quando iremos a “Nosso Lar”?...

- Depois de amanhã; chegando na véspera será suficiente para que sejamos esclarecidos quanto às orientações básicas indispensáveis...

- E quanto tempo demoraremos? A excursão será longa?...

— Ao que estou informado, no máximo três horas; não temos permissão e nem equipamentos para uma permanência mais demorada... Será o tempo de pousarmos e, se possível, entrarmos em contato com alguem...

— Os nossos irmãos que lá habitam estão sabendo que iremos?

- É evidente que sim. E se encontram empenhados em facilitar as coisas...

- Pousaremos no centro de alguma cidade?

- Inácio, o que é uma cidade? Os nossos sentidos não nos consentirão ver além do que possamos registrar; os instrumentos da nave espacial que nos conduzirá arquivarão dados para uma análise mais acurada, posteriormente... Mas isto não será de nossa alçada; eu e você não passamos de simples convidados...

- Eles pretendem que noticiemos ao mundo, não é? Ainda bem — observei com certa ironia — que, por aqui, as fogueiras da Santa Inquisição não nos podem alcançar...

CAPÍTULO 32

Chegando à conhecida cidade de “Nosso Lar”, fomos, para minha surpresa, recebidos pelo próprio André Luiz, que, ao avistar-me, saudou-me sorrindo:
- Dr. Inácio Ferreira! De há muito, desejava conhecê-lo pessoalmente... Homem de coragem, não é, Odilon?

— Sem dúvida — respondeu o companheiro, sendo abraçado por ele —, o nosso Inácio é um espírito destemido; habituado a ser franco, jamais permitiu se intimidar... E não seria agora, não é, Inácio?

— A que é que vocês estão se referindo? — perguntei, sentindo-me o alvo das atenções e das brincadeiras.

— Ao seu, principalmente, “Do Outro Lado do Espelho” e ao novo trabalho literário em andamento — respondeu André, convidando-nos a ocupar duas poltronas à sua frente.

— Estou fazendo bem menos do que você, meu caro — respondi ao admirado autor da série que escreveu por Chico Xavier —; aliás, quase todos nós estamos nos seus rastros... Você é o grande pioneiro. A minha obra é um arremedo da sua; não tem qualquer originalidade...
- Mas não há como negar que você e o nosso Paulino Garcia, tanto quanto possível, têm avançado...

— Tanto quanto médium, seria correto dizer, pois, se não tivéssemos encontrado o intermediário que conosco se afiniza...

— Desculpem-me mudar de assunto — interferiu Odilon, de maneira providencial. — Mas que notícias, André, você nos fornece sobre o nosso Chico? Ele passou pela cidade?...

— Que nada! ... Subiu direto e não temos informações precisas do seu paradeiro. Estamos preparando-lhe uma homenagem, porém não sabemos quando lhe será possível prestá-la... Por aqui, a nossa expectativa com a presença de Xavier superou a expectativa dos brasileiros pela conquista efetuada levada a efeito nos campos da Coréia e do Japão...

— Pelo menos — insisti —, não desconfiam na companhia de quem ele esteja? Inácio, você pergunta e se arrisca demais — disse-me André, como se fossemos velhos conhecidos. —Não se esqueça de que o nosso pessoal lá embaixo é um tanto avesso às revelações deste Outro Lado... Quando publiquei “Nosso Lar”, quase desisti de seguir adiante; não fosse pelas palavras de incentivo do Dr. Bezerra de Menezes e da Ministra Veneranda, eu teria recuado... Ainda hoje, alegam que o meu trabalho équestionável, sob o pretexto de que eu não era espírita e que estagiei por mais de oito anos no Umbral, como se quase todos eles, ao deixarem o corpo físico, não fossem demorar-se nas regiões inferiores...

Fazendo breve silêncio, André, um tanto mais circunspecto, continuou:
- O nosso Xavier está na melhor companhia a que fez jus, pelo seu esforço e desprendimento... Mais tarde, temos certeza, ele virá ter conosco e, então, lhe prestaremos a merecida homenagem, pois, afinal de contas, interpretando-me o pensamento, ele pode ser comparado a um descobridor de novas terras...
- E “Nosso Lar”, como é que vai? — indagou Odilon, cooperando com as anotações que, mentalmente, eu ia realizando.

- “Nosso Lar” mudou muito; a cidade cresceu assustadoramente e, pasmem, quase todo espírita que desencarna quer vir para cá. Tivemos, evidentemente, que controlar a questão da imigração espiritual... Estamos hoje em cerca de dez milhões de habitantes e a qualidade de vida, como não poderia deixar de ser, vem sofrendo... A “Nosso Lar” de nossa obra, escrita há quase sessenta anos, já não é mais a mesma; muitos dos nossos personagens já reencarnaram: Lísias, o próprio Ministro Clarêncio...

— E você — questionei —, quando pretende descer?...

André sorriu e me disse:

- O cerco está apertando... Com a desencarnação de Xavier, fiquei, digamos, desempregado; tenho, sim, escrito páginas esparsas por um e outro médium, mas, neste sentido, a minha tarefa está concluída... Creio que, no máximo, dentro de dois ou três lustros, reencarnarei...

Daqui em diante, procurarei me preparar, ampliando os meus estudos específicos, já que pretendo voltar a atuar no campo da Medicina, agora dando ênfase ao seu aspecto espiritual, e, depois, algumas questões familiares permanecem pendentes no meu carma...

— Até no seu caso, com tantos “bônus-horas”?...

— Questionei, realmente surpreso.

- E por que não, Inácio?... Assim escrever livros nos isentasse de determinadas provas; eu vou ser chamado na condição de ser humano encarnado, a colocar em prática tudo que escrevi...

- Mas você não funcionou como médium?

— Não importa... Aproveite para dizer ao pessoal da mediunidade na Terra que toda teoria necessita ser sancionada pela vivência; o nosso Xavier fez as duas coisas ao mesmo tempo e se redimiu... A idéia de que ser médium significa só ser ponte é primitiva; à medida que os conhecimentos do medianeiro se dilatam, a sua responsabilidade se acresce: ele é convidado a uma participação efetiva em todo e qualquer processo de intercâmbio... Antes, o médium era meio; hoje, ele deve ser meio e fim...

— No entanto — obtemperei — o pessoal continua querendo ser apenas meio...

— É mais fácil e mais cômodo, não é? — falou André Luiz, incisivo. — Carecemos, no entanto, lembrálos de que o Espiritismo já conta quase um século e meio de existência... É hora de crescer e de assumir maior responsabilidade. Até quando os próprios medianeiros, com o propósito de não servir, vacilarão na fé? Uma inverdade não resistiria tanto tempo assim...

— Você tem razão — concordei.

Odilon, que se conservava em silêncio, manifestou-se dizendo:

— O que particularmente me preocupa, é a questão do discernimento; infelizmente, notamos a presença de muitos médiuns ensandecidos. São portadores de excelentes faculdades, mas o excesso de personalismo e vaidade...

— A triagem, Odilon, acontecerá de modo natural... Não se preocupe. Apenas os, de fato, idealistas persistirão; nem a possibilidade de algum ganho financeiro com a mediunidade servirá de estímulo para os que não forem movidos pelo ideal... Publicarão uma ou outra obra e... desaparecerão de cena. Os Espíritos Inspiradores não se demoram ao lado de quem não abrace a causa da Doutrina

por amor ao Evangelho; a fonte jorra; porém, se quem dela se beneficia não cuidar da nascente, ela terminará por secar...

Mudando o curso das palavras, André Luiz considerou:

— Bem, amanhã vocês dois farão parte do nosso projeto de viagens interdimensionais; devo dizer-lhes que, por enquanto, as nossas excursões acontecem com maior facilidade sobre a Terra mesmo; as nossas naves espaciais, inclusive, tem sido confundidas com os OVNIS, objetos voadores não-identificados provenientes de outras esferas habitadas...

— Como assim? — interroguei.

- O fato explica, Inácio, o porquê de alguns verem e de outros não, os genericamente rotulados de OVNIS; na verdade, a maioria dos nossos irmãos encarnados, dotados de clarividência momentânea, percebem as nossas naves espaciais em excursões próximas àCrosta...

Retomando a explicação inicial, o conhecido Instrutor prosseguiu:

— A viagem será curta; um breve pouso, tempo suficiente para que observem o indispensável, e retorno imediato à base...

— Essas viagens interdimensionais têm sido constantes? — perguntei.

— Sim, porém ainda não dominamos perfeitamente a técnica, principalmente no que se refere às nossas próprias percepções; a luz intensa da Dimensão mais próxima, onde vocês estarão, bloqueia-nos a visão e nos sentimos enfraquecidos; muitos chegaram a desfalecer e tiveram que ser hospitalizados; a tendência da Luz maior é a de absorver a menor...

CAPÍTULO 33

A companhia de André Luiz era extremamente agradável e, enquanto efetuávamos, ciceroneados por ele, um pequeno tour por “Nosso Lar”, íamos conversando:

— Dr. Inácio — perguntou-me —, nunca esteve antes em nossa cidade?

— Não, André, a vontade sempre foi muita, mas confesso-lhe que nem em estado de desdobramento... De modo geral, as minhas atividades me prendiam o espírito ao Sanatório; mesmo quando saía do corpo, eu permanecia na região, sem conseguir ausentar-me da esfera das minhas preocupações imediatas...

E disse-lhe, envergonhado:

— Li o seu livro, que se converteu em best seller, uma única vez e não tive oportunidade de ler, detalhadamente, os demais que lhe constituem a famosa série; desculpe-me, mas, para ler, como a maioria dos espíritas, eu sempre fui um tanto preguiçoso... Odilon, sim, era um assíduo leitor, pois, sempre que eu o encontrava, estava de livro nas mãos e tinha o hábito de ler caminhando...

— Nós já o visitamos no Sanatório, em Uberaba, Doutor — revelou-me André com simplicidade —; por duas ou três vezes, na companhia do Dr. Bezerra, lá estivemos apreciando o seu trabalho... Quando a oportunidade nos ensejava, antes ou após as tarefas desenvolvidas na “Comunhão Espírita-Cristã”, passávamos por lá, conduzindo companheiros interessados no estudo da obsessão; aliás, visitávamos atividades semelhantes em toda a região do Triângulo Mineiro e de outros Estados; nem sempre podíamos ir juntos, mas nos dividíamos em diversas equipes, sob a coordenação do Dr. Bezerra de Menezes e Eurípedes Barsanulfo... Certa vez, participei de uma reunião dirigida por você com a médium Maria Modesto Cravo, e admirei o entrosamento de ambos no trabalho mediúnico; raros grupos, à época, conseguiam resultados tão satisfatórios...

— Bons tempos aqueles, André! — comentei, pesaroso.

- Os de hoje são melhores, Doutor — confortou-me o amigo, solicitando, com o olhar, a aprovação de Odilon.

- Desculpe-me perguntar — falei, aproveitando a chance —, mas você não sente certa saudade do trabalho que desenvolveu ao lado do nosso Chico, desde Pedro Leopoldo?... De anônimo seareiro na Vida Espiritual, você se tornou conhecido em todo o Brasil; inúmeras de suas obras foram traduzidas para outros idiomas e o seu pseudônimo se encontra inscrito na fachada de várias instituições espíritas...

Sem receio algum de mostrar-se emocionado, o interpelado respondeu-me:

— Estou me sentindo como quem houvesse desencarnado uma segunda vez, sem que sequer tivesse novamente reencarnado...

— Os nossos irmãos do mundo não acreditarão nestas palavras...

— Muitos nos consideram aquilo que não somos, ou seja, espíritos já completamente libertos de toda e qualquer emoção humana... Nós, os mortos, também sentimos saudades da Terra!... Os que fazíamos parte da equipe dirigida pelo venerável Emmanuel, em tarefa regular junto ao médium Xavier, estamos com várias reuniões programadas com o nosso Dr. Bezerra.

Careceremos de definir rumos e... cuidar da vida, que não cessa... Quanto a mim, digo-lhe que não esperava que a responsabilidade crescesse tanto, contudo,

conforme lhe disse, uma nova experiência no corpo me espera...
- E conseguirá, ao reencarnar, esquecer o que foi e o que representa para o Movimento Espírita?
— Odilon — retrucou sorrindo o Benfeitor—, o nosso Dr. Inácio vai fundo nas questões...
— Você ainda não viu nada! — comentou o confrade, deixando-me ruborizado.
— Desculpe-me o atrevimento, mas é o que eu, se ainda estivesse encarnado, gostaria de saber — expliquei-me.
— E com justa razão, Doutor; estou apenas admirando o seu modo transparente de colocar as coisas... Isto talvez seja uma virtude também rara por aqui, depois da morte. Mas, respondendo-lhe, digo-lhe que é preciso que eu esqueça, assim como não mais me lembro de que, um dia, fui Carlos Chagas, haverei de me esquecer de que sou André Luiz...
- Você não era Osvaldo Cruz?... — indaguei sem vacilar.
Não!...
- E por qual motivo não se identificou desde o início?
— A obra do médium Xavier não necessitava do meu nome para lhe conferir credibilidade e, depois, precisávamos evitar maiores problemas para a Doutrina...
— Está se referindo ao caso envolvendo a família do escritor Humberto de Campos?
— A ele e ao estardalhaço que a imprensa leiga haveria de promover; se o próprio Emmanuel constitui pseudônimo, porque eu não poderia ter feito o mesmo?... E Frederico Figner, porventura, não adotou o pseudônimo Irmão Jacó, em tributo à sua origem judaica?
Quando me preparava para continuar entrevistando a respeitável entidade, cuja importância do trabalho mediúnico de parceria com Chico permanece inédita para a maioria dos adeptos do Espiritismo, Odilon chamou-me a atenção para a belíssima paisagem à frente:
- Veja, Inácio, como é exuberante a Natureza em “Nosso Lar”!...
— Este é o famoso “Bosque das Águas” — esclareceu André Luiz. — Hoje, evidentemente, como quase tudo aqui em “Nosso Lar”, se modernizou. Apenas os casais de namorados que passeiam por ele, trocando juras de amor e traçando planos de futuro reencontro na Terra, não se alteraram em seus propósitos; aqui continua sendo o lugar preferido dos que pretendem um relacionamento afetivo mais espiritualizado...
O veículo, que era conduzido por André, obedecendo-lhe ao comando mental, pousou suavemente sobre a relva, próximo a uma cascata que jorrava entre pedras dispostas em formato de coração. Para mim, eram tantas as novidades e surpresas, que eu me esquecera de reparar naquele aérobus em miniatura que nos transportara, sobrevoando o espaço aéreo da cidade...
Notando o meu interesse ao examinar o veículo, o devotado irmão esclareceu:
- À época em que escrevi “Nosso Lar”, o aérocar ainda estava em fase de experimentos; ele é constituído de matéria sutilíssima, intermediária entre o vidro e o plástico, extremamente leve, porém ultra-resistente a impactos...
— A impactos? — indaguei, curioso.
- Sim, por vezes, o trânsito aéreo por aqui também fica complicado...

— Qual é o combustível que o faz movimentar-se?
— Energia solar, e o índice de poluição é zero...
— E o custo também?
É claro!...

Convidando-nos a caminhar nas proximidades, André nos informou que o “Bosque” havia se transformado no cartão postal da cidade.

- Outras colônias espirituais têm procurado copiar o nosso paisagismo, no entanto, certas espécies de árvores e de flores só se desenvolvem aqui: as sementes que elas produzem — ainda não se sabe por quê — não vingam em outras regiões. Neste sentido, diversas experiências já foram realizadas em vão; acredita-se que o magnetismo do solo lhes seja particularmente propício...

— Chove em “Nosso Lar”? — quis saber, inteirando-me dos detalhes possíveis.

- Como não! — respondeu André incisivo. —Em seu estado gasoso, que para nós é líquido, é que a água existe por aqui; não temos aquelas tempestades que provocam enchentes devastadoras, mas, na estação oportuna, cai uma espécie de garoa que, sendo chuva muito fina, fertiliza o solo, aumenta o volume dos riachos e dos rios, saneia a atmosfera... Não se esqueça, Dr. Inácio, de que “Nosso Lar” e uma colônia situada próxima à Crosta e muitos dos fenômenos atmosféricos que atingem o Planeta, de forma mais atenuada, passam igualmente por nós... Apenas acima, na região fronteiriça a Dimensões pertencentes a outros orbes planetários do Sistema, é que o clima muda as suas características...

CAPÍTULO 34

Pássaros de plumagem maravilhosa e canto mavioso, esvoaçavam perto, sem nenhum temor da nossa presença. Na mata que se estendia a perder de vista, não me parecia haver predominância de uma espécie animal sobre a outra; eu tinha a impressão de que tudo, inclusive o espaço, era eqüitativamente dividido, o que emprestava ao ambiente uma harmonia incomparável...
Não foi sem grande surpresa que notei num galho de árvore a presença de um ninho entretecido com ramos e flores.
- Trata-se de uma espécie de rouxinol que se aclimou no “Bosque” — explicou-me André.
- Mas eles estão chocando?...
— E por que não haveriam de fazê-lo, Doutor? Seria a Terra um mundo mais perfeito do que o nosso? Enganam-se os que pensam que nós sejamos assexuados... A vida sempre passa de uma Dimensão a outra; rodeia-nos uma Dimensão invisível... Respiraríamos o quê? Ou os homens nos acreditam igualmente desprovidos de pulmões?

— E nascem crianças por aqui?...

André Luiz e Odilon se entreolharam e o amigo que nos acolhia respondeu-me:
— É claro que sim, no entanto convém que o senhor não se aprofunde agora neste assunto, pois correrá o risco de invalidar toda a sua obra... A Reencarnação éconstituída de nuances que os homens não poderiam entender. Se a população espiritual é maior que toda a população mundial, de onde viriam esses espíritos? Matematicamente, é impossível que procedam da Terra... De outros mundos físicos? Alguns, porém, não todos. Esses espíritos, Doutor, são oriundos de Dimensões localizadas acima ou paralelamente à nossa... O vazio absoluto não existe e a Vida palpita em toda parte; as diferentes Dimensões se intercomunicam. E existem passagens entre elas, e emigrar de uma para outra implica modificação em nível de perispírito e de forma... A Reencarnação, na verdade, é uma escada que, quando desce, se materializa e, quando sobe, se sutiliza. Os homens não deixam o corpo em definitivo; mais cedo ou mais tarde, sentem-se atraídos para uma nova experiência física; os espíritos que galgam outras Dimensões, muitos deles ainda não se emanciparam de seus compromissos por aqui... Não nos prendamos à terminologia e procuremos entender o processo reencarnatório como sendo um sistema de renascimento. De uma esfera espiritual a outra, os caminhos são intermediários, pois na Natureza, nada acontece abruptamente. É só o que, por enquanto, Doutor, eu posso lhe adiantar. O sexo, além da morte, não é algo pecaminoso: é instrumento de sublimação.

Não teríamos tempo para percorrer todo o “Bosque”; escurecia e tínhamos necessidade de voltar. Ah, as noites estreladas em “Nosso Lar”!... As estrelas me pareciam imensas, e a Lua, em seus reflexos etéreos, era um gigantesco disco prateado que tudo emoldurava de luz. Eu estava vendo a face da Lua que nenhum mortal jamais vira da Terra! ... A Lua “morta” era infinitamente mais linda que a Lua “viva”; deste Outro Lado da Vida, os poetas, por ela apaixonados, deveriam se deslumbrar mais ainda! ... O luar de “Nosso Lar” é a paisagem mais bonita e

espiritualizada que eu já vi!... A noite, em “Nosso Lar”, é um dia mais belo que a mais bela manhã de domingo primaveril sobre a Terra!...
Confesso-lhes que fiz a viagem de volta em completo silencio. Subimos ao aérocar que, sob o impulso mental de André Luiz, se ergueu do solo como se fosse um helicóptero sem hélices e partiu; o seu chamado computador de bordo registrava o comprimento de onda do pensamento do condutor, que aprendia a identificar, e se programava para obedecer-lhe...
Naquela noite, eu quase não dormi, ansioso pelo dia seguinte. André recomendou-me que, pelo menos, tentasse relaxar, pois o êxito da nossa viagem à Próxima Dimensão também dependeria do nosso estado de espírito... Eu estava com a cabeça cheia e tive dificuldades para me acalmar. Por que será — refletia, de olhos fixos no teto do quarto — que André Luiz não fora mais explícito em suas revelações? Por que motivos não nos falara dos detalhes interessantes que me estava sendo dado observar?
Lendo os meus pensamentos, Odilon, que descansava na cama ao lado, respondeu-me:
— Inácio, o seu “Do Outro Lado do Espelho” tem causado estranheza entre muitos companheiros que não aceitam o que você tentou descrever... André escreveu “Nosso Lar” há quase 60 anos e, até hoje, ao que estamos sabendo, as suas informações têm sido contestadas; espíritas eminentes não lhe aceitam as descrições do Umbral... Vá com calma! O seu propósito é dos melhores, mas devemos esperar, no mínimo, talvez outros tantos para que o avanço da Ciência referende as revelações que desejamos transmitir aos nossos irmãos encarnados. De fato, faltam-nos terminologia adequada e possibilidade mediúnica: os médiuns dos quais nos temos valido temem a crítica e o ridículo, o que é natural. Coloquemo-nos no lugar deles. Durante séculos e séculos, a Igreja nos sugestionou e quantos não se mantêm vinculados à idéia de um Céu constituído de nuvens, Deus sentado num trono, Anjos tocando harpa e... nada mais...
- Infelizes padres!... — exclamei, quase profanando o ambiente em que nos encontrávamos.
— Atrasaram a Humanidade em mais de mil anos!...
— Diante de tudo quanto encontramos deste Outro Lado, Inácio — ponderou o companheiro, procurando me tranqüilizar —, daquilo que estamos constatando e do que sequer podemos sentir, é forçoso concluir que não podemos culpar o espírito, qualquer que seja ele, pelas distorções da Verdade... O orbe terrestre é um abençoado educandário, mas ainda extremamente primitivo; custará muito rompermos a resistência que os homens impõem à crença na imortalidade...
Os espíritos infelizes dominam os nossos irmãos encarnados que, em maioria, se rendem, inermes, às idéias materialistas que lhes são inoculadas; quando no corpo, assemelhamonos aos prisioneiros que Platão descreveu em “O Mito da Caverna”; estamos, quase que de modo permanente com a face voltada para o ângulo obscuro da Vida, tomando a ilusão pela realidade...
— Você tem razão, Odilon — concordei. — Não podemos mesmo inculpar a quem quer que seja; os que ousaram suspender uma ponta do véu que nos encobre a visão da Verdade foram sumariamente mortos... Nós mesmos, na condição de espíritas, temos sido muito tímidos e, como não podemos crucificar

os espíritos reveladores, ridicularizamos os médiuns que lhes servem de instrumentos, e tudo isto porque a luz projetada no escuro da ignorância humana não parte de nós... Reconheço que tenho criticado os padres em excesso, mais talvez por hábito do que propriamente por convicção; tenho que me corrigir neste sentido, como, aliás, em muitos outros...

O que fiquei sabendo hoje, em “Nosso Lar”, está me confundindo os pensamentos; o fato de um simples rouxinol poder entretecer o seu ninho e chocar os seus filhotes, depois da morte!... Não aceitar isto é, sem dúvida, fazer pouco da Inteligência de Deus...

- O Espiritismo, no final do milênio passado, deu importante passo para que o homem se integre com o Universo, mas ainda lhe falta muito; aqui, onde agora nos encontramos domiciliados, a Vida nos surpreende a cada instante e nada é impossível... Veja, estamos nos preparando para inusitada excursão, amanhã de manhã, à Dimensão mais próxima, e sei que você pretende narrar a experiência aos nossos irmãos da Terra o que, de minha parte, considero uma temeridade, todavia tanto você quanto o médium do qual se servirá dispõem de livre-arbítrio e suficiente discernimento para o que ambos desejam, porém é meu dever prevenir-los no que tange às reações contrárias que serão suscitadas...

Finalmente, vencido pela lassidão decorrente do meu estado de ansiedade, adormeci e, sinceramente, imaginando que aquilo tudo não passasse de um sonho, creio até que ronquei, com saudades do tempo em que as minhas preocupações eram infinitamente menores para o dia seguinte.

CAPÍTULO 35

Quando André Luiz apareceu para nos conduzir àEstação de Embarque, Odilon e eu já o aguardávamos, olhando, pela vidraça da janela, a intensa movimentação dos que acordavam cedo em “Nosso Lar”.

- Em quase tudo — pensava comigo — semelhante à vida em uma grande cidade... Quais serão, aqui, os objetivos das pessoas? Sim, porqüanto a morte não nos priva, de improviso, dos objetivos da pessoa comum... Para onde caminham? Quais as suas ocupações? O que pensam da vida que deixaram lá embaixo?...

Por incrível que parecesse, muitos daqueles com os quais eujá havia me relacionado não ligavam a mínima importância ao que se passava na Terra; não lhes interessava sequer a sorte dos próprios familiares...

- Para que me preocupar — perguntou-me um deles —, se fatalmente acabaremos por nos encontrar; a morte não existe — eis o essencial, o resto é conseqüência da Vida...

Observando toda aquela agitação na cidade que despertava, lembrei-me de um dos filmes de Flash Gordon que eu fora ver no cinema, há 65 anos, no qual uma ficção aperfeiçoada se tornara realidade; os carros planavam no ar e os prédios mais me pareciam torres iluminadas, com os elevadores correndo na sua parte exterior... Eu não percebia mendigos nas ruas, mas os transeuntes, alguns deles, evidenciavam problemas psicológicos, pois que caminhavam robotizados, ou seja, faltava-lhes algo de mais humano no semblante... Com sinceridade, se a população de “Nosso Lar” fosse toda daquele jeito, eu preferiria conviver somente com os homens na Terra...

As minhas reflexões foram interrompidas com a chegada de André, que nos cumprimentou com descontração.

- Como é, dormiram bem? Espero que não tenham estranhado as nossas acomodações — disse, fixando em mim os olhos claros e lúcidos. Enquanto estava a caminho, eu vinha acompanhando o pensamento do nosso Dr. Inácio... Durante um bom tempo, eu também achei tudo muito diferente por aqui; inclusive, o Umbral, onde estive durante uns oito anos, me parecia mais humano... Aos poucos, porém, me habituei e, hoje, quando devo ir à Terra, confesso-lhes que, para mim, os nossos irmãos encarnados ainda vivem de maneira primitiva; obra fantástica da evolução, o corpo físico me parece agora excessivamente animalizado, com todas as suas necessidades... Determinados órgãos que ainda continuam a existir em nosso perispírito, não têm função alguma além da morte — reativam-se tão-somente quando nos lançamos a uma nova experiência física... Mas não podemos nos atrasar: dentro de duas horas, o vôo de que ambos participarão à Próxima Dimensão terá o seu início. Conversaremos a caminho.

De certa forma, o silêncio de Odilon me incomodava e, então, eu lhe perguntei:

— Por que, Odilon, de hábito tão falante, você permanece em silêncio?

- Ora, Inácio — brincou o companheiro —, eu bem que tenho tentado dizer alguma coisa, mas você não me dá tempo!

Pela primeira vez, vi um espírito, considerado Mentor, dar uma gostosa gargalhada.

— Havia muito que eu não ria deste jeito — explicou-se André, descontraído. — Você precisa vir mais vezes por aqui, Doutor; o seu refinado senso de humor nos faz falta...

— Você quer dizer a minha turrice, não é?...

— O nosso Dr. Inácio — aparteou Odilon — é um dos espíritos mais autênticos que conheço...

— Agora, não me elogie, Odilon; depois da vergonha que você me passou, não me elogie...

Prosseguindo a sorrir de nossas brincadeiras, André Luiz nos falou:

— Vejam, a Plataforma de Lançamento; a nave espacial já está a postos...

- Eu imaginei que ela fosse maior — objetei.

— Doutor, em comparação com as nossas, as naves espaciais da NASA são foguetes arcaicos e obsoletos... Veja bem, não se trata de crítica, mas de simples constatação. A Astronáutica na Terra é uma ciência que tem avançado rapidamente, no entanto muito ainda lhe compete progredir; dentro de, aproximadamente, 20, 30 anos, se a Humanidade não mergulhar numa guerra de extermínio, as conquistas serão fantásticas...

O veículo que nos conduzia estacionou a certa distância e dirigimo-nos para um módulo que me parecia constituído de material semelhante ao vidro, tal a sua leveza e transparência. André, que tinha acesso a todos os setores da cidade, sem que se fizesse anunciar, menos no Palácio da Governadoria, foi nos guiando por um extenso corredor, que, automaticamente, ia lhe descerrando as portas, até nos levar à presença do Chefe da Estação.

- Olá — saudou-nos, assim que nos viu. — Espero que se sintam a vontade. André nos forneceu as suas credenciais e estamos muito felizes por recebê-los. Periodicamente, temos empreendido excursões de estudo e de reconhecimento à Dimensão Vizinha, que chamamos de DVI. Não se assustem com números e siglas; isto éapenas para facilitar. Vocês serão acompanhados por um estagiário que está se preparando para ser piloto e pelo comandante Nielsen. A nave em que embarcarão será aquela: “Capitão Nebo”...

Apertando um botão no colorido painel, uma ampla janela de duas folhas se abriu e pudemos ver a “Capitão Nebo” mais de perto, cujo comprimento não excede ao de um carro confortável; por ser semitransparente, podíamos vê-la por dentro, reparando no seu mecanismo simples...

— Os nossos cientistas — explicou-nos o Dr. Dawson — já conseguiram eliminar grande número de peças; as nossas naves são imantadas por um campo de força que não lhes permite fugir à rota traçada. É como se um ímã a mantivesse interligada à Plataforma de Lançamento e à Estação de destino... Isto facilita sobremodo, pois o risco de pane é menor.

— Pane?... — indaguei, perplexo.

- Sim, por que não? — respondeu o Dr. Dawson. No “Sistema”, só Deus está isento de pane, o senhor concorda?

— Deus e Jesus Cristo — respondi.

— Os que comungam com a Mente Divina são divinos e, portanto, dá na mesma...

Percebi que o Dr. Dawson era extremamente prático no raciocinar e não tinha escrúpulo de caráter teológico ou doutrinário.

Nielsen e seu pupilo, o Aspirante Yuri! ... — apresentou-nos o Dr. Dawson aos nossos dois companheiros de vôo, que, trajados a caráter, terminavam de entrar.

— Dentro de 30 minutos zarparemos, a nau já está devidamente preparada e convém que os nossos dois tripulantes se vistam adequadamente — esclareceu o simpático Nielsen, ao nos dar as boas-vindas.

Entrando numa pequena cabine, eu e Odilon nos despimos e envergamos uma espécie de macacão todo dourado, equipado com câmeras, microfones e fones de ouvidos.

— Para que todo este aparato? — perguntei a Yuri, que nos acompanhara.

- Para melhor nos comunicarmos entre nós — respondeu. — Na DVI, em algumas áreas, poderemos ficar completamente sem retorno...

— Sem retorno do quê? — insisti.

— Do pensamento... Na DVI, à semelhança do som que não se propaga em determinado meio ou, então, se propaga com maior lentidão, carecemos de recorrer a...

— Microfones e fones de ouvidos?... Positivo! ... O pensamento, que é constituído de

ondas eletromagnéticas, se perde sem eco e a comunicação se faz impossível...

— Isto é demais para a minha cabeça de psiquiatra — comentei, enquanto ajustava os echos da roupa que nos colocara no corpo espiritual.

— Sem dúvida, que é — respondeu o Aspirante, laconicamente.

CAPÍTULO 36

A nave espacial que nos conduziria à DVI era de forma esférica, à semelhança de um OVNI, e constituída de material extremamente leve; dentro dela, havia espaço apenas para quatro pessoas. Já o painel, com tantas teclas e botões coloridos, seria impossível de descrever, principalmente para mim que apenas presenciei o advento do computador — nunca entrei na cabine de um avião e, portanto, não tenho elementos de comparação para melhor descrevê-lo...

O Dr. Dawson, que nos acompanhara, despediu-se de mim e de Odilon, caçoando, antes que tomássemos lugar na "Capitão Nebo":

— Em caso de acidente, saibam que a morte não existe...

Nielsen e Yuri tomaram lugar à frente, enquanto eu e Odilon nos acomodávamos em poltronas anatômicas, que se nos ajustaram completamente. (Faço uma idéia de como haverão de estar espantados e incrédulos os leitores que tiverem ousado chegar até o presente trecho destas minhas despretensiosas anotações... Eu também ficaria! Advirto-lhes, porém, que estou tentando não causar-lhes tanta estranheza, sintetizando e omitindo detalhes que, talvez, os induzissem a maior espanto e incredulidade.)

Sinceramente, eu não saberia lhes dizer qual a natureza do material em que a "Capitão Nebo" se estrutura; Nielsen disse-me o nome, mas a palavra me soou aos ouvidos como um amontoado de consoantes sem significado.

Os vidros laterais se fecharam e, acionando pequena tecla amarela, a nave entrou em funcionamento silencioso e, rápido, começou a se elevar da plataforma, imitando o movimento de um helicóptero sem hélices.

— Viajaremos à velocidade da luz e, portanto, não nos será possível apreciar a paisagem; em alguns pontos, diminuiremos sensívelmente a aceleração e, então, vocês poderão perceber alguma coisa do Cosmos...

— A velocidade da luz, para alcançar algo que está tão próximo? — perguntei ao microfone acoplado à roupa especial.

— Tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante, Doutor — respondeu-me Nielsen. — Nada mais próximo, porém, nada tão distante quanto o Criador da criatura; nenhum continente é imaginariamente tão longínquo que do homem quanto o seu próprio mundo interior. A questão, Doutor, não é exatamente de distância...

— Que direção estamos tomando? — indaguei, tentando desviar a mente de preocupação.

Estamos subindo ou descendo, para a direita ou para a esquerda?

- Esta segunda pergunta é mais dificil do que a primeira; temos, evidentemente, uma rota, mas o seu sentido depende do ponto de referencia que estabelecemos... Digamos que estamos subindo e avançando...

Não sei precisar quanto tempo se passou — alguns poucos segundos, talvez — e Nielsen nos explicou:

— Estamos atravessando um espaço sem gravidade, ou, pelo menos, sem gravidade convencional: é uma espécie de fronteira magnética entre uma Dimensão e outra; não se preocupem: a nave se converte em um planador e segue sem alterar a rota; aproveitem para apreciar a paisagem...

— O que estamos vendo? — perguntei. — Algum planeta nosso conhecido na Terra ou alguma estrela que os astrônomos encarnados já tenham identificado?
- Nem uma coisa nem outra; são esferas espirituais, inacessáveis ao olho humano: é a parte positiva do Universo...

—A parte positiva do Universo?...
- Sim, Doutor, a negativa é a que se constitui de matéria densificada; a morte, figuradamente, é a Vida em seu aspecto positivo... Tudo se apóia e existe em função de um contraponto — Criador e criatura, Vida e morte, Bem e mal...

- Entramos em algum "buraco negro"?

- Sim, o que os homens tem chamado de Antiuniverso, ou Universo Paralelo...

- Que beleza extraordinária! — exclamei. Tenho a impressão de que estamos navegando no mar; a nossa nave espacial parece singrar determinadas ondas cósmicas!

Nielsen sorriu e concordou. Bolhas flutuando, de cores inimagináveis e formatos variados, pairavam no Espaço — de todos os tamanhos e consistências...

— Algumas dessas "bolhas", Doutor, são habitadas.. Habitadas? Por quem?
- Por seres inteligentes...
- Humanos?

Ante a ingenuidade da minha pergunta, nem Odilon conseguiu deixar de sorrir, complacente.

— Doutor — falou-me o Comandante —, a forma humana é uma das mais primitivas expressões de vida inteligente...
- Eu sempre me achei feio, mas nem tanto — procurei descontrair.

Estrelas minúsculas pareciam brincar no firmamento sem gravidade e alguns "corpúsculos" pareciam se aproximar da nave, auscultando-nos a intenção.
— O que são? — argüi, observando aqueles "pontos" que se destacavam dos demais, movimentando-se com racionalidade.

- São os seres que habitam as bolhas flutuantes...

— Espíritos?
— Sim...
— Sublimados?...
— Não... A sua evolução se vincula ao sistema de Vida da Próxima Dimensão; nunca estiveram na Terra e, provavelmente, nunca estarão...
— Fica difícil compreender — afirmei, com idéias que se me confundiam na cabeça.
- Não tente, Doutor, não tente — aconselhou-me Nielsen.
- Esses seres reencarnam? — insisti.
- Digamos que tomarão corpo na Dimensão Vizinha — corpo e forma...
— São bons ou são maus?
- Melhores, Doutor, bem melhores do que os espíritos sem forma que nos rodeiam, ou seja, que rodeiam os homens encarnados...

— Está se referindo aos chamados corpos ovóides? Não somente a eles, mas também aos elementais, aos espíritos disformes, amorfos, aos que se encontram em estado de transição...

— Eu nunca soube deles, os em estado de transição...

— Mas eles existem... Se somente o que somos capazes de conceber existisse, a Vida seria infinitamente pobre!

De repente, a “Capitão Nebo” sofreu mais acentuada aceleração e Yuri explicou:

- Estamos deixando o “cinturão sem gravidade”... Pousaremos na DVI em poucos instantes — avisou-nos Nielsen. Deixaremos a nave e não nos demoraremos mais do que o suficiente para alguns registros de estudo; os nossos irmãos estão avisados da nossa visita, mas aqui nos sentiremos como o peixe que, fora do habitat natural, não consegue respirar por muito tempo; o nosso corpo espiritual não se adapta: o ar que aqui se respira, não serve para os nossos pulmões...

Não adianta ao homem querer ser anjo, antes de sê-lo...

A “Capitão Nebo” iniciou a sua aterrissagem em DVI e, quando tudo se aquietou, as duas portas laterais abriram-se sem qualquer ruído. Nielsen e Yuri desceram primeiro e, ambos, com a destra erguida saudaram:

— O povo espiritual da Terra vem em missão de paz!...

A luz se intensificou lá fora e o Comandante consentiu que eu e Odilon descêssemos sobre a improvisada plataforma de pouso.

Infelizmente, eu não tenho como descrever o que vi e o que senti. Cinco “seres de luz” se aproximaram de nós e um deles, se destacando, começou a tomar forma humana, semelhante à nossa.

— Eles podem se transfigurar com facilidade — disse-nos Nielsen —; está copiando a nossa forma com o propósito de deixar-nos mais à vontade...

- Sejam bem-vindos, em nome do Divino Senhor da Luz — cumprimentou-nos.

- A Quem ele está se referindo? — perguntei a Yuri, que permanecera ao meu lado.

- A Jesus Cristo!...

- Quem são os dois novos amigos? — indagou se referindo a mim e a Odilon. É a primeira vez que estão vindo com vocês? Não me recordo deles...

CAPÍTULO 37

Nielsen respondeu:

— Trata-se de dois companheiros vinculados àTerra; um deles é recém-chegado entre nós e ambos foram convidados pelo Dr. Dawson...

— Residem em “Nosso Lar”? — perguntou, dando-me, no entanto, a impressão de que conhecia praticamente tudo sobre mim e Odilon.

— Não; residem noutra Colônia, localizada nas imediações em que vem sendo desenvolvido importante trabalho de espiritualização no Brasil. Foram contemporâneos do médium Xavier, aquele que se fez instrumento das revelações de André Luiz, que também já esteve aqui conosco...

- Soubemos de Xavier — afirmou a entidade sem nome, prosseguindo: — O trabalho dele possibilitará, no futuro, passos mais importantes e decisivos para que a Humanidade empreenda...

Ao deixar o corpo que, um dia, ocupamos de forma semelhante em outros orbes, ele se elevou acima da Dimensão que habitamos... Presenciamos o cortejo iluminado que o conduziu.

Eu estava estupefato e, sinceramente, não sabia em que atentar, se no diálogo que a entidade transfigurada mantinha com o Comandante da expedição ou nas edificações que podia divisar nas proximidades; a cidade deles, se é que posso chamar o que via de cidade, era toda de vidro ou de material semelhante; as edificações eram lindas e praticamente flutuavam, de tão leves e translúcidas; davam-me a idéia de casas em formato de redoma, algumas maiores, outras menores, impossíveis de descrever em seus traços arquitetônicos, pois não havia uma sequer absolutamente igual a outra...

- Os senhores desejam formular alguma pergunta? — falou Nielsen, dirigindo-se a nós.

— Não se esqueçam de que o nosso tempo de permanência é curto...

Digo-lhes que, por mais me esforçasse naquele instante, não consegui coordenar o raciocínio; eram tantos os questionamentos, porém como me expressar, se eu não conseguia sequer me movimentar?... Pela primeira vez, tive medo — medo de que o meu cérebro estourasse... Eu queria saber, sim, mas por onde começar? Tive vergonha e me senti um verme, diante daquela entidade que irradiava amor, o mais puro sentimento de amor que eu jamais sentira. Comecei a me considerar indigno de pisar aquele chão...

Percebendo-me a angústia, o ser de luz se me dirigiu com extrema bondade:

— Somos irmãos: não se recrimine... Onde quer que estejamos, estamos na Casa de Deus! Não se aflija intelectualmente; procure tão-somente guardar estes instantes no coração... A Verdade transcende o domínio das palavras; é impossível conhecê-la em sua essência, se não aprendemos a senti-la... Você não conseguirá traduzir esta experiência com a terminologia ao seu alcance; doravante, apenas quem conseguir fitar os seus olhos saberá o que pretende dizer a respeito... Os Discípulos do Cristo, denominados Evangelistas, por causa de semelhante fenômeno, só depois de muitos anos é que conseguiram transportar algo do que ouviram e presenciaram para o papel... Acalme-se, Inácio Ferreira! — disse-me a entidade, envolvendo-me em vibrações de paz que percorreram todo o

meu corpo e se me centralizaram no coração.
O ar, que começara a me faltar, insuflou-me os pulmões, uma sensação de extrema leveza me possuiu e lágrimas discretas me deslizaram no rosto...
- Lágrimas!... — exclamou a entidade, aproximando-se e tocando-me as faces com o que suponho ser a ponta dos dedos. — Há quanto tempo eu não as via!... Por aqui, exprimimos de forma diferente as nossas emoções...
Naquele instante, diminuta pétala resplandecente se destacou dos lábios da entidade e procurou a palma da minha mão, como se me ofertasse um ósculo de amizade eterna e, em seguida, dirigiu-se a Odilon, que a recebeu de cabeça inclinada, como quem não se julgasse merecedor de tamanha deferência.

Enquanto nos entendíamos, diversas outras entidades se aproximaram... Quem seriam?
Como se chamavam? Eram todas adultas? De que se ocupavam?...

— Inácio Ferreira! — repetiu o interlocutor, captando o teor dos meus pensamentos, que, agora, haviam se asserenado, embora eu continuasse me sentindo incapacitado de pronunciar qualquer palavra. — O caminho para o Mais Alto começa sobre a Terra... Por enquanto, lhe será inútil tentar compreender como vivemos; em nós, nada mais resta senão resquícios do corpo espiritual, passível de transcender a si mesmo... Não, ainda não nos despojamos totalmente das imperfeições e ansiamos por viver na Dimensão onde a única forma que prevalece é a do chamado corpo mental... Mais acima, figuradamente alguns anos-luz de onde nos situamos, fica o Mundo das Essências.
— Que contraste com a nossa humilhante condição humana! — pensei.
— Abençoada condição humana, meu irmão, você deveria dizer... Quem vê a semente de trigo atirada ao monturo não imagina que ela se transformará em pão; quem anota singelo filete d'água correndo entre as pedras, ignora que ele seja o berço do rio caudaloso que corre na direção do mar... Não se permitam desalentar. A ascensão é penosa mas repleta de surpresas maravilhosas... Mesmo tendo que retomar o corpo de carne repetidas vezes, não se esqueça de que, onde estiveres, estarás a serviço do Senhor. Nada mais magnífico do que a possibilidade de o Espírito plasmar a si mesmo!...

Ante o Comandante, que consultara o cronômetro, a entidade prosseguiu, solícita:

— Conflitos por aqui? Sim, ainda os temos mas não oriundos de interesses pessoais; as opiniões desencontradas em nossa Dimensão surgem da necessidade de melhor compreendermos a Verdade: aqui, a Religião é a nossa Ciência, e vice-versa... Ainda não somos detentores de todas as respostas; divergimos na interpretação, mas não dissentimos na aplicação... Não temos guerras e os nossos sistemas religiosos se unificaram; temos um único templo de Fé, onde todos se dirigem ao Autor da Vida de acordo com os seus sentimentos...
— Vocês podem viajar à Terra? — quis saber, aproveitando a oportunidade que talvez me fosse única.
— Sim, raramente, no entanto a visitamos com freqüência...

E, virando-se para Odilon, acrescentou:
— Nas Dimensões que nos antecedem, temos os nossos médiuns; a mediunidade é a faculdade espiritual que funciona como traço de união entre todos os seres e todas as coisas, integrando-nos em Deus e na Vida!... Ela é o nosso elemento de

transição, em nível psíquico; é, por assim dizer, o nosso primitivo instrumento de comunicação... Graças à mediunidade, do Criador à forma mais rudimentar de vida, tudo se encontra interligado!

— Precisamos partir — comunicou Nielsen a Yuri.

— Não poderíamos — indaguei — caminhar um pouco?...

— Não nos convém, Doutor — respondeu-me o Comandante.

— Porque motivo?

— Correríamos o risco de não conseguirmos voltar...

— Talvez, de fato, fosse melhor ficarmos por aqui...

— Não nos adaptaríamos; se não ensandecêssemos, haveríamos de pedir que se nos aplicasse algo para nos induzir ao esquecimento — esclareceu Nielsen, com propriedade.

— Eu sei — redargüi —; embora tudo que vejo e tudo que sinto, isto não deixa de ser estranho para mim... Prefiro a minha cama, o meu pijama e, se ainda pudesse, o meu cigarro... Ah, como eu tenho necessidade de me sentir humano!

A entidade, “ouvindo-me”, sorriu e comentou:

— Inácio Ferreira, você compreendeu!...

— Por quê você insiste em me tratar pelo nome? —indaguei, intrigado.

— Uma ponta de saudade de ser humano — disse-me, continuando a sorrir —; mesmo para nós, ainda não é fácil perder as especificações...

Yuri, que nos antecipara no reembarque, já acionara a “Capitão Nebo”.

CAPÍTULO 38

Antes de partir, procurei comigo algo que pudesse deixar com a entidade à qual eu me afeiçoara; tateei o macacão, que não tinha bolsos e, em vão, olhei à minha volta...
Percebendo-me a intenção, a entidade, vindo em meu socorro, falou-me com ternura:
- Não se preocupe, mas se é este o seu desejo, pense e bastar-lhe-á pensar para que o objeto de seu desejo tome forma; eu o auxiliarei a materializá-lo...
O que, porém, deixar-lhe como lembrança minha? Naquele instante, não sei por que, veio-me à mente uma caixa de lenços, com as minhas iniciais com que a minha mãe me presenteara um dia... E, bastou-me pensar naquele lenço azul, o meu preferido, que a minha mãe brigava comigo para poder lavar, e, no mesmo instante, como se tivesse saído do bolso do meu jaleco, o lenço com as minhas iniciais bordadas em prata estava em minhas mãos... Espantado, estendi-o a ele, que, de volta, me ofereceu uma pétala fosforescente, à semelhança daquelas com que os espíritos amigos nos presenteiam nas sessões de materialização...

Adentramos a nave e tomamos assento. A porta se fechou lentamente e aquele ser de luz, que havia se transfigurado para receber-nos, retomou a sua antiga forma:
uma esfera pulsante, iluminada, capaz de pensar, de sentir e de extraordinária força mental.

— O que você me diz, Odilon? — provoquei, na esperança de que o amigo me falasse que aquilo tudo não passava de um sonho.
- Inácio Ferreira! — respondeu-me, descontraído. Você me desculpe, mas não sinto a menor vontade de conversar...
— Não?...
— Não!... Melhor que eu pense na turma do Liceu...
— E eu, nos meus doidos... Desculpem-me! — solicitei a Nielsen e a Yuri, que me olharam sem entender.

Varando uma daquelas bolhas gigantes, pela qual havíamos entrado, atravessamos a fronteira e pude ver o Sol...
— Graças a Deus! — exclamei. — De volta para casa!... Estou ansioso para voltar e ver os meus doentes. Não me levem à mal — disse, dirigindo-me ao Comandante e ao seu Imediato —, no entanto eu também daria tudo por uma xícara de café quente... Café quente, Inácio?

— Sim, Odilon — expliquei —, café quente... Estou me lembrando de uma reportagem que li, certa vez, com o nosso Chico Xavier: ele descreveu que Emmanuel o levara, em estado de desdobramento, para tentar compreender a posição de Jesus Cristo dentro do Sistema Solar; acompanhado do Benfeitor, o médium começou a subir, deixando astros e estrelas para trás... De repente, sentindo-se perdido no Infinito, solicitou que Emmanuel o reintegrasse, às pressas, no corpo de carne, pois ele preferia acordar e tomar um café quente...

Um tanto exaltado, conclui:

— A minha sanidade são os meus pacientes Odilon... Deus meu, estivemos participando de uma película cinematográfica em terceira dimensão; a quilo não

existe... Estou doido para caminhar com os meus pés!...

— Não existe, Inácio? E esta pétala fosforescente em sua mão?

De fato, eu havia me esquecido; o presente da fraterna entidade que, hoje, girando como relíquia dentro de pequena redoma, ainda brilhava na minha destra cerrada.

— Não se preocupe, Doutor — falou-me Nielsen — são comuns a passageiros esses estados de alteração em "marinheiro de primeira viagem"...

Quando a nave, finalmente, pousou, o Dr. Dawson e André Luiz vieram ao nosso encontro.

Eu estava me sentindo extremamente cansado e necessitei ser amparado por Odilon.

- Quantos minutos? — perguntou Nielsen ao Dr. Dawson.

— Pela cronologia terrestre, duas horas exatas... Pela nossa, em "Nosso Lar", foram vinte minutos — informou Yuri.

— Então, pela cronologia de DVI, dois minutos —comentou o Dr. Dawson com André Luiz. — Excelente marca; a continuar assim, dentro de mais alguns anos de pesquisas, quem sabe conseguiremos dobrar ou triplicar o nosso tempo de permanência...

— Dr. Inácio, como é que o senhor está se sentindo?

Mal terminei de ouvir a pergunta que André me dirigia e desabei, para acordar, tempo depois (não me perguntem quando...), recebendo oxigênio puro em confortável cama hospitalar.

Não fora a viagem em si que me afetara o equilíbrio do corpo espiritual, igualmente sujeito a um sem-número de variações; o que me abatera fora o inusitado da experiência, o imaginável tornado real, a minha falta de cabeça para organizar aquilo tudo dentro de mim...

Por um bom tempo, eu demoraria a me recuperar. Sendo examinado por André Luiz, o médico amigo me aconselhou:

— Quanto mais depressa você voltar às atividades do hospital que dirige, mais prontamente se restabelecerá.

Assim sendo, quando pude caminhar, sem experimentar aquelas vertigens e aquele abafamento, o Dr. Dawson providenciou para que um aérocar nos reconduzisse à Colônia que habitamos. Que beleza —confesso-lhes —, tomar "o caminho da roça"! ... E, enquanto regressava, meditava comigo: não dá para subir mais... É daqui para a Terra de novo! ... Não tenho cérebro para viver e respirar fora do meu ambiente... E pensei: "Meu Deus, o que Jesus Cristo não terá passado para viver entre os homens, há dois mil anos!... Como éque Ele pôde se adaptar aqui?..."

Agradeci ao estimado Odilon pela companhia e pelos dias em que ele se manteve preocupado comigo.

- Você já se habituou a estes nossos problemas existenciais, não é, Odilon? — indaguei ao companheiro.

Como é que você consegue não se deixar afetar pelas coisas do Mundo Espiritual e mantém a serenidade?...

— Inácio — esclareceu-me —, no começo, eu também me sentia assim como você, mas depois... Precisamos pensar nos nossos irmãos que, no mundo, vivem quase em completa inconsciência; sugestionaram-se tanto a ser lagartos, que

vivem se arrastando, esquecidos de que podem, por seu esforço, apressar o fenômeno da própria transfiguração. Temos tanto a fazer, que, sinceramente, eu não me preocupo com outra coisa que não seja cumprir, o mais fielmente possível, com o dever de cada dia; o resto é conseqüência, Inácio... Foi bom termos participado da excursão que o nosso estimado André Luiz nos ensej ou, no entanto não nos convém sonhar muito, sob pena de olvidarmos a realidade em que vivemos. O pássaro, no ninho, não se apercebe de quando as asas lhe crescem e, se pudesse falar, com certeza não saberia explicar que tipo de força que o impulsionou para o primeiro vôo... Trabalhemos, cuidando das menores obrigações que nos dizem respeito, aprendendo a extrair de cada uma delas o seu conteúdo de alegria. No momento assinalado pelas Leis Divinas, que presidem todo o processo evolutivo no Universo, ascenderemos. Como poderíamos, simplesmente distanciar-nos daqueles que ainda ignoram, por completo, o pouco que já sabemos?...

- E o nosso Chico Xavier, Odilon? O que diz a respeito? Pelo que a entidade de DVI nos revelou, o seu espírito foi conduzido a Páramos Superiores... Será justo esperar que ele retorne ou jamais voltará a palmilhar os caminhos que percorreu?

— De forma alguma, Inácio! — respondeu o Instrutor, incisivo. — O nosso Chico, como acontece a tantos outros espíritos que já se redimiram, não nos esquecerá; assim que puder, teremos notícias suas, seja na Terra ou no Plano Espiritual, continuando a atuar pela causa do Evangelho Redivivo... O lavrador que semeia a gleba não lhe volta as costas, sob pena de comprometer o resultado da semeadura. De inúmeras maneiras, o nosso Chico prosseguirá cooperando com os irmãos de ideal bem intencionados e o seu espírito se estenderá sobre eles, inspirando-os e encorajando-os na luta que está longe de terminar...

CAPÍTULO 39

Assim que me viu restabelecido, as visitas de Odilon ao Hospital escassearam; as suas atividades no Liceu o impediam de estar se ausentando com tanta freqüencia, pois, afinal, o seu trabalho na preparação de novos medianeiros para a Terra era de suma importância... Precisávamos, sim, continuar lutando para que a crença na imortalidade da alma prevalecesse sobre o Materialismo e para que a Religião se libertasse de tantos dogmas que terminam por invalidá-la, porqüanto impedem que o homem se volte para o cultivo de si mesmo.

Entre mim e Odilon, a amizade que tivera início no mundo se fortalecera na Vida Espiritual e fazíamos parte de diminuto grupo de companheiros dispostos a servir à Causa do Evangelho, sob a orientação do venerável Irmão José; embora atuando em campos diferentes, estávamos e estamos sempre em contato — eu, Odilon, Paulino Garcia, Manoel Roberto, Formiga, Maria Modesto, Alexandre de Jesus, Ademar, Luiz e tantos outros que se afinizam com o nosso modo de ser.

Retomando às minhas tarefas habituais, no diálogo constante com os enfermos sob a minha responsabilidade, assim que me recuperei, o primeiro que quis ver foi Nélio, o paciente de que lhes falara anteriormente.

- Dr. Inácio — disse-me —, o que houve? Ouvi dizer que o senhor andou doente?...

— Os médicos também têm o direito de adoecer —respondi, acomodando-me numa poltrona instalada em seu quarto.

— O que o senhor teve? Comenta-se que teria voltado muito abatido de uma viagem...

Algum desgaste emocional?

— Mais ou menos, Nélio...

— Mas o senhor?...

- Por que não eu?... Todos somos suscetíveis de sofrer determinadas crises, embora, no meu caso, não tenha passado de simples mal-estar...

— Decorrente de quê?...

— Pelo que estou percebendo, invertemos os papéis, não é? Eu sou o paciente e você o médico...

— Desculpe-me, Doutor...

— Estou brincando, Nélio. A nossa conversa está fazendo bem... E você, como tem passado? Melhorou?...

— Um pouco mais tranqüilo, mas ainda não tenho controle sobre os meus pensamentos; por vezes, sinto-me como se uma máscara se me estivesse afívelada ao rosto... Desvios da mediunidade, não é, Doutor? Será que não existe um remédio para mim?...

- Os nossos cientistas continuam pesquisando e épossível que, dentro em breve, a esquizofrenia e suas manifestações estejam sob controle, mas, por enquanto, o seu tratamento mais eficaz se resume na conquista do autodomínio...

- Como, no entanto, conseguirmos ser fortes no ponto em que somos mais fracos?

- Fortalecendo a vontade, através do trabalho... Os doentes mentais que recusam a terapia ocupacional recusam o medicamento de ação mais eficiente.

Pausando por alguns instantes, prossegui, recordando-me da experiência que mal acabara de vivenciar:

— Nélio, meu irmão, se nós soubéssemos ou conhecêssemos melhor a grandeza da Vida, não estacionaríamos ao lado de dores tão insignificantes. De repente, o seu universo passa a ser o sofrimento... Limitadíssimo! Infelizmente, a imensa maioria demora na periferia de si mesma, embaraçando-se nos efeitos da causa da própria ignorância... Urge que nos superemos, que esqueçamos a dor e que procuremos servir, não importa em que condição. Todo desequilíbrio, em essência, é falta de sintonia com as Leis que nos governam; quando nos adequarmos à Vontade de Deus, nada se conflitará conosco... O remédio é um agente externo, expediente imaginário curando doenças imaginárias. Pesquisando-o, o homem aprimora a inteligência, mas, na verdade, não existe nenhum processo de cura sem base na autocura... Se não nos decidirmos a nos curar, os outros pouco poderão fazer.

Desde que Nélio se recolhera ao Hospital, era a primeira vez que ele conseguia me ouvir sem tremedeiras e repuxões psicóticos...

- Estamos em plena Espiritualidade — prossegui —deixamos o corpo de carne e as nossas experiências para trás, porém, em essência, o que se modificou para nós? Absolutamente nada. A nossa condição mental ainda é a mesma, e se o homem não muda o teor de seus pensamentos, a vida não se renova. Tudo, Nélio, mas tudo mesmo — ilusões, vaidades, ódios, rancores, prazeres, personalismos tolos —, vai ficando à margem do caminho... Se erramos, estejamos dispostos à indispensável retificação. É simples. Porque nos rebelamos, éque complicamos a própria situação.

Se fizéssemos idéia do que nos aguarda no porvir, não perderíamos tempo com tantas mazelas e questiúnculas de ordem moral; tudo isto é muito pequeno... O pior criminoso será santo, um dia. Nenhum ser que tenha saído das mãos de Deus se perderá nos caminhos da evolução.

— O senhor nunca conversara comigo assim, Doutor... Parece-me que o estar doente lhe fez bem — comentou Nélio, perspicaz.

— Se eu nunca lhe dirigi a palavra nestes termos, você também nunca me escutou tão atento... A semente e a terra se complementam, concorda? Se até o nosso extinto organismo fisico carecia de uma certa predisposição para que o medicamento químico nele atuasse com eficácia, o que diremos dos recursos terapêuticos direcionados ao espírito? Você está mais receptivo...

— Estou cansado, Doutor, de ficar trancado aqui e nada resolver... Aceitando a reencarnação; seja como for, estou sentindo que novamente no corpo as minhas chances serão maiores... Mesmo que renasça com alguma deformidade, os deficientes, antes marginalizados, hoje vêm sendo alvo de atenção redobrada e de assistência que, cada vez mais, se especializa.

- E depois, meu filho, por mais longa, o que representa uma existência fisica perante a Eternidade? O que é o corpo perecível, ante a luz da Vida Imortal? Se não desenvolvemos as faculdades do espírito, como desfrutar do que foi criado para o espírito? De que nos adianta nos sentirmos vivos no Além, se continuamos presos às conseqüências de uma vida desregrada? Para o pássaro que não pode

voar, as asas não lhe passarão de inúteis apêndices...
Sem dúvida, o pouco — muito pouco — que eu vira na Dimensão Vizinha me tornara mais sensível; não sei por quanto tempo aquele estado de espírito haveria de perdurar comigo, mas o certo é que as minhas concepções haviam se ampliado... Nada afeito, desde quando encarnado, às teorias científicas, agora é que elas necessitavam de significado para mim. De fato, o essencial éo Amor! O Amor é o Conhecimento que se antecipa em quem a ele ainda não teve acesso... Só o Amor sabe o caminho para o coração!

Notando que Nélio necessitava de repousar, despedi-me e voltei para o meu gabinete, onde Manoel Roberto me esperava com alguns problemas a serem resolvidos na Instituição.

— Doutor — veio o companheiro na minha direção, com as mãos, como de praxe, repletas de papéis —, precisamos eqüacionar...

- Dê-me aqui, Manoel, essa papelada — solicitei, sabendo de antemão o destino que lhe daria.

— São reivindicações dos servidores; pedidos de alta hospitalar redigidos por alguns internos; bilhetes de médiuns se explicando; projetos de ampliação no setor de enfermagem, em que não está cabendo mais ninguém...

Puxando com o pé um cesto de lixo para mais perto da mesa — ou, vocês imaginam que cesto de lixo seja somente um privilégio de quem vive na Terra? —, embolei aquela papelada toda, que custou caber no referido porta-resíduos, e sentenciei:

— Avise ao pessoal que o velho Inácio Ferreira está de volta, mas agora muito mais prático na solução dos chamados problemas crônicos... Auxiliares e internos, reúna todos os que puderem andar no Grande Auditório, que amanhã cedo vamos ter uma conversa!...

CAPÍTULO 40

- Meus irmãos — comecei —, estou sabendo de suas reivindicações e não vamos discutir se são justas ou não... A verdade é que todos nos habituamos a clamar pelos nossos direitos e, mesmo depois da morte do corpo, olvidamos os deveres que nos reclamam. Precisamos acordar para as nossas responsabilidades... Até quando haveremos de imitar os adolescentes, que exigem de seus tutores o que devem conquistar à custa do próprio esforço, recusando-se a crescer? Quem é que aqui, neste hospital, nos paga as despesas? Quem é que nos garante o tratamento, já que nos complicamos na experiência terrestre que vimos de deixar? Onde estão os nossos familiares que deveriam, pelo menos, vir nos prestar solidariedade, porém nos ignoram? Todos, sem exceção, encontramos esta casa pronta, de portas abertas para nos acolher em nossas desventuras... Há quanto tempo aqui estamos, e aqui permaneceremos, sem nos preocupar com a origem de tudo o que, graciosamente, nos tem sido concedido? Cama asseada, quartos limpos, roupas convenientes, alimentação adequada... Onde é que estaríamos, se a misericórdia do Senhor não nos amparasse nos umbrais da desencarnação? Todos os que vivemos debaixo deste teto, fracassamos em nossos compromissos; sequer atendemos pela metade as obrigações espirituais que nos diziam respeito...

Abraçamos determinados votos religiosos e tentamos ludibriar a consciência; por este motivo, não pudemos ascender às Regiões Superiores e ainda foi a Complacência Divina que nos resgatou das Trevas, onde seria o nosso justo lugar... Não continuemos a nos enganar, inculpando os outros pelos nossos equívocos. Devemos a nós próprios as nossas desditas e, caso não tomemos providências, reincidiremos, quando nos seja facultada a bênção de um novo renascimento...

Digo-lhes, com sinceridade, se eu não sabia se estava excedendo em minhas palavras, pois até mesmo Manoel Roberto me observava um tanto espantado, temeroso, talvez, do que ainda estivesse por vir, mas sentindo uma necessidade enorme de falar continuei:

— Porventura, já lhes passou pela cabeça que aqui, neste hospital, não temos nenhuma espécie de convênio médico? A quem mandar a conta no final do mês? A vida que encontramos além-túmulo não nos libertou de certas convenções. O espírito não se sustenta de ar e não vive por mágica, como imaginam aqueles que esperam morrer, na vã esperança de cruzar os braços em definitivo... A decepção que os espera é semelhante àque temos experimentado, em confronto com a realidade íntima. A gleba não responde sem o suor do trabalhador e a semente cultivada não foge à sua espécie, ou seja: impossível que dojoio nasça o trigo!... Se pretendemos melhorar, carecemos de promover a melhora que desejamos. O Senhor nos concede os recursos, mas a iniciativa nos pertence. Há quanto tempo instamos com os nossos irmãos e com as nossas irmãs que conosco aqui se encontram albergados, no sentido de que cooperem mais decididamente em sua recuperação? Excetuando-se os doentes mais graves, que sequer puderam vir ao Grande Auditório e participar desta reunião e que, certamente, serão conduzidos em estado de semilucidez à reencarnação, todos vocês, ou melhor, todos nós

temos sido relapsos... Quase ninguém nos atende à recomendação de participar, sendo úteis de alguma forma, de seu processo de restabelecimento.
De espírito ocioso, como haveremos de adquirir novos hábitos, gerando um automatismo de caráter positivo que nos beneficie? O escultor não imprime forma ao mármore do dia para a noite, porém não descansa o cinzel e o malho, até que veja a obra consumada. Vamos, pois, a partir de hoje, diminuir as nossas queixas e refletir que aqui estamos amparados pela caridade daqueles que, em nome de Jesus, ergueram estas paredes... Repito, de onde nos chega o pão de cada dia? Os nossos irmãos encarnados nos supõem isentos de todas as necessidades... Melhor, sem dúvida, que fosse assim!... As nossas carências materiais apenas se eterizaram, não desapareceram; se queremos restringi-las ao máximo, precisamos ousar passos além...

Neste momento, sem conseguir esquecer a experiência que vivenciara na companhia de Odilon, na excursão que nos fora ensejada à Próxima Dimensão, consenti que lágrimas me assomassem aos olhos de maneira discreta.
— De hoje em diante — prossegui com a voz embargada — neste Hospital consagrado aos médiuns enfermos, os que puderem, pelo menos, empunhar uma vassoura haverão de trabalhar!...
O que reivindicamos, servindo, não nos é negado — isto é da Lei! A Graça Divina que nos alcança vem em complemento ao esforço que despendemos. Todo doente psiquiátrico — e nós somos qualquer um deles — não carece tanto de remédio quanto carece de melhorar a auto-estima. O desequilíbrio, que apenas varia de intensidade em sua forma de manifestar-se, recebendo os mais diversos rótulos da Medicina psicossomática, é uma auto-punição, uma espécie de acomodação íntima das camadas da personalidade convulsionada... Se o medicamento específico age no quimismo cerebral, não logra modificar o espírito, que só Deus pode tocar. Portanto, doravante, providenciaremos atividades para todos, que deveremos retribuir à Caridade o que dela temos recebido; faremos jus ao que aqui tem sido gasto conosco, sem que quase nunca cogitemos da procedência das bênçãos com que somos aquinhoados.
Com uma piscadela de olho para Manoel Roberto, que se sentia mais aliviado com o meu pronunciamento, encerrei:
— A papelada com as reivindicações de vocês já foi devidamente encaminhada a departamento superior e, enquanto esperamos que seja deferida, vamos arregaçar as mangas...
Amanhã mesmo, chegará ao hospital um carregamento de vassouras, rodos e esfregões; fica decretado, por aqui, o fim da ociosidade e a rezaria do~ que insistem que as palavras devem substituir o esforço... Os servidores que não estiverem satisfeitos, podem solicitar transferência; ouvi dizer que existem muitas vagas nas regiões umbralinas e as equipes de resgate que operam na superficie da Crosta e em seu interior estão precisando de voluntários... Tenho dito!...
Quando terminei a breve alocução, poder-se-ia escutar, se houvesse algumas delas por ali, uma mosca voar no ambiente. A maioria, sentindo-se valorizada, estava feliz, mas um colaborador mais ativista, perguntou-me, à saída:

Dr. Inácio, o que acontecerá com quem não estiver disposto a se enquadrar nas novas normas diretivas da casa?

Olhando-o firmemente nos olhos, respondi, apontando com o indicador:

— A porta de saída do Hospital é aquela lá!...

Entusiasmado com o resultado da preleção, Manoel

Roberto interpelou-me:

— Quando, Doutor, teremos uma nova reunião semelhante?

— Espero que nunca — esclareci. — Você sabe que eu sempre fui avesso à reuniões de diretoria: muita teoria e pouca ação...

Saindo do Grande Auditório, fui direto para o meu gabinete, onde, trancando a porta, me deixei cair numa poltrona e comecei a meditar: não posso cometer no Hospital os erros que cometi no Sanatório... Dirigir, sim, com o coração, mas jamais abdicar da razão. Sem ordem e disciplina, até a prática do Bem termina descambando. Ser humilde não significa ser conivente com o que não está certo; os que contemporizavam para manter os seus cargos estão sendo omissos e indiferentes...

Enquanto refletia, instíntivamente levei a mão sobre pequeno banco almofadado, à procura de algo de que, há muito, eu estava sentindo falta... Ora, bolas, não deveria ser tão dificil assim conseguir, além da morte, um... bichano. Por que os gatos não haveriam igualmente de sobreviver?

Haveria, na Lei, alguma discriminação contra os animais?...

Chamando o incansável Manoel Roberto, solicitei que, o mais rápido possível, nem que tivesse que importar de algum lugar — e ele sabia de onde — providenciar um gato para mim, ou melhor, um casal de gatos!...

Fim